PLACAR
oferta maluca
R$ 3,90
PLACAR
www.placar.com.br
Abril 50 anos
EDMUNDO NO SANTOS
"Já ouvi 20 vezes que er minha última chance
EDÍLSON:
210 mil reais
por mês
Eles valem o que ganham?
Até que ponto faz sentido os clubes brasileiros gastarem fortunas em craques como Edílson?
ENTREVISTAS
Edinho do Pel
Antônio Carlo
Dung
Nild
TABELAS
Espanho
Italian
BR
FOTO EDUARDO MONTEIRO

Você faz tudo por amor ao esporte? O SportsJá! também não deixa por menos. Só aqui você encontra a maior e mais completa cobertura de todas as modalidades esportivas com a mais avançada tecnologia de áudio e vídeo: notícias on-line, colunistas exclusivos, chats com personalidades

e calendário com os principais acontecimentos. Além da escolha da Garota SportsJá! e das transmissões de rádio dos principais jogos de futebol
ao vivo pela Internet. Para saber tudo o que acontece no mundo dos esportes e abrir o seu e-mail gratuito, acesse já o nosso site: www.sportsja.com.

Os franco-atiradores

Nem só de funcionários vive uma revista. Uma publicação nacional como PLACAR, que precisa de notícias dos quatro cantos do país, não vive sem um outro exército: os *free lancers*, já devidamente aportuguesados como frilas. São repórteres e fotógrafos espalhados por todos os estados brasileiros que alimentam a revista com sugestões e boas reportagens. Esta edição é um bom exemplo de como nossos franco-atiradores são fundamentais.

Podemos começar pelo gaúcho Eduardo Monteiro, hoje um quase carioca que se orgulha de morar na Urca "com direito a vista para o JC" (para quem não sabe, "JC" é o Cristo Redentor). Edu, ajudado pelo repórter Marcelo Costa, conseguiu convencer o flamenguista Edílson a comparecer ao estúdio para a foto de capa. O brilhante resultado não deixa dúvidas do talento do fotógrafo. Colocou — com todo respeito, é claro — Edílson na banheira e capturou uma imagem incomum. Para completar, acompanhou um jogo de terceira categoria. São Cristóvão x União Barbarense, terceira divisão na veia.

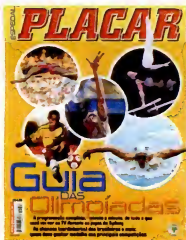
Outro exemplo? O mineiro Eugênio Sávio, responsável pela capa que circula em Minas Gerais. Juntar dois técnicos famosos para uma foto é tarefa das mais complicadas. Mais ainda quando eles dirigem times rivais. Pois Eugênio conseguiu reunir o técnico do Atlético-MG, Carlos Alberto Parreira, e Luiz Felipe Scolari, hoje no Cruzeiro. O encontro aconteceu no restaurante Xapuri, em Belo Horizonte, e um mini-estúdio foi montado para que a qualidade da foto estivesse garantida.

Em tempos de Jogos Olímpicos, PLACAR também aprontou uma boa surpresa para os leitores. Trata-se do Guia das Olimpíadas, que está chegando às bancas. Se a idéia for acompanhar as competições afundado no sofá, essa é uma edição indispensável. Tem a programação completa da TV, os prognósticos (reais, sem patriotadas) das principais provas, explicações fundamentais para entender esportes pouco divulgados como o hipismo e a própria natação.

SÉRGIO XAVIER FILHO, DIRETOR DE REDAÇÃO

EDUARDO MONTEIRO

JONAS ARAUJO

O capetinha Edílson posando para a capa nacional em um estúdio da zona sul carioca e Edu encarando a zona norte do Rio na reportagem da Terceirona: talento e trabalho duro

A edição olímpica que chega às bancas: prognósticos para as principais medalhas. E sem patriotadas!

MARÍLIA MALUF

O estúdio improvisado por Eugênio em um restaurante de BH: capa de qualidade para os supertécnicos em Minas

PERIGO: NESCAU PODE LEVAR A UMA VIDA CHEIA DE CONTRATEMPOS.

ENERGIA QUE DÁ GOSTO.

Sala de star

Romário, deitado na cara do gol em São Januário. Existe algum lugar em que o craque do Vasco possa se sentir mais à vontade?

FOTO EDUARDO MONTEIRO

Preparar, apontar... fogo

Eis o novo esporte praticado em terras gaúchas: arremesso de Ronaldinho. Já que o Grêmio não vem oferecendo muitos riscos ao adversário, a diversão é caçar e tentar jogar o mais longe possível o dentuço tricolor. No jogo Grêmio 0 x 1 Palmeiras, o zagueiro Tiago Mathias ficou com o melhor arremesso

FOTO ÉDISON VARA

Assim, ó!

Este Pantera não aprende mesmo. Até o adversário Ramón, do Atlético-MG, tentou ensinar que se deve cabecear sempre de olhos abertos. Mas o botafoguense Donizete não captou a mensagem e Botafogo ficou no 0 x 0 na estréia no Brasileirão 2000 contra o Galo

FOTO EDUARDO MONTEIRO

Sem estresse

A boleirada costuma ficar à beira de um ataque de nervos nos escanteios. Os corintianos Maurício, André e João Carlos estavam uma pilha. Muito barulho por nada. O sossegado Viola se espantou com tanta confusão, relaxou e se deu bem: Vasco 1 x 0 Corinthians

FOTO EDUARDO MONTEIRO

Futebol Brasileiro na SKY vira Brasileirão.

Através do Sportv e do sistema Pay-Per-View, você pode acompanhar as emoções de jogos exclusivos do futebol brasileiro e de Campeonatos Regionais, inclusive com transmissão para a cidade onde o jogo está acontecendo. Consulte SKY para saber mais informações sobre os jogos.

E tem mais esporte nos canais:

Mais do que promessas

Foi-se o tempo em que a garotada chegava crua nos Jogos Olímpicos. Os brasileiros de hoje são todos titulares em seus clubes e têm toda a chance de ficar com o ouro

EDSON VARA

No nosso time de 1972 tinha o Osmar Guarnelli, o Dirceuzinho e até o Dinamite era reserva. Mas não dava para encarar os 'amadores' dos países socialistas

Tive a oportunidade de participar como atleta dos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. Naquela ocasião, o Brasil tinha uma seleção amadora muito talentosa, mas que esbarrou na maior experiência e até mesmo na maior conformação física dos europeus. Notem bem que utilizei a palavra "amadora". Pois é, talvez os leitores mais jovens não tenham idéia exata de como era hipócrita o regulamento dos Jogos. Os países socialistas, que não tinham futebol profissional, levavam às Olimpíadas seus principais jogadores, os mesmos que disputavam Copas do Mundo, enquanto nós éramos obrigados a competir com equipes formadas por garotos que não haviam ainda se profissionalizado. Diante dessa brutal diferença, nossa campanha não podia mesmo ser considerada anormal: fomos derrotados pela Dinamarca, empatamos com a Hungria e perdemos o terceiro jogo, já eliminados, para o Irã. Ainda assim, foi uma participação frustrante naqueles Jogos que ficaram marcados pela ação violenta do movimento terrorista Setembro Negro contra atletas israelenses.

A Seleção Brasileira era promissora: Nielsen (Fluminense), Terezo (América), Fred (Flamengo), Osmar Guarnelli (Botafogo) e Celso (Palmeiras). No meio campo tinha o Rubens Galaxe (Flu), eu e o Dirceuzinho (Bota). O ataque contava com Pedrinho e Manoel (Inter) e Washington (Guarani). Um dos reservas do ataque, só para se ter uma idéia da força do time, era Roberto Dinamite. Mas éramos todos garotos. Quase nenhum de nós já havia atuado com o time profissional.

Hoje a Seleção Olímpica é formada basicamente por profissionais. Alguns já atuam na Europa, todos são titulares em suas respectivas equipes e têm experiência em confrontos internacionais. Acho que o Brasil está levando uma equipe muito forte para a Austrália e tem grandes perspectivas de conquistar o ouro olímpico, mesmo sem aproveitar a concessão de levar três jogadores com mais de 23 anos.

Os europeus também abriram mão dessa liberalidade. Itália e Espanha, possivelmente as duas únicas equipes em condições de fazer frente ao Brasil, contarão apenas com seus jovens. O Japão talvez utilize Nakata, astro do Roma e grande jogador, mas que certamente não fará grande diferença devido à desvantagem técnica do restante da equipe. Se vier alguma surpresa, certamente será de parte dos africanos. Camarões e Nigéria, como já ocorreu nas últimas edições dos Jogos, podem chegar à decisão. A Nigéria, inclusive, defende o título olímpico. Lembram a festa que Kanu fez com o Brasil em 1996? Naquela ocasião, vale lembrar, o Brasil levou três jogadores mais experimentados: Aldair, protagonista do inesquecível choque com Dida no jogo contra o Japão, Bebeto, que não deu a contribuição esperada, e Rivaldo, que era a grande esperança e se transformou em decepção.

Desta vez, sem os chamados veteranos, o Brasil não será menos experiente nem menos qualificado. Raras são as equipes que podem contar com a habilidade de Alex, o talento de Ronaldinho Gaúcho, a velocidade e o oportunismo de Lucas ou Giovanni. Quem pode achar que algum desses brasileiros está em nível inferior ao de Kanu ou Nakata?

Creio que Wanderley Luxemburgo e a CBF agiram corretamente ao desprezar o reforço dos mais experientes, pois a garotada da Seleção Olímpica tem futebol e competência para lutar pela medalha mais brilhante de Sydney.

TOPPER
A marca oficial do brasileiro.

Leveza.
ERICSSON
ERICSSON
ERICSSON

ERICSSON
Browser
Rapidez.
ERICSSON

Resistência.
ERICSSON
A Ericsson sabe que não é fácil ser o melhor na sua categoria. Por isso torce tanto pelos nossos atletas nas Olimpíadas.
ERICSSON
Faça o mundo te ouvir.

Chega de hipocrisia

Não funciona mais o marketing de jurar amor pelo clube e beijar o escudo. Os torcedores já conhecem o truque, só querem profissionalismo e futebol

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Com alguma freqüência, torcedores me abordam na rua ou me mandam e-mails para dizer que, na época em que eu jogava futebol, os atletas tinham amor à camisa, atuavam mais pelo prazer e que o esporte era muito mais romântico, bonito e lúdico. Reclamam que hoje os atletas só pensam em dinheiro e não têm orgulho de vestir as camisas de seus clubes e da Seleção.

Não é por aí. O mito do amadorismo romântico do passado não é totalmente verdadeiro. O futebol era mais alegre, gostoso, criativo, mas muito mais irresponsável. Os atletas pouco treinavam, jogavam menos e não tinham tanto amor à camisa. O futebol era uma diversão. Os jogadores também queriam ganhar mais e tinham os mesmos sonhos de consumo que os atuais. A diferença é que as cifras da época eram bem mais tímidas do que as de hoje.

Era comum jogadores fugirem da concentração, passarem noites na farra e beberem demais. Havia exceções. O Cruzeiro, pelo menos no tempo em que eu estive lá no final dos anos 60, tinha uma equipe de excelentes jogadores e profissionais. Quando chegava um diferente, malandro, ia embora ou mudava seu comportamento.

Já no Vasco as coisas mudaram de figura. Quando desembarquei em São Januário, fiquei assustado. A maioria dos jogadores pouco treinava, dormia tarde e não estava nem aí para as derrotas. Quase todos os dias havia uma festa. A concentração tinha uma função muito peculiar: servia mais para os atletas dormirem e recuperarem as energias desperdiçadas nas farras para o jogo do dia seguinte.

Os jogadores pouco treinavam e não tinham amor à camisa. Eles queriam ganhar mais e tinham os mesmos sonhos de consumo que os atuais. Fugiam da concentração, passavam noites na farra, bebiam demais

Hoje os jogadores são mais conscientes, mas parte deles só reclama de seus direitos. Não cumpre seus deveres. Trata-se de um pseudoprofissionalismo. Os jogadores precisam parar de beijar o escudo da camisa do clube, jurar amor eterno, dizer que torcem pelo seu novo clube desde menino. Chega de correr atrás de bolas perdidas só para o delírio do público. Aqueles carrinhos incríveis perto da linha lateral para salvar bolas impossíveis não tem razão de ser.

Os torcedores conhecem e não suportam mais estes truques, malandragens e hipocrisias. Querem autenticidade e franqueza. Menos marketing, mais profissionalismo e futebol. Os torcedores estão revoltados com os altos salários dos jogadores.

Qualquer atleta mediano ganha uma fortuna. Não quero bancar o moralista. Penso que eles devem ganhar de acordo com o que produzem e rendem ao clube, como acontece em qualquer empresa.

Evidentemente, não entram nos cálculos somente as rendas das partidas, mas também o dinheiro que a empresa e o clube faturam com a marca do atleta. É o contrato de imagem. Nem sempre existe uma relação direta entre a atuação do jogador e o que ele representa em faturamento.

Ronaldo, da Internazionale, apesar de ter jogado pouco na Itália por conta das incontáveis e gravíssimas contusões, deu lucro a seu clube. O torcedor não quer saber disso. Quer vê-lo jogar bem.

Os torcedores andam decepcionados com seus ídolos. Além de más atuações, os torcedores têm a ilusão de que os ídolos são pessoas especiais. Não são. São especiais por suas obras. São gente. Cheias de imperfeições e pecados. Ainda bem.

pele.net.
O MAIOR PORTAL DE FUTEBOL DE TODOS OS TEMPOS.

DIEGO MEDINA

O misterioso Zezinho

Hoje o time mais conhecido do Paraná é o Pato Branco. Graças a Zezinho, que perdeu um pênalti na final da segunda divisão. O jogo estava 0 x 0 e a penalidade saiu aos 45 do segundo tempo. O Pato Branco precisava do gol para ascender à primeira divisão, mas Zezinho chutou para fora. O locutor de uma rádio local desabafou: "Lá vai Zezinho, bateu... Puta que o pariu, pra fora!". A locução do narrador-torcedor, uma espécie de Galvão Bueno ao cubo, ganhou notoriedade por meio da rádio Jovem Pan, de São Paulo, e teria feito do locutor um sucesso nacional, caso ele existisse. "Esse jogo não aconteceu. O Pato Branco não disputa campeonato desde 1993", explica Inelci Matiello, narrador da Rádio Celinauta há 40 anos e, a princípio, o suspeito número um de ter feito a genial locução. Matiello, que viu o Pato Branco nascer, em 1979, diz que o time nunca teve um Zezinho. O jornalista Milton Neves, apresentador da rádio Jovem Pan e da TV Bandeirantes, foi o responsável pela divulgação da brincadeira. "O Zezinho tem o meu DNA", confirma Milton, que, no entanto, nega ter produzido a gravação. O jornalista diz que recebeu a narração por e-mail e confessa ter acreditado que ela era verdadeira. "Foi uma pegadinha positiva", diz Milton, que não conseguiu localizar o autor da brincadeira.

Rivaldo:

EDISON VARA

sob fogo cerrado

Rivaldo sempre recebeu muitas críticas aqui no Brasil por suas atuações irregulares na Seleção. Mas na Espanha o jogador era um ídolo intocável. Era. A principal revista espanhola de futebol, a *Don Balon*, publicou em agosto uma reportagem de capa centrando fogo no brasileiro. Veja alguns trechos do texto:

"Sua recusa em jogar na ponta (*motivo da briga com o ex-técnico do Barcelona Van Gaal*), foi uma falácia e um motivo de pressão para forçar um aumento de salário ou uma transferência"

"Ele não sente paixão por nenhuma equipe em especial. Sua identificação com o Barcelona é nula"

Achados e perdidos

Reza a lenda que certa vez um repórter perguntou para o atacante Ataliba (ex-Corinthians) o que ele havia achado de um jogo. A resposta virou parte do folclore do futebol: "Eu não achei nada, mas o meu colega ali encontrou uma correntinha no gramado." Pois o zagueirão César, do Fluminense, teve a mesma sorte que o companheiro de Ataliba na partida entre o tricolor carioca e o Bahia, na primeira rodada da Copa JH.

FOTOS EDUARDO MONTEIRO

Na disputa de bola, César ficou sem a correntinha, mas não perdeu tempo e a encontrou

Provocação argentina

PERFIL

Os nossos vizinhos não ficaram nada satisfeitos com a surra que tomaram do Brasil nas Eliminatórias. Como não ganharam em campo, trataram de dar o troco de uma maneira inusitada. Uma fábrica de camisinhas local espalhou pelas ruas de Buenos Aires o sugestivo cartaz ao lado com as iniciais dos dois países, insinuando que na partida de volta os brasileiros é que sofrerão.

MÊS EM FOTOS

2/8 Juninho Paulista se apresenta ao Vasco. Após passar pelo futebol inglês e espanhol, o meia retornou ao Brasil e se deu bem: voltou a freqüentar as listas de convocação de Wanderley Luxemburgo. EDUARDO MONTEIRO

3/8 Casa nova: ao lado do congolês Claude Makelele, Flávio Conceição, ex-La Coruña, posa com a camisa do Real Madrid no estádio Santiago Bernabeu. AFP

3/8 Tédio: Palmeiras e Botafogo empatam em 0 x 0 num jogo de dar sono. A novidade ficou por conta da estréia do atacante Túlio com a camisa do Botafogo. RENATO PIZZUTTO

ROGÉRIO PALLATTA

CHUTEIRA DE OURO 2000*

Parece que Romário não perde uma edição de PLACAR. No mês passado, alertamos neste mesmo espaço que ele estava dormindo no ponto e poderia perder a liderança da Chuteira de Ouro 2000, que premia o artilheiro brasileiro da temporada. E não é que o baixinho desembestou? Marcou oito gols entre Brasileiro e Mercosul e voltou a folgar na liderança.

Jogador	Mundial, Libert. e Sel. (3)	Copa BR e Copa dos Camp. (2)	Copas Reg. (2)	Estaduais (2)	Est. (1)	Bras. e Mercosul (2)	Ptos
1º Romário (Vas)	9 (3)	2 (1)	24 (12)	38 (19)		16 (8)	89
2º Ronaldinho (Gre)	42 (14)	6 (3)		22 (11)			70
3º França (SP)	3 (1)	10 (5)	10 (5)	36 (18)		4 (2)	63
4º Luizão (Cor)	45 (15)			12 (6)		4 (2)	61
5º Dill (Goi)		2 (1)	6 (3)		29	20 (10)	57
6º Uéslei (Bah)		8 (4)	8 (4)	38 (19)			54
7º Leonardo (ABC)		12 (6)	12 (6)		26		50
8º Guilherme (Atl-MG)	27 (9)	6 (3)	2 (1)	12 (6)		2 (1)	49
9º Lucas (Atl-PR)	18 (6)		6 (3)	22 (11)			46
10º Euller (Vas)	12 (4)		14 (7)	18 (9)			44

Regulamento

1 PLACAR dará o prêmio Chuteira de Ouro ao maior artilheiro do Brasil na temporada.
2 Será considerado vencedor o jogador que alcançar o maior número de pontos durante o ano.
3 A cada gol marcado, o jogador receberá um número determinado de pontos, conforme critério abaixo.
4 Só serão considerados os gols marcados em competições oficiais, sejam elas estaduais, regionais, nacionais ou internacionais, que envolvam clubes brasileiros. A exceção são os amistosos da Seleção.
5 As competições estão divididas em três grandes grupos, com pesos diferentes de acordo com a importância. Competições do primeiro grupo: jogos da Seleção Brasileira (pré-olímpica, inclusive), Mundial de Clubes da Fifa, Copa Toyota e Taça Libertadores. Competições do segundo grupo: Campeonato Brasileiro (Série A), Copa do Brasil, Copa Mercosul, Torneio Rio-São Paulo, Copa Sul-Minas, Copa Centro-Oeste, Copa Norte, Copa Nordeste, Copa dos Campeões, Campeonatos Carioca, Paulista, Mineiro, Gaúcho, Baiano, Pernambucano e Paranaense. Competições do terceiro grupo: Campeonato Brasileiro (séries B e C) e os outros campeonatos estaduais.
6 Podem concorrer todos os jogadores, brasileiros ou não, que atuam no Brasil.
7 Serão válidos os gols marcados entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2000, não sendo consideradas eventuais partidas realizadas no ano 2001 referentes a campeonatos iniciados em 2000.
8 Os casos omissos serão decididos pela redação de PLACAR.

* Até 25/8/2000. Entre parênteses, o total de gols marcados em cada competição.

SÉRGIO LAUS

Surgiu no Amapá uma versão diferente do futebol. Batizado de Ecobol, o novo jogo segue as regras básicas do velho esporte bretão, mas com algumas diferenças importantes. A mais visível: as partidas são disputadas num campo cheio de árvores. Chegar junto no adversário até pode, mas quem relar nos, digamos, obstáculos naturais, recebe uma punição ecológica: é obrigado a deixar o jogo por alguns minutos e chupar um limão. A nova modalidade nasceu durante a construção de um parque infantil em Macapá. "O intuito era a construção de trilhas com cabanas em volta das cúpulas das árvores. Então porque não fazer o campo entre as árvores?", conta o engenheiro Manoel Dias, idealizador do Ecobol. Para festejar a fundação da Federação Amapaense de Ecobol, o time do Ceta Ecotel (criado por Dias) jogou contra o do Batalhão da Polícia Ambiental do estado. Nos pênaltis, os policiais levaram a melhor.

POR SÉRGIO LAUS

meses é o tempo que levará a reforma do "Batistão", o principal estádio de Sergipe. Isso, se a promessa do governador do estado, Albano Franco, for cumprida e as obras forem entregues em março de 2001. O estádio – que foi construído em um terço desse tempo, 10 meses – está interditado desde dezembro de 1998, quando sua marquise desabou.

5/8 Lá vem ela! Jogadores do Barcelona se protegem durante uma cobrança de falta. A equipe espanhola empatou com a Lazio em 3 x 3 num torneio amistoso na Holanda. ©REUTERS

7/8 Mais um. O Flamengo segue montando um esquadrão para a disputa do Brasileirão e apresenta o atacante Edílson como novo reforço. Foi uma festa dupla: além de contar com mais um craque, o Fla evitou que o Capetinha acertasse com o Vasco. ©EDUARDO MONTEIRO

7/8 Da Paraíba para França. O meia Marcelinho, ex-São Paulo, exibe a camisa do seu novo time, o Olympique de Marselha. ©AFP

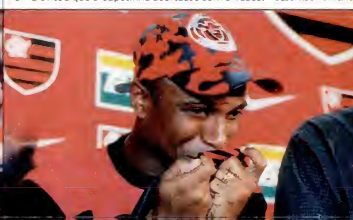



FOTO: EUGÊNIO SÁVIO

Cartão?
É comigo mesmo

Os adversários do Cruzeiro que se cuidem: os dois jogadores em atividade que mais cartões receberam em toda a história do Brasileirão jogam no time mineiro. Até o início da Copa João Havelange, o volante Donizete de Oliveira acumulava espantosos 59 cartões amarelos (um a cada 3,7 jogos) e nove vermelhos. O segundo colocado na lista é o **zagueiro Cléber**, com 53 amarelos (um a cada 3,1 jogos) e seis vermelhos. Entre os jogadores que atuam mais à frente, o rei das advertências é o Animal – ou Tubarão para os santistas – Edmundo, com 40 amarelos (um a cada 3,45 jogos) e seis vermelhos.

Casa nem tão corintiana

FOTOS RENATO PIZZUTO

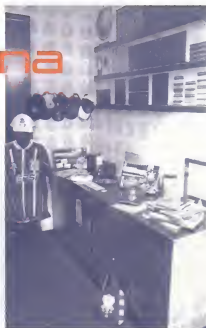
Para comemorar o lançamento de produtos oficiais com a marca Corinthians, o clube e as empresas que são suas parceiras montaram uma Casa Corintiana, com cômodos recheados com mais de 200 itens, de extrato de tomate a calcinha, com o distintivo do time. A residência modelo foi armada num elegante bufê em São Paulo, o que virou motivo de piada para os torcedores rivais do alvinegro: "Casa Corintiana? Mas não tinha que ser numa favela?"

VESTIBULAR

FOTO: RODOLPHO MACHADO

Teste os seus conhecimentos sobre a história do futebol.

1. A semifinal do Brasileiro de 1976 entre Fluminense e Corinthians foi decidida nos pênaltis. Quais jogadores do Flu erraram as cobranças?

a) Carlos Alberto e Rodrigues Neto
b) Dirceu e Rodrigues Neto
c) Carlos Alberto e Dirceu
d) Gil e Rodrigues Neto

2. Qual jogador brasileiro atuou com a camisa 9 na Copa de 58?

a) Vavá
b) Djalma Santos
c) Zózimo
d) Mazzola

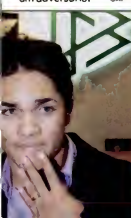
3. Na década de 70, vários clubes europeus que ganharam a Copa dos Campeões se recusaram a decidir o Mundial Interclubes e foram substituídos. Qual foi o único time "reserva" a ser campeão do mundo?

a) Juventus
b) Borussia Dortmund
c) Malmöe
d) Atlético de Madri

RESPOSTAS: 1 - A 2 - C, 3 - D

9/8 Alex Alves recebe uma suspensão de oito semanas por agredir um adversário. ©AP

9/8 O português Figo, hoje o jogador mais caro do mundo, volta ao seu país natal para disputar um amistoso entre o seu Real Madrid e o Sporting. O jogo terminou com vitória dos anfitriões por 2 x 1. ©AP

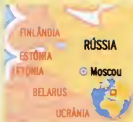
9/8 Animal na nova toca. Edmundo estréia com a camisa do Santos no empate em 1 x 1 com o São Paulo, na Vila Belmiro, pela Copa João Havelange. De apelido novo, Tubarão, o atacante teve uma atuação apenas razoável. Melhorou nos jogos seguintes. ©RENATO PIZZUTO

O DIA-DIA DAS ELIMINATÓRIAS

Só França, Japão e Coréia do Sul estão garantidos na Copa de 2002. PLACAR acompanha mundo afora a campanha das outras seleções por uma vaga no próximo mundial.

16/8 ›› SAN PEDRO DE LA PAZ (CHILE)
Em meio à festa na rua pela vitória chilena por 3 x 0 sobre o Brasil, o torcedor Javier Torres, embriagado, se atira num lago e não volta à tona. Seu corpo foi resgatado horas depois. Nas comemorações no Chile, houve duas mortes, 50 prisões e dezenas de feridos.

16/8 ›› TALLINN (ESTÔNIA)
Começam as Eliminatórias na Europa. A Estônia bateu Andorra por 1 x 0, gol de Martin Reim, de pênalti, aos 18 do segundo tempo.

16/8 ›› TEGUCIGALPA (HONDURAS)
A Seleção de São Vicente e Granadinas perde por 6 x 0 para Honduras. Em três jogos pela fase semifinal, a equipe do pequeno arquipélago caribenho levou 14 gols e fez apenas um, perdendo também para Jamaica (0 x 1) e El Salvador (1 x 7).

21/8 ›› JOHANNESBURGO (ÁFRICA DO SUL)
O português Carlos Queiroz, ex-técnico de Portugal e Emirados Árabes, é anunciado como novo treinador da África do Sul. Carlos Alberto Parreira havia sido cogitado para o cargo. Queiroz dirigiu em agosto a Seleção da Fifa que levou de 5 x 1 da França.

21/8 ›› MOSCOU (RÚSSIA)
O técnico Oleg Romantsev anuncia que o zagueiro camaronês Jan-Christian Tchuise, de 25 anos, do Spartak de Moscou, conseguiu a cidadania russa e será convocado para as Eliminatórias. Será o primeiro jogador negro da Seleção Russa.

MAPAS ALEX ARGOZINO

Comissão técnica se faz em casa

JÁDER DA ROCHA

Em pé: Carazzai, Joel Mendes, Fito Neves, Paquito e Krüger. Agachados: Leomir, Edson, Gil, Tico e Serginho

O Coritiba entregou o futebol do clube a quem conhece do assunto. Dez ex-craques da equipe fazem parte da comissão técnica do Coxa, do técnico dos juvenis ao coordenador de futebol:

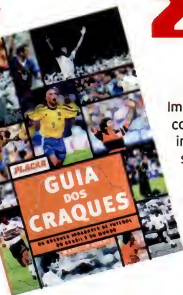
Carazzai	coordenador de futebol (zagueiro, anos 60)
Fito Neves	técnico (meia, anos 70)
Paquito	auxiliar técnico (atacante, anos 70)
Edson	auxiliar técnico (atacante, anos 80)
Joel Mendes	treinador de goleiros (goleiro, anos 60 e 70)
Dirceu Krüger	diretor dos amadores (meia, anos 60 e 70)
Serginho	técnico dos juvenis (meia, anos 80)
Leomir	técnico dos juniores (volante, anos 80)
Gil	preparador físico dos juniores (atacante, anos 80)
Tico	gerente de futebol (lateral, anos 70)

"O TETO NO PALMEIRAS É MUITO BAIXO"
DO GOLEIRO MARCOS, RECLAMANDO NÃO DOS VESTIÁRIOS, MAS DOS SALÁRIOS DO SEU CLUBE

ALEXANDRE BATTIBUGLI

9/8 Cabeça feita. Com um visual novo, digamos, o atacante Jardel comemora o segundo gol do Galatasaray na vitória por 2 x 1 contra o Saint Gallen, da Suíça, num jogo válido pela fase classificatória da Copa dos Campeões. ©REUTERS

10/8 Garoto-propaganda. Pelé faz sucesso na Bolsa de Valores de Nova York, onde foi dar uma forcinha para Petrobrás, que lançava ações no mercado internacional. ©REUTERS

12/8 Roger vibra ao marcar o segundo gol da Seleção Sub-23 contra o Chile. O Brasil ganhou o amistoso por 3 x 0 e Roger uma vaga para Sydney. ©AFP

2 x 0 no Placar

Imperdíveis. Os dois livros que PLACAR lança em conjunto com a divisão Multimídia da Editora Abril em setembro são imperdíveis mesmo. Não se trata de cabotinismo, as duas edições são de fato uma grande contribuição à história do futebol. O primeiro livro é o Almanaque do Timão e leva a assinatura do nosso ex-editor Celso Unzelte. O segundo é o Guia dos Craques, escrito por outro placariano, o ex-diretor Marcelo Duarte. Duas obras de referência, que podem ser encontradas em livrarias e bancas de jornal e que merecem um lugar de destaque em qualquer biblioteca. Confira por quê:

Almanaque do Timão

Pense em qualquer dúvida envolvendo o Corinthians. Qualquer uma mesmo. Lá estará a resposta. O jornalista e pesquisador Celso Unzelte passou os últimos seis anos atrás de todos os registros dos 90 anos do clube completados em 1° de setembro. No livro, estão as fichas dos 4 536 jogos, 1 042 biografias de todos os jogadores que já passaram pelo Timão, recordistas, técnicos, um show. Lendo as páginas se descobre que o atacante Teleco é dono de uma média de gols superior até a de Pelé (0,95 a 0,93 gol por jogo). Para escrever o livro, Celso pesquisou mais 50 mil exemplares de jornais em busca de um amistoso perdido do Corinthians. (548 páginas, 12,90 reais)

Guia dos Craques

O outro lançamento de PLACAR está para o futebolista como a Bíblia está para um cristão. Onde foi mesmo que Casagrande jogou, quais foram as taças levantadas por Müller? Essas são apenas algumas das perguntas respondidas pelo jornalista e escritor Marcelo Duarte. Com uma equipe de cinco pessoas, Marcelo passou seis meses preenchendo as lacunas da esburacada história do futebol. As edições *Quem é Quem* publicadas por PLACAR em 1991 e 1999 foram o ponto de partida da edição que tem os clubes, os títulos e as curiosidades de 1 212 jogadores de todos os tempos. (460 páginas, 9,90 reais)

13/8 Christian disputa bola com Luis Satorra, do Sedan. O PSG, onde joga o brasileiro, venceu a partida, válida pelo Campeonato Francês, por 2 x 1. ©AFP

15/8 Baile. O atacante Zamorano festeja o segundo gol do Chile no jogo contra o Brasil pelas Eliminatórias da Copa. Os chilenos encaçaparam a Seleção de Wanderley Luxemburgo por 3 x 0. ©AP

19/8 Ilusionismo. Alan Smith, do Leeds United, tenta levitar na frente do goleiro Paul Gerrard, do Everton. A mágica deu certo e o Leeds venceu por 2 x 1 na primeira rodada do Campeonato Inglês. ©REUTERS

Literatura olímpica

Brasileiros Olímpicos

Os jornalistas Jorge Luiz Rodrigues, Lédio Carmona e Tiago Petrik contam a epopéia brasileira na história das Olimpíadas. São 189 histórias de atletas, dirigentes e até de desconhecidos dos jogos de 1920 até 1996. (224 páginas, 28 reais)

Os Arquivos das Olimpíadas

Um livro para fanáticos e torcedores bissextos. Os fanáticos vão adorar a parte final, onde estão todos os medalhistas desde os jogos de 1896. Quem não é tão doente vai preferir os perfis dos heróis brasileiros e dos superatletas internacionais, as descrições de cada uma das Olimpíadas. Quem assina o livro é o jornalista Maurício Cardoso, atual editor da Revista Veja. (696 páginas, 42 reais)

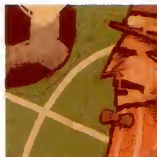
O futebol, ...

O livro "No país do futebol", do antropólogo Luiz Henrique Toledo, da Universidade de São Paulo (Jorge Zahar, 80 págs., 14 reais), é um bom exemplo do que acontece quando intelectuais tentam explicar a paixão do brasileiro pelo futebol. PLACAR traduz.

"Se as terminologias estabelecidas nos manuais consistiram num primeiro solo comum para as discussões e teorizações sobre as possibilidades de viabilizar o futebol entre os praticantes, por outro lado, a fruição a partir da condição de torcedor cada vez mais minimizou esse acesso ao conhecimento esportivo enquanto possibilidade de aprendizado e vivência."

TRADUÇÃO PLACAR

"O que interessa é bola rolando, o resto é papo furado"

"(*No amadorismo*) havia a predominância de um certo *ethos* civilizador que se tencionava emprestar ao jogo, tributário das representações arraigadas que o definiam, antes de tudo, como elemento educador para as elites que o cultivavam. Aspecto que não desapareceu (...) com o caráter mais universalista apregoado pelos arautos do profissionalismo."

TRADUÇÃO PLACAR

"Quando entra grana no meio, babau gentileza"

"É dessa paradoxal falta de consenso que se articula uma identidade negociada e sempre inacabada. Mais do que um mero espetáculo consumível, o futebol consiste num fato da sociedade, linguagem franca de domínio público, dos fundamentos às representações coletivas, que reencanta a dimensão da vida cotidiana através de sua estética singular."

ILUSTRAÇÕES MILTON TRAJANO

TRADUÇÃO PLACAR

"Gol é festa. É disso que o povão gosta"

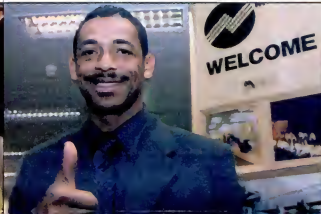
Outros lançamentos

É duro encontrar uma boa pesquisa. Pois o historiador Leonardo Affonso de Miranda Fereira faz um ótimo apanhado sobre o futebol carioca no início do século em "Footballmania". (376 páginas, 29 reais)

Se todos os clubes fossem iguais à Ponte Preta... Certo, os campineiros nunca ganharam nada, mas têm um livro sobre a sua história centenária. Trata-se de "O Início de uma Paixão", do professor José Moraes dos Santos Neto. (102 páginas, 10 reais)

22/8 Com a bola cheia. A atriz Danielle Winits dá o pontapé inicial no jogo Flamengo 1 x 2 River Plate, na estréia de Edílson no rubro-negro. ©EDUARDO MONTEIRO

23/8 Benne venuto. Vampeta desembarca no aeroporto de Milão, a nova cidade onde irá morar. O ex-volante do Corinthians foi contratado pela Internazionale por 15 milhões de dólares. ©AFP

23/8 O bom filho à casa torna. Enquanto aguarda a definição do Parma sobre o time que irá defender, Alex treina nos júniores do Coritiba, clube que o revelou. ©JÁDER DA ROCHA

Ops, caiu na alfândega

Antes da estréia na Copa João Havelange, a Portuguesa fez uma excursão a Portugal. Para o time o saldo foi negativo, nenhuma vitória em cinco jogos. Mas os jogadores aproveitaram a viagem para fazer umas comprinhas. Na volta, PLACAR conseguiu fazer uma "revista" na mala do **volante Simão**, que topou mostrar e explicar sua tralha toda.

FOTOS RENATO PIZZUTO

Uniforme» só duas peças de treino. O jeito é apelar para a lavanderia dos hotéis

Kit Atleta de Cristo 1» bíblia e livro evangélico usados nas orações feitas ao lado de Evandro, Elson e Cafu

Kit Atleta de Cristo 2» discman e CDs religiosos, todos comprados no Brasil. "Em Portugal não encontrei nenhum CD com louvores"

Agenda eletrônica» "Uma lembrancinha, nada cara por causa da cota de 500 dólares." Viu, Ronaldo?

Produtos de higiene pessoal» afinal, boleiro também dá um trato na carcaça

"O pessoal falou que o azeite de lá é muito bom"

Mimos para a família» "São perfumes. Mas não são portugueses"

RÓBSON FRANCO

Isso é que é técnico prestigiado

Ele não recebe salários milionários e nunca foi cotado para dirigir a Seleção. Mas **Aderbal Lana**, do São Raimundo-AM, é o técnico há mais tempo no comando de um clube brasileiro. Aqui, algumas pérolas do folclórico treinador:

São Raimundo
"Quando comecei aqui, íamos jogar fora de casa torcendo para o time adversário não ter um uniforme igual ao nosso, porque só tínhamos um jogo de camisas."

Lana x Felipão
"Joguei contra o Palmeiras, do Felipão, ano passado. Estávamos vencendo no Parque Antártica e só perdemos porque meu goleiro se machucou e tivemos que improvisar um goleiro dos juniores. Para você ver: todos os jogadores do Palmeiras tinham passado por Seleção. Os meus jogadores começaram aqui mesmo na região."

Salários
"A diferença entre eu e os principais técnicos do Sul é o salário e a estrutura. Aí, a distância é de Manaus a São Paulo a pé. Eu ganho entre 15 mil e 20 mil reais, mas só porque estou aqui há quatro anos e mostrei minha competência."

Lana x Luxemburgo
"Fora o salário, eu não sou diferente do Luxemburgo em nada. Tenho mostrado resultados tão bons quanto ele. Fui tricampeão estadual, bicampeão da Copa Norte e semifinalista da Copa Conmebol."

ATAQUE E CONTRA ATAQUE

A Seleção Brasileira deve ser formada apenas por jogadores que atuam no Brasil?

FOTOS AG. LUMIAR

SIM X **NÃO**

"Acho válido para dar chance aos mais novos, mesmo abrindo mão da experiência."
LEONARDO, ATACANTE DO SPORT

"Tem que mesclar. Quando a vaca vai para o brejo, sempre buscam os mais experientes."
DARCI, MEIA DO SANTA CRUZ

O craque virou juiz ladrão

EDISON VARA

Ronaldinho Gaúcho fez sucesso no comercial de uma marca de refrigerantes no qual aparece como uma criança que sonhava ser juiz. Já marmanjo, o atacante do Grêmio ajudou a incentivar ainda mais a propaganda fantasiosa. "Realizei meu desejo de ser árbitro", disse o jogador após apitar, no último dia 18 de agosto, um jogo entre as escolinhas do Grêmio e da Juvesa, uma concessionária de automóveis que foi a primeira patrocinadora do craque. Antes de a partida começar, Ronaldinho implorava a todos: "Não xinguem minha mãe, ela é tão boazinha!". Os torcedores respeitaram o pedido, mas, pela força do hábito, alguns não abriram mão dos gritos de "juiz ladrão".

Crise de identidade

Nascido da fusão entre Colorado e Pinheiros, o Paraná Clube dominou o futebol paranaense nos anos 90, ganhando seis estaduais. Mas o jejum de três anos sem conquistas trouxe o temor de que o clube siga o mesmo caminho de um de seus antepassados, o Colorado, que nasceu em condições semelhantes à do Paraná Clube: fruto de uma fusão, rico em patrimônio, mas vacilante nos objetivos. "Uma hora o Colorado se contentou em ser sempre o terceiro. Aí foi o fim", analisa Ernani Buchmann, ex-presidente do Paraná. Desde o rebaixamento para a segunda divisão do Brasileirão em 1999, a torcida também anda desanimada. A maior prova é que uma pesquisa para definir o novo uniforme do time não chegou ao fim devido à baixa adesão da galera. Por isso, uma versão mais moderna da camisa do clube (foto acima) não vingou. Virou apenas a terceira opção de uniforme.

FREDERIC JEAN

"LUXEMBURGO PROVA A CADA ENTREVISTA QUE O DICIONÁRIO É UMA IGUARIA: ELE COME OS 'S' DAS PALAVRAS"
DO RADIALISTA MILTON NEVES

ONDE ANDA?

O Gama dos anos 70

Hoje, o Gama é a sensação de Brasília. Mas o Distrito Federal já teve um time de igual popularidade. Criado em 1969 por universitários do Centro de Ensino Unificado de Brasília, o Ceub foi a primeira equipe brasiliense a disputar a divisão principal do campeonato nacional, em 1973.

Entretanto, a vida da equipe foi curta. A primeira edição do Campeonato Brasiliense, em 1976, marcou também o fim do Ceub. O time ganhou os dois primeiros turnos. Liderava o terceiro e último quando a federação local virou a mesa, determinando que fosse disputado um quadrangular para apontar o campeão e representante do Distrito Federal no Brasileirão. A diretoria do Ceub não aceitou. "Eles fizeram isso para beneficiar o Brasília", acusa o ex-presidente do clube, o advogado Adilson Peres. Irritado com a posição do Ceub, Heleno Nunes, presidente da antiga CBD (hoje CBF), determinou que o Distrito Federal não teria representante no Brasileiro. A manobra antecipou o fim do clube, que também tinha problemas financeiros.

Hoje, tudo o que restou do Ceub foram troféus e recortes de jornais guardados no escritório de Peres. "Sinto saudade daquele time", afirma o advogado, que, recentemente, ajudou nas negociações que incluíram o Gama no Brasileirão deste ano.

LEMBRA DELES?

IVAN CARNEIRO

Wilson Mano
O antigo coringa corintiano virou técnico em 1998. Procura um clube para treinar.

PEDRO MARTINELLI

Antognoni
Campeão do mundo em 1982, o ex-meia da Seleção Italiana é diretor geral da Fiorentina.

RONALDO KOTSCHO

João Paulo
O ex-atacante dá aulas de futebol num projeto comunitário em São Paulo.

TÚNEL DO TEMPO

CARLOS FENERICH

CÓRDOBA, 3 DE JULHO DE 1987

No último dia 15 de agosto, o Brasil apanhou feio do Chile por 3 x 0. Muitos consideraram inadmissível a derrota. Mas basta recuar 13 anos no tempo para lembrar que já passamos por um vexame maior. Na Copa América de 1987, a Seleção, comandada por Carlos Alberto Silva, foi goleada pelos chilenos por 4 x 0. A reportagem de PLACAR sobre o jogo tinha o seguinte título: "O desastre e a dúvida". Logo abaixo do título, a indagação: "Será que passaremos pelas Eliminatórias para 1990?". A Seleção passou, mas antes trocou de técnico...

VENCEDORES & PERDEDORES

Goiás Além de revelar mais um artilheiro, Dill, o time segue na luta pela liderança da Copa JH. Parece ser o único clube a levar o torneio a sério.

Rogério Ceni Além de estar jogando muito, deve ter um pai-de-santo forte. Com a má fase de Dida e as lesões de Marcos, Carlos Germano e André, ganhou a posição de titular da Seleção.

Allann Delon O astro do Vitória disputa com Dill a artilharia do Brasileirão e já transformou muitos atacantes consagrados em figurantes no torneio.

Clube dos 13 Os cartolas dos grandes clubes provaram que não são do ramo. Se é para organizar um Brasileiro como o deste ano, chama a CBF de volta, pelo amor de Deus!

Dida Desde as Olimpíadas de Atlanta, o Brasil grita: "Sai do gol, Dida!" Ele não ouviu e acabou saindo é da lista de convocados do Luxemburgo.

Rede Globo O fracasso da Copa JH respingou nos índices de audiência da emissora, que passou a apelar para pesquisas interativas e muita conversa mole durante as transmissões.

EDISON VARA

Albergue Olímpico

Vá lá que o inverno tenha sido rigoroso, mas o pessoal do Grêmio exagerou no visual Casas Pernambucanas. Tentando espantar o frio durante a derrota por 1 x 0 para o Palmeiras pela Copa João Havelange, a turma do banco de reservas do Grêmio parecia mais um bando de desabrigados se refugiando no estádio Olímpico.

Complete seu guia

O Guia do Brasileirão de PLACAR está imbatível nos dados e estatísticas sobre os jogadores e técnicos dos 25 clubes do Módulo Azul da Copa JH. Mas, como alguns times se reforçaram após o fechamento dessa edição especial, aqui está mais uma série de fichas para atualizar o seu Guia.

Atlético-MG

VALDIR

Atacante

Valdir de Moraes Filho, 28 anos (15/3/72), 1,79 m, 72 kg, Rio de Janeiro (RJ)
Clubes: Vasco (92 a 95), São Paulo (96/97), Benfica-POR (97), Atlético-MG (97, 98 e desde 2000), Botafogo (99) e Santos (2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1992	Vasco	1	0	0	0
1993	Vasco	14	7	0	0
1994	Vasco	21	5	1	1
1995	Vasco	16	10	2	1
1996	São Paulo	21	5	1	0
1997	Atlético-MG	28	16	8	0
1998	Atlético-MG	22	17	2	0
1999	Botafogo	20	5	3	0
Total		143	65	17	2

São Paulo

Atacante

Marcelo Silva Ramos, 27 anos (25/6/73), 1,77 m, 72 kg, Salvador (BA)
Clubes: Bahia (91 a 94), Cruzeiro (95/96), PSV Eindhoven-HOL (96/97), Cruzeiro (97 a 99), Palmeiras (2000) e São Paulo (desde 2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1992	Bahia	17	8	1	0
1993	Bahia	14	6	2	0
1994	Bahia	26	7	2	0
1995	Cruzeiro	22	15	3	0
1997	Cruzeiro	24	10	1	0
1998	Cruzeiro	28	8	3	0
1999	Cruzeiro	21	6	1	0
Total		152	60	13	0

São Paulo

Meia

Joubert de Araújo Martins, 25 anos (7/1/75), 1,73 m, 76 kg, Cuiabá (MT)
Clubes: Botafogo-RJ (94 a 96), Napoli-ITA (96/97), Grêmio (97/98), Flamengo (98 a 2000) e São Paulo (desde 2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1994	Botafogo	22	0	4	0
1995	Botafogo	23	0	4	0
1997	Grêmio	14	3	4	0
1998	Flamengo	19	6	3	2
1999	Flamengo	16	1	2	0
Total		94	10	17	2

SELEÇÃO BRASILEIRA
18 partidas/2 gols

Vasco

Atacante

Osvaldo Giroldo Júnior, 27 anos (22/1/73), 1,67 m, 65 kg, São Paulo (SP)
Clubes: Ituano-SP (90 a 92), São Paulo (93 a 95), Middlesbrough-ING (95 a 97), Atlético de Madrid-ESP (97 a 99), Middlesbrough-ING (99/2000) e Vasco (desde 2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1993	São Paulo	16	1	2	0
1994	São Paulo	19	1	3	1
1995	São Paulo	9	0	1	0
Total		44	2	6	1

SELEÇÃO BRASILEIRA
29 partidas/3 gols

Botafogo

Atacante

Túlio Humberto Pereira da Costa, 31 anos (2/6/69), 1,72 m, 68 kg, Goiânia (GO)
Clubes: Goiás (88 a 92), Sion-SUI (92/93), Botafogo-RJ (94 a 96, 98 e desde 2000), Corinthians (97), Vitória-BA (97), Fluminense (99), Cruzeiro (99) e São Caetano-SP (99/2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1988	Goiás	17	5	0	0
1989	Goiás	18	11	0	0
1990	Goiás	18	7	0	0
1991	Goiás	16	14	3	0
1992	Goiás	18	10	0	0
1994	Botafogo	25	19	3	0
1995	Botafogo	24	23	2	0
1996	Botafogo	23	13	1	0
1997	Vitória	24	9	2	0
1998	Botafogo	22	10	3	0
Total		205	121	14	0

SELEÇÃO BRASILEIRA
15 partidas/13 gols
BOLA DE PRATA
Jogador - 1989, 1991 e 1995
Artilheiro - 1989, 1994 e 1995

Cruzeiro

Meia

Sérgio Manoel Júnior, 27 anos (2/3/73), 1,75 m, 68 kg, Santos (SP)
Clubes: Santos (89 a 92), Fluminense (92/93), Santos (93), Botafogo (94/95), Cerezo Osaka-JAP (96/97), Grêmio (97), Botafogo-RJ (98 a 2000) e Cruzeiro (desde 2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1989	Santos	1	0	0	0
1990	Santos	17	0	5	0
1991	Santos	14	1	2	0
1992	Santos	16	0	4	0
1993	Santos	15	2	5	0
1994	Botafogo	24	1	6	1
1995	Botafogo	25	2	5	0
1997	Grêmio	19	2	5	0
1998	Botafogo	21	1	6	0
1999	Botafogo	20	4	6	0
Total		172	13	44	1

SELEÇÃO BRASILEIRA
5 partidas/nenhum gol

Goiás

Atacante

Evair Aparecido Paulino, 35 anos (21/2/65), 1,83 m, 80 kg, Crisólia (MG)
Clubes: Guarani (85 a 88), Atalanta-ITA (88 a 91), Palmeiras (91 a 94 e 99), Yokohama Flugels-JAP (94 a 96), Atlético-MG (97), Vasco (97), Portuguesa (98), São Paulo (2000) e Goiás (desde 2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1986	Guarani	32	23	2	0
1987	Guarani	18	9	0	1
1992	Palmeiras	8	2	1	1
1993	Palmeiras	16	5	1	1
1994	Palmeiras	28	13	1	0
1997	Vasco	28	8	3	0
1998	Portuguesa	27	7	4	0
1999	Palmeiras	17	7	2	0
Total		174	74	14	3

SELEÇÃO BRASILEIRA
24 partidas/6 gols

Santos

Atacante

Edmundo Alves de Souza Neto, 29 anos (2/4/71), 1,73 m, 72 kg, Rio de Janeiro (RJ)
Clubes: Vasco (92, 96/97 e 99), Palmeiras (93 a 95), Flamengo (95), Corinthians (96), Fiorentina-ITA (98/99) e Santos (desde 2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1992	Vasco	23	8	3	0
1993	Palmeiras	19	11	4	1
1994	Palmeiras	21	9	6	1
1995	Flamengo	14	2	4	0
1996	Vasco	16	9	7	1
1997	Vasco	28	29	10	3
1999	Vasco	17	13	6	0
Total		138	81	40	6

SELEÇÃO BRASILEIRA
38 partidas/9 gols
BOLA DE PRATA
Jogador - 1993 e 1997
Artilheiro - 1997

Vitória

Atacante

José Roberto Gama de Oliveira, 36 anos (16/2/64), 1,73 m, 68 kg, Salvador (BA)
Clubes: Vitória (83/84), Flamengo (84 a 88 e 96), Vasco (89 a 92), La Coruña-ESP (92 a 95), Sevilla-ESP (96/97), Vitória (97), Botafogo (98/99), Toros Neza-MEX (99), Kashima Antlers-JAP (2000) e Vitória (desde 2000)

HISTÓRIA NO BRASILEIRO

Ano	Clube	J	G	CA	CV
1984	Flamengo	11	5	0	0
1985	Flamengo	22	9	4	0
1986	Flamengo	17	5	1	0
1987	Flamengo	14	6	1	0
1988	Flamengo	14	9	2	0
1989	Vasco	12	6	0	1
1990	Vasco	8	1	0	0
1991	Vasco	8	3	0	0
1992	Vasco	25	18	1	0
1996	Flamengo	15	7	0	0
1997	Vitória	8	7	0	0
1998	Botafogo	17	9	3	0
Total		171	85	12	1

SELEÇÃO BRASILEIRA
112 partidas/55 gols
BOLA DE PRATA
Jogador e artilheiro - 1992

EDUARDO MONTEIRO

Senzala dos 13

Depois de acabar com a credibilidade do Brasileirão, a mais nova vítima do Clube dos 13 é o volante Reidner. Com três meses de salários atrasados no Botafogo, o jogador entrou na Justiça para obter seu passe. Nesse meio tempo, Reidner assinou um contrato com o Atlético-MG, que, pressionado pelo Clube dos 13, voltou atrás. "O Clube dos 13 determinou para o Atlético que ele estava proibido de contratar o jogador", afirma a advogada de Reidner, Gislaine Nunes. Na verdade, a entidade decidiu que nenhum dos seus membros poderia acertar com o ex-volante do Botafogo ou qualquer outro jogador que entre na justiça para reivindicar o passe. Na prática, os jogadores voltaram a ser tratados como escravos pelo cartel do futebol. "Foi uma decisão radical, contra as leis brasileiras", diz Reidner.

3X4

Juca

O meia do Internacional tenta seguir a trilha de sucesso do tio, o técnico Paulo César Carpegiani

AG. RBS

JULIANO ROBERTO ANTONELLO

Idade: 20 anos (19/11/1979)
Nascido em: Passo Fundo (RS)
Altura: 1,78 m
Peso: 74 kg
Chuteira: 39

3 TIOS de Juca (irmãos de sua mãe) foram jogadores de futebol. Todos eram meio-campistas: Borjão, Édson e Paulo César Carpegiani

4 GOLS de falta este ano, incluindo o golaço na vitória contra o Botafogo. Ele executa cerca de 50 cobranças em cada treino

24 é o número da camisa do jogador na Copa JH. Juca não se importa: "Nem sabia que era o número do veado"

80 REAIS ele gasta todo mês para ir de sua casa aos treinos de ônibus, pois ainda não tem carro

52 DIAS esteve afastado do futebol este ano devido a uma fratura na mandíbula

MESA REDONDA | POR MARIA BEATRIZ SOARES

maria.beatriz@macbbs.com.br

MILTON TRAJANO

A colunista de sexo da revista VIP adora observar os homens. Num bar, ela ouve a conversa da mesa ao lado e tira lá suas conclusões.

FOME DE BOLA

— Meteram a boca mesmo. Também, o Falcão disse que o peru estava crescendo no ...ogo!

Peru crescendo no fogo? Que prato será esse, pensei, um bolo salgado? Curioso... Três bonitões discutindo culinária.

— Os brasileiros liquidaram o Peru.

Ah, um almoço de confraternização, eu deveria ter imaginado. Os engravatados tão elegantes trabalham numa empresa multinacional e, pelo visto, os nossos compatriotas foram os que mais apreciaram o tempero da ave.

— O que você achou do Galo na semana passada?

Bem, desculpe-me, aí eu já discordo. Não há mestre-cuca que me convença a comer galo. Sou mais um galeto bem tenro.

— Engoliu a bola, tremendo frango!

Guloso! Esse é dos meus, o moreno de barba. Eu também prefiro frango a peru, a carne é macia e leva menos tempo no forno.

O mais jovem dos executivos tirou os óculos de aros transparentes e se lamentou:

— E, no domingo, o Peixe afundou...

Este time aí da mesa do lado está ficando cada vez mais interessante. Amantes da gastronomia, têm bom apetite mas não perdem a forma (é, confesso, conferi as barrigas pelas aberturas dos paletós) e ainda pescam o próprio peixe antes de prepará-lo!

O meu, grelhado, por favor. Com alcaparras e batatinhas coradas.

Não esqueça do vinho.

A sobremesa fica por minha conta, querido. Uma fruta perfeita para essa sua fome de bola.

41% de redução no salário. Essa é a má notícia que o técnico da Seleção Boliviana, Carlos Aragonés, recebeu da federação de futebol local. Seu ordenado cairá de 17 mil para 10 mil dólares. A medida é justificada pela situação econômica do país, mas a péssima campanha da Bolívia nas Eliminatórias influenciou. Se a moda pega, hein, Wanderley?

O MUNDO É UMA BOLA | POR PAULO VINICIUS COELHO

O brasileiro Deco, do Porto: vantagens na nova liga

Primo pobre

Por aqui, é tempo de Copa João Havelange. Aquele torneio que serviu para prorrogar por mais um ano o contrato com as emissoras de televisão, já tão pobrinho se comparado com os que se renovam a cada ano pelo mundo afora. Vá lá que o Brasil não esteja entre as maiores economias do planeta e que seja distante o sonho de uma liga maravilhosa, cheia de cifrões divididos pelos principais clubes. Holanda, Escócia, Bélgica e Portugal também não têm motivos para sonhar em participar da nova ordem do futebol. Principalmente se a Super Liga Européia nascer, como ainda se planeja.

Os times da Holanda, por exemplo, ganham 1,5 milhão de dólares por ano das emissoras de TV. É pouco comparado com o resto da Europa, mas como sonhar com mais se a liga holandesa tem só três clubes dignos de respeito? E Portugal, então, onde só agora, depois de 18 anos, o Sporting conseguiu voltar à elite, que reúne três clubes? Sozinhos, cada um desses países não tem um futuro positivo, a médio prazo.

Então, por que não unir forças? Pois os caras estão pensando nisso. Se a liga européia nascer, com potências como Manchester United, Bayern de Munique, Juventus, Milan, Barcelona, outra liga, bem mais tímida, mas com sonhos de grandeza, nascerá junto. Nela estarão os clubes de Bélgica, Escócia, Holanda, Portugal e, talvez, Suécia e Noruega. Seria quase uma Segunda Divisão da Europa, mas... "É o único jeito de não sermos só exportadores de jogadores", diz o presidente do PSV Eindhoven, Harry van Raaij. É só um remendo, mas eles tentam como podem. Enquanto isso, do lado de cá do Atlântico...

VOCÊ SABIA?

Agora vai?

A Internazionale mudou seu escudo mais uma vez. Em 1989, quando foi campeã pela última vez, usava uma cobra estilizada do lado esquerdo do peito. O escudo mudou e não funcionou. Agora, de novo, uma nova versão. Será que isso vai devolver o escudeto ao clube, que não ganha há 12 anos?

Gerd Müller, com o francês Papin: "Hoje, ninguém forma jogadores como a França"

CURTA

NA ARGENTINA PODE

O San Lorenzo vai fechar este mês seu acordo de parceria com a ISL, a mesma que, no Brasil, tem o controle de Flamengo e Grêmio. Especulava-se sobre a parceria da empresa suíça com o Palmeiras. Mas, como aqui no Brasil não pode...

NEGÓCIO DA CHINA

Bom negócio o do Barcelona. Há dois anos, cedeu Gerard ao Valencia, de graça. Agora, comprou-o de volta. O valor: US$ 20 milhões!

A NOVA PARMALAT

Em São Paulo, a Parmalat continua investindo no Etti Jundiaí. E só. Na Argentina, com a queda do Ferro Carril para a Segunda Divisão, a empresa adotou o Estudiantes. Nada de co-gestão, como no velho Palmeiras. Mas o nome da empresa está na camisa.

ENTREVISTA: GERD MÜLLER

"Os alemães tem que jogar na rua"

Até hoje, Gerd Müller é o maior artilheiro da história do Bayern (365 gols), da Alemanha (68 gols em 62 jogos) e da história das Copas (14 gols em dois Mundiais). É de um tempo em que a Alemanha metia medo. Diferentemente das últimas competições internacionais, em que os alemães fracassaram. Para muita gente, o país erra no processo de renovação, por dar muito espaço aos estrangeiros. Técnico dos aspirantes do Bayern, Müller diz o que pensa nesta entrevista a PLACAR.

Qual a diferença para formar jogadores hoje em dia e no tempo em que você começou?

No passado, as crianças jogavam na rua. O futebol não era tão planejado quanto hoje. Havia liberdade e isso dava qualidade e criatividade aos mais jovens.

Qual a fórmula para fazer os alemães voltarem a revelar?

Se tivermos novamente jovens formados à base da habilidade, então vamos formar grandes jogadores na Alemanha.

O que se pode esperar da Alemanha na Copa de 2002?

Apesar de todos os problemas, acho que a Alemanha vai estar melhor. Penso que podemos chegar até as semifinais.

Hoje, qual é o país que melhor desenvolve o trabalho de formação de jovens jogadores?

No momento, na minha opinião, quem consegue formar melhor seus jogadores é a França.

Nada como um treino
no fim da tarde
pra aguentar a correria
do outro dia.

TRY ON
Pra quem faz esporte só por esporte.

Inconfidênci

Parreira e Felipão trocam figurinhas num restaurante de Belo Horizonte: amizade à vista

as mineiras

O trabalho diário de Felipão e Parreira revela curiosas diferenças entre os badalados treinadores do Cruzeiro e do Atlético. E, mais do que isso, dá boas pistas sobre quem tem mais chances de sobreviver em Belo Horizonte

POR FABIO VOLPE*

FOTOS EUGÊNIO SÁVIO

*Colaborou José Alberto Andrade

Foi praticamente simultâneo. No último dia 13 de julho, os dois maiores clubes de Minas Gerais apresentaram seus novos comandantes. Na Toca da Raposa, o CT do Cruzeiro, Luiz Felipe Scolari era recebido como se fosse o novo craque do time. Na sede do Atlético, às boas-vindas a Carlos Alberto Parreira eram menos calorosas, mas igualmente cercadas de expectativas. Separando as duas chegadas, apenas a Lagoa da Pampulha, cartão postal de Belo Horizonte.

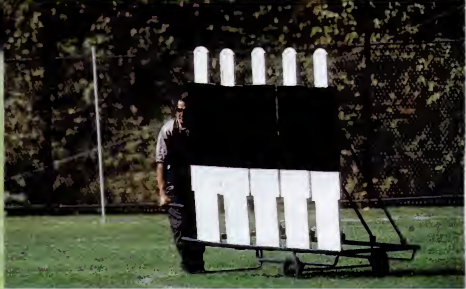
Para o futebol mineiro, o simples desembarque dos dois nas Gerais já representou uma vitória significativa. "Foi um sinal de força em relação aos outros estados", diz colunista de PLACAR Tostão. O ex-craque está certo. Tirando Luxemburgo, que paga seus pecados no comando da Seleção, Felipão e Parreira são os dois treinadores de maior renome em atividade no país. O primeiro, pela insuperável coleção de títulos nos anos 90; o segundo, por ter sido o último a conquistar uma Copa para o Brasil.

Mas o início de trabalho da dupla não está sendo fácil. Nas quatro rodadas iniciais do Brasileirão, nenhum conseguiu uma única vitória. O primeiro triunfo de ambos veio só na quinta rodada, com dois magros 1 x 0. Talvez por isso os mineiros andem desconfiados dos supertreinadores. "Um está protegendo o outro. Se um deles estivesse se saindo melhor, as críticas seriam concentradas no outro", afirma Tostão.

Lembranças dos tempos de preparador físico: Parreira marca a corrida com palminhas e ajeita tudo milimetricamente

Mesmo respaldado pelo início irregular do rival, Parreira claramente enfrenta uma situação mais difícil. Time por time, Cruzeiro e Atlético se equivalem, mas o elenco alvinegro é inferior na hora de suprir a ausência dos titulares. "O Atlético se ressente de um poder maior de investimento. Estamos trabalhando num limite inferior do necessário a uma grande equipe, que precisa ganhar. Amanhã estoura em cima da comissão técnica, dos jogadores", diz o treinador do Galo, misturando um pedido de paciência à torcida com uma cobrança direta aos dirigentes do clube mineiro, que, no entanto, fingem não ouvir. "Trabalhando com aquilo que o Atlético tem, que na nossa concepção é de qualidade muito boa, o Parreira já conseguiu mostrar um time diferente", acredita Eduardo Maluf, superintendente de futebol do Galo.

No Cruzeiro, ao contrário, Felipão tem nas mãos um dos melhores elencos do país. Pode se dar ao luxo de manter no banco nomes como Marcelo Djian, Fábio Júnior e Viveros. Além disso, a torcida cruzeirense acaba de festejar a conquista da Copa do Brasil e parece mais preocupada com a Libertadores de 2001 do que com os tropeços iniciais no Brasileirão. "A torcida do Cruzeiro vai ter mais paciência com Felipão, ele era uma unanimidade", aposta Tostão.

Mas, pelo menos no relacionamento com a imprensa mineira, Luiz Felipe não terá o mesmo sossego. O jeito emocional e explosivo do técnico não resiste a muito tempo sem um ou outro atrito com jornalistas. A primeira "vítima" em Belo Horizonte foi o repórter Régis Sanches, do *Jornal dos Sports*. Após ler e desaprovar a manchete de uma reportagem feita por

Sanches, Felipão pediu que todas as mulheres se retirassem da sala de imprensa do Cruzeiro e soltou o verbo, ofendendo e intimidando o jornalista. É difícil imaginar Parreira passando por uma situação semelhante. Nem no período em que recebeu a marcação mais cerrada da imprensa, durante a Copa de 94, foi possível vê-lo saindo do sério. Naquela época, coube a Zagallo — então coordenador técnico da Seleção — a responsabilidade pelo "bateu, levou", ou seja, as respostas às críticas mais corrosivas.

Scolari, é certo, impõe uma certa cautela, quase mesmo um receio, aos jornalistas que têm a tarefa de acompanhar o dia-a-dia dos clubes que ele dirige. Mas está longe de ser o bicho papão que muitos imaginam. Quando surge de bom humor, não perde a oportunidade de brincar com os repórteres. Certo dia, por exemplo, ao entrar para uma entrevista coletiva na sala de imprensa do Cruzeiro, o técnico aproveitou a distração de um jornalista para lhe dar um susto. Em seguida, ao ver pacotes de amendoim espalhados sobre uma mesa, não resistiu à brincadeira: "Na minha idade, precisa de amendoim todo dia. Mas não grava isso não, meu filho!", pediu ao repórter de uma rádio.

Parreira no treino técnico: "Que beleza! Só faltou o gol..."

As diferenças de personalidade entre os dois também é percebida nas citações que eles fazem. Parreira sempre gosta de lembrar um conceito de Sepp Herberger (treinador da Alemanha Ocidental na Copa de 1954): futebol moderno é saber atacar e defender com máxima eficiência. Quando fala sobre Herberger, o técnico do Galo explica: "Esse conceito é válido até o fim dos séculos. São coisas definitivas na vida, como Beethoven e Van Gogh." Já Felipão tem outro estilo. Na véspera da partida contra o Sport pelo Brasileirão, ao ser indagado sobre a possibilidade de o Cruzeiro vencer em Recife e quebrar um tabu de 20 anos, ele dispensou os músicos e pintores clássicos e atacou de ditado gaúcho mesmo: "No Sul, a gente costuma dizer: cavalo passa encilhado somente uma vez."

O jeito de Felipão treinar: gestos exagerados, caretas, gritos, palavrões. Um show igual ao que dá nos jogos

É claro que não fica apenas nas palavras o contraste entre os dois. O jeito mais emocional e bonachão de Luiz Felipe lhe garante algumas rusgas com a imprensa, mas também o aproxima mais dos jogadores. Parreira, sempre polido e educado, não aparenta ter o mesmo envolvimento. São diferentes formas de relacionamento com os "subordinados": uma emotiva e a outra extremamente profissional.

Ao chegar para os treinos, Parreira costuma cumprimentar discretamente seus jogadores. Prefere ir logo para o campo com sua comissão técnica e aguardar os atletas num canto distante da imprensa. Ainda parece pouco integra- >

Retranqueiros ou não?

Recorrendo aos arquivos do jornalista Acaz Fellegger, PLACAR fez uma comparação dos dois técnicos com Wanderley Luxemburgo: Parreira x Luxa na Seleção e Felipão x Luxa no Palmeiras. Confira quem leva a melhor.

NA SELEÇÃO PRINCIPAL	APROV.*	GP**	GC***
Luxemburgo	69,60%	2,47	0,97
Parreira	65,02%	1,95	0,75
NO PALMEIRAS	**APROV.**	**GP**	**GC**
Luxemburgo	71,1%	2,21	0,83
Felipão	58,3%	2,02	1,33

* aproveitamento de pontos ** média de gols pró por jogo
*** média de gols contra por jogo

do com o grupo. É comum vê-lo sentado na beira do gramado ou caminhando sozinho por alguns minutos. "Nós estamos nos entrosando, conhecendo a comissão técnica", diz Parreira. Como nunca foi jogador profissional, no máximo goleiro da Escola de Educação Física do Exército no Rio, o técnico do Galo jamais arrisca exibir alguma habilidade com a bola. Fica mais à vontade, por exemplo, quando mata saudades dos tempos de preparador físico — cargo que ocupou na Seleção Brasileira durante a Copa de 70. Nessas horas, gosta de ficar ao lado de Rodolfo Mehl (preparador físico do Atlético) e incentivar seus atletas, marcando com palmas o ritmo dos exercícios.

Nos treinos técnicos, para aprimorar cruzamentos e finalizações, gosta de ajeitar milimetricamente os cones que marcam o posicionamento dos jogadores e passa o tempo todo comentando as jogadas realizadas por seus atletas. Quando critica, não apela para palavrões: "Assim em câmera lenta não dá!", "O goleiro tá deitando, hein!". Quando elogia um dos lances, diz uma frase que lembra outra, já lhe deu muita dor de cabeça: "Que beleza, olha a diferença! Só faltou o gol..."

Na hora dos chutes a gol, Felipão aposta com os jogadores. É mais um truque para manter o grupo motivado

Felipão ordena: "Tem que dar porrada"

Na Toca da Raposa, o mesmo tipo de treino transcorre de maneira bem diferente. "Tem que dar porrada", pede Felipão logo nos primeiros minutos. Mas, antes que algum leitor fique indignado, é bom explicar que o técnico instruía seus atletas sobre a forma de fazer um cruzamento: "Não é colocada. É a décima vez, não vou falar mais: chega ali e dá uma porrada na bola." Scolari também não se auto-censura em relação aos palavrões nem economiza na encenação. Enquanto Parreira mantém um ar sereno e comportado, o treinador gaúcho abre os braços, faz careta e gestos exagerados. Para deixar os treinos técnicos mais animados, tem lá seus truques, como contabilizar os gols marcados por cada jogador e incentivar a competição entre os atletas, que se envolvem mais.

Quando precisa criticar as jogadas mal feitas, Scolari tem um jeito peculiar: "Vão morrer, vão morrer para fazer um gol." Num dos treinos que PLACAR acompanhou, a maior vítima das cobranças foi o atacante Zé Roberto, revelado nas categorias de base do Cruzeiro. Quando ele se intimidou numa cabeçada, Felipão não perdoou: "Tem medo de colocar a cabeça? Cinqüenta bolas de cabeça para ele no final do treino", ordenou. Zé Roberto tentou nova cabeçada e errou de novo. "O dia que você fizer gol de cabeça, Zé, nós vamos fazer uma festa!", ironizou o treinador. Engana-se, entretanto, quem acredita que o estilo sargentão incomode os jogadores. "Pra gente é ótimo ter uma pessoa que tá insistindo, querendo tirar nossos erros. Mostra que ele está apostando na gente", diz Zé Roberto, sem aparentar fazer média.

Quem já trabalhou com o atual técnico do Cruzeiro sabe que ele é assim e jamais irá mudar seu jeito nem alisar com seus comandados. O meia Zinho lembra-se bem dos tempos de Palmeiras: "Felipão é detalhista, rigoroso mesmo, daqueles que controlam até quem fica com quem nos quartos." Porém, o jogador que hoje está no Grêmio garante que Parreira, com quem trabalhou na Seleção durante a Copa de 94, não fica atrás: "Ele gosta mais da conversa mansa. Tem um jeito tranqüilo para exigir, mas igualmente cobra muito."

EDUARDO MONTEIRO

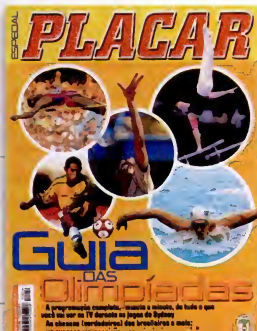
Muitos gols nos raros confrontos diretos

Times dirigidos por Parreira e Felipão só se enfrentaram quatro vezes, todas elas no Torneio Rio-São Paulo, com o técnico carioca comandando o Fluminense e Scolari o Palmeiras. A vantagem é do treinador cruzeirense, que obteve três vitórias. No dia 30 de setembro, quando ocorre o tradicional clássico mineiro na Copa João Havelange, haverá o quinto confronto entre os dois. A julgar pelo retrospecto até aqui, a partida promete muitos gols. A média por jogo quando se enfrentaram é de 4,25.

Fluminense 4 x 0 Palmeiras >> 30/1/1999
Palmeiras 2 x 1 Fluminense >> 6/2/1999
Palmeiras 6 x 2 Fluminense >> 30/1/2000
Fluminense 0 x 2 Palmeiras >> 13/2/2000

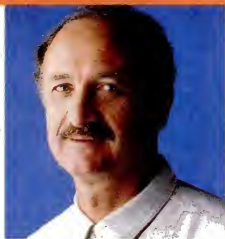
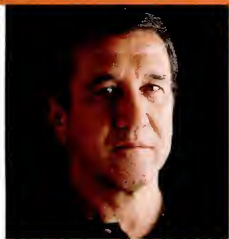
AS: O roteiro do
ERONA: O combus
a passa horas na
ão tem nada
boy.com
Helen Ganzarolli, a musa da banheira do Gugu. Em setembro nas bancas.
PLAYBOY As melhores coisas da vida

+1
0
-1

Descubra quais as chances de o hino nacional ser tocado na Austrália.

GUIA DAS OLIMPÍADAS PLACAR.

Tudo o que você precisa saber sobre os JOGOS.

Quem ama futebol não vive sem PLACAR

www.placar.com.br

Duelo de respostas

Os dois treinadores respondem, de primeira, a mesma série de perguntas elaboradas por PLACAR e revelam ainda mais suas diferenças de pensamento:

Qual a primeira coisa que se acerta num time?

PARREIRA >> A defesa. É como uma casa, o alicerce é fundamental.

FELIPÃO >> O que se acerta eu não sei, mas o que tem que se conhecer é a característica individual de cada atleta para poder acertar o time.

Qual é a maior qualidade que um jogador pode ter?

P >> Técnica. Felizmente, o futebol ainda é um esporte técnico. Jogador tem que ter qualidade.

F >> A inteligência.

Qual é o pior defeito que um jogador pode ter?

P >> Ser preguiçoso, jogador que não gosta de correr, de participar.

F >> É pensar que sabe tudo, que não tem nada mais para aprender.

Qual a melhor coisa de ser técnico?

P >> É a satisfação de ver a evolução de um trabalho. Eu nem digo as vitórias, porque é redundante.

F >> Trabalhar com gente jovem, ao ar livre, fazer o que gosta. A alegria de ver o crescimento da equipe e dos jovens a que a gente dá oportunidade.

E a pior?

P >> É ser cobrado como os treinadores são no Brasil, injustamente. Falam que os treinadores são supervalorizados, mas não criamos isso. Foi a própria imprensa. Não conheço um treinador que diga: "Eu quero ser a estrela, ter essa responsabilidade."

F >> Ser técnico tem 99% de coisas boas e 1% de ruim. A ruim eu ainda não sei qual é.

O primeiro conflito entre os dois pode acabarocorrendo numa quadra de tênis

As semelhanças não terminam aí. Quem já foi comandado pelos dois diz que eles são taticamente parecidos, valorizam os mesmos conceitos, como marcação forte, velocidade e movimentação constante. Há quem veja uma dupla de alunos da mesma escola de treinadores. Parreira é o veterano, tem seis anos a mais (57 contra 51) e dirigiu sua primeira seleção numa Copa (Kuwait) no mesmo ano em que Scolari iniciou a carreira de técnico, em 1982.

Também é parecida a principal crítica que os dois receberam ao longo de suas carreiras: armarem times mais preocupados em evitar do que fazer gols. As reações à fama de retranqueiro, porém, são distintas. "As minhas equipes são organizadas, não defensivas. Existe uma preocupação de recuperar a bola, porque você só joga com ela. Não sei por que as pessoas não entendem isso", reclama Parreira, já sem paciência para rebater o rótulo que o incomoda. Felipão, ao menos no discurso, dá de ombros para essa crítica: "Não me irrita ser chamado de defensivo. Eu só quero o resultado. Se eu o obtiver com 11 dentro do gol, eu tenho mais um título. O Palmeiras sempre foi um dos mais eficientes na artilharia e continua o pessoal dizendo a mesma coisa. Eu vou ficar bravo?"

A fama de retranqueiro irrita Parreira. Scolari dá de ombros: "Eu só quero ter o resultado. Se for com 11 dentro do gol..."

O fato de ambos terem sofrido as mesmas contestações parece ter cultivado admiração e respeito mútuos. Apesar de estarem em lados opostos em uma das maiores rivalidades do futebol brasileiro, eles admitem que a possibilidade de viverem pela primeira vez na mesma cidade pode até acabar resultando numa maior aproximação. "Nunca tivemos um relacionamento de amizade. Agora, a gente até pode ter aqui", diz Felipão, que chegou a combinar com Parreira uma partida de tênis no dia em que eles posaram para as fotos de PLACAR.

Pode ser uma boa idéia para os dois superarem o período de adaptação. "Não fiz outra coisa aqui a não ser ir da casa para o treino. Como está Belo Horizonte? A cidade me parece ótima, mas a gente ainda não conheceu nada", confessa Parreira. A "casa" do ex-técnico da Seleção ainda é um hotel e quando ele diz "a gente" não se refere à sua família, mas ao auxiliar e amigo de longa data Jairo Leal. Suas filhas, já crescidas, não acompanham mais a vida nômade do pai. A esposa, envolvida nos preparativos do casamento de uma das filhas, permanece na casa na Barra da Tijuca, no Rio.

Felipão, da mesma forma, ainda não se sente à vontade. Valdir Barbosa, assessor de imprensa do Cruzeiro, tem se desdobrado também nas funções de guia para o técnico. "Ele só sabe o caminho de casa", diz Valdir. Mas, ao contrário de Parreira, o treinador cruzeirense veio com toda a família: ele, a mulher e os dois filhos. A presença do clã Scolari e a escolha de uma moradia fixa — no bairro de Lourdes — são sinais de que, enquanto Parreira mantém um pé atrás, o técnico do Cruzeiro se prepara para fixar raízes. Talvez seja apenas outra diferença de estilo. Ou, quem sabe, mais uma pista de quem quer prolongar a estadia em Minas. O certo é que o sucesso de um pode sufocar o outro. Na gangorra do futebol, Minas Gerais pode ficar pequena demais para os dois técnicos.

MATERIAL APREENDIDO PELOS ESPORTISTAS ANÔNIMOS NA
ALEX
10

Por que nunca

Até hoje, o Brasil pagou o preço de não levar a sério o futebol nos Jogos

FOTOS PEDRO MARTINELLI

1 A Seleção sem graça, com o bronze no peito, nos Jogos de Atlanta, em 1996
2 O Inter reforçado e vestido de Seleção: o segundo lugar nunca foi tão festejado
3 Geovani chora no ombro de Romário: decepção em Seul poderia ter sido evitada
4 Sissi é uma das mais experientes da Seleção feminina. Mas a China preocupa

Faltavam 25 dias para o Brasil embarcar para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, e o técnico Jair Picerni não conseguia chegar a um acordo sobre seu time. Os grandes clubes do país não liberavam seus craques e a Seleção testava jogadores do interior de São Paulo e do Rio Grande do Sul. De repente, a CBF teve uma luz: por que não aproveitar o time inteiro do Internacional, eliminado do Campeonato Brasileiro?

Foi assim, na base do improviso, que o Brasil definiu o time para Los Angeles. E, incrível: a Seleção, com o Cruzeiro do Sul no peito, em vez do escudo da CBF – era assim que o Brasil jogava nas Olimpíadas –, voltou para casa com a medalha de prata.

"Perdemos a final para a França, que se preparava havia dois anos. Se o Inter fracassou no Brasileiro e foi segundo lugar nas Olimpíadas, imagine o que não faríamos se tivéssemos nos preparado corretamente", questiona Jair Picerni, o treinador da época.

Raras vezes na história do futebol brasileiro um segundo lugar foi tão festejado quanto em Los Angeles. Em Sydney, por exemplo, Luxemburgo não será recebido com festa se pegar o avião de volta com qualquer coisa inferior à medalha de ouro. Vai ser cobrado por não ter levado Romário, por escolher um grupo inteiro com menos de 23 anos, por não escalar o time certo.

Desde que começou a disputar Olimpíadas, o Brasil sonha com o ouro no futebol. Pelos motivos mais variados, esse sonho foi sempre adiado. Em 1920, quando o país pela primeira vez participou dos Jogos, a antiga CBD cogitou enviar uma forte equipe, cuja estrela seria Arthur Friedenreich. Não teve dinheiro. Tampouco teve verba em 1924 e 1928, anos em que o Uruguai terminou com o ouro. Em 1932, não houve torneio de futebol. O profissionalismo foi oficializado no Brasil em 1933. Como nos Jogos Olímpicos só podiam entrar amadores (pelo menos formalmente), o país só podia alinhar seleções de juvenis em Olimpíadas. Com isso, desde sua primeira participação, em 1952, a Seleção nunca foi favorita. Disso se aproveitavam os países socialistas, onde todos os jogadores eram formalmente "amadores". Assim, podiam usar suas seleções principais. A Hun-

FOTOS RICARDO CORRÊA

...ganhamos?

Desta vez o ouro é prioridade e as lições do passado podem ajudar

gria venceu em 1952, 1964 e 1968; a URSS, em 1956; a Iugoslávia, em 1960; a Polônia, em 1972; a Alemanha Oriental, em 1976; e a Tchecoslováquia, em 1980. O Brasil até chegou a montar bons times, com jogadores como Vavá, Gérson, Roberto Miranda, Zico, Falcão, Júnior e Edinho, mas sempre inexperientes. O máximo foi o quarto lugar em 1976.

O Brasil é campeão mundial de desculpar-se por fracassos alegando que o torneio não era tão importante assim — de acordo com o espírito olímpico, isso não costuma dar medalha. Mas, no caso dos torneios de futebol nas Olimpíadas, até que a desculpa procede. A rigor, a Seleção só começou a levar o futebol a sério nos Jogos de Seul, em 1988. E olhe lá: "Naquele tempo, os clubes brasileiros ainda não valorizavam as Olimpíadas, recusavam-se a liberar os jogadores e a CBF não fazia nada. Se não fosse por isso, poderiamos ganhar o ouro", justifica Carlos Alberto Silva, que até hoje se queixa das ausências de Valdo e Ricardo Gomes, não liberados pelo Benfica.

Em 1992, a derrota aconteceu bem antes de Barcelona, ainda no Pré-Olímpico do Paraguai. "Nossa preparação foi péssima e a pressão da torcida de Assunção atrapalhou muito. Mas o time era bom e ganhar as Olimpíadas era importante para nós", assume o técnico Ernesto Paulo, responsável pelo fracasso. As lições daquele Pré-Olímpico já foram assimiladas. Tanto que o Brasil ganhou os dois últimos torneios classificatórios para as Olimpíadas, em 1996, com Zagallo, este ano, com Luxemburgo. Certamente, nas duas preparações mais bem feitas e nas duas vezes em que o ouro olímpico foi tratado como prioridade nacional. "Em 1996, nada nos faltou. Perdemos por um acidente na semifinal contra a Nigéria", define Zagallo.

Este ano, aparentemente, se falta alguma coisa a Luxemburgo essa coisa é Romário. Mas o técnico ouviu os jogadores e optou por um time jovem, com a força do conjunto conquistada desde o Pré-Olímpico. E sem o Baixinho. Talento não falta: Alex, Athirson, Ronaldinho Gaúcho... "Voltar para casa com a medalha de ouro é tudo o que eu quero", define Alex.

O Brasil também. As lições do passado estão todas na memória. Para não serem repetidas no presente.

Rumo ao bronze?

O Brasil nunca teve uma seleção feminina tão bem estruturada como a que disputará o torneio olímpico em Sydney. Foram quatro meses de preparação na Granja Comary, interrompidos apenas pela disputa da Copa Ouro nos Estados Unidos, em julho. O vice-campeonato no torneio — o Brasil eliminou a favorita China na semifinal e perdeu a decisão para os EUA por 1 x 0, sem quatro titulares — deu muita confiança ao time dirigido por Zé Duarte.

Além da preparação adequada, o Brasil tem um elenco privilegiado. As experientes Formiga, Sissi, Roseli e Kátia Cilene continuam titulares. Entre as novidades, destacam-se as zagueiras Juliana e Mônica e a volante Dani Alves. A preocupação é a possível ausência da lateral Nenê, que viaja sem condições de jogo. A substituta deve ser Simone Gomes.

O sorteio das chaves foi favorável ao Brasil, que enfrentará na primeira fase Suécia, Alemanha e Austrália. São adversários com menos força e tradição do que norueguesas, chinesas e norte-americanas, atuais campeãs mundiais, que estão no outro grupo ao lado da Nigéria. Duas seleções classificam-se em cada grupo e disputarão semifinal e final em eliminatórias simples.

O provável confronto com Estados Unidos ou China na semifinal pode distanciar o Brasil do ouro. As chinesas são as favoritas ao título. Em 2000, têm uma vitória e um empate contra as norte-americanas.

Em menos de dois meses após seu lançamento, o Gol Turbo 1.0 16V foi eleito pelos leitores da revista Quatro Rodas o melhor motor 1.0 do país. É que o público também foi rápido e percebeu toda a tecnologia que está por trás desse novo Volkswagen: uma sofisticada unidade de controle eletrônico que faz o motor trabalhar nas melhores condições. O novo motor Volkswagen Turbo 1.0 16 V desenvolve até 112 cv de potência com maior economia de combustível, já que o turbo funciona a baixas rotações, além de ser construído com materiais que garantem uma maior durabilidade. É muito bom ganhar o prêmio de melhor motor 1.0 do país, mas criar um motor turbo acessível para a maioria das pessoas é muito melhor.

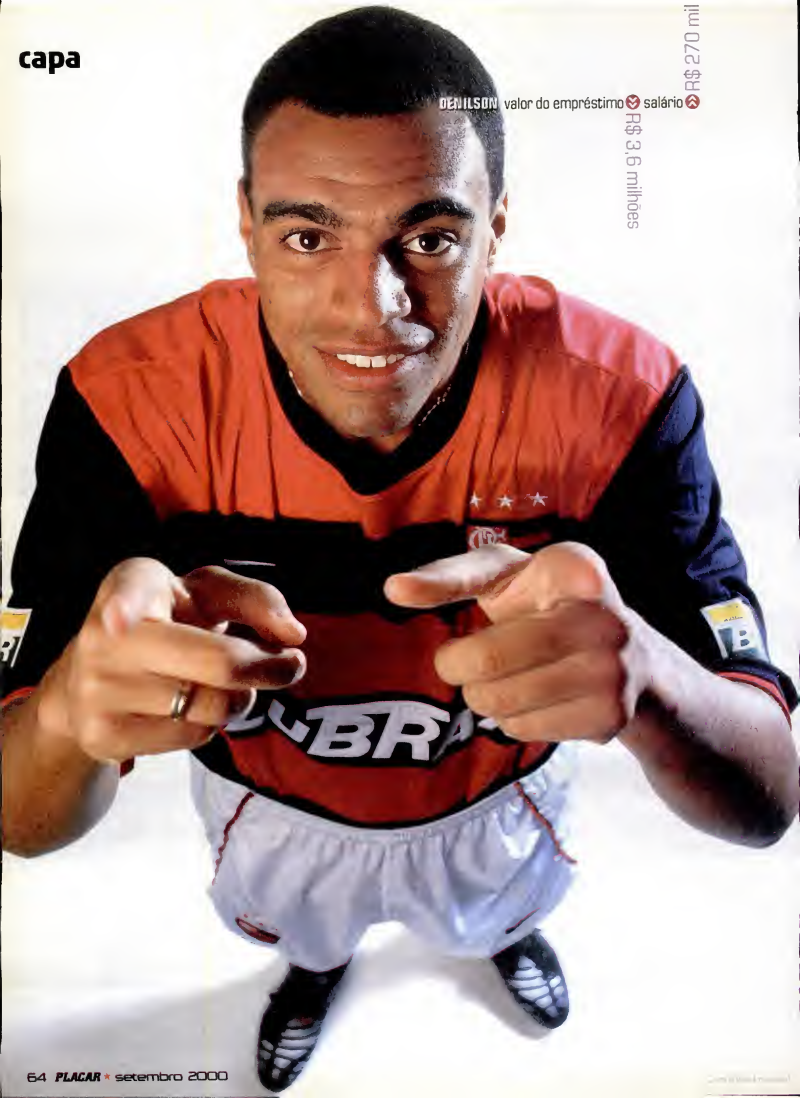
Volkswagen. Você conhece, você confia.

Pesquisa QUATRO RODAS on-line

No mês passado, 7 536 internautas responderam à enquete no site da QUATRO RODAS, que pedia para o usuário eleger o melhor carro 1.0 do Brasil. Confira abaixo o placar.

1º	**Gol 16V Turbo**	**2015**
2º	Parati 16V Turbo	771
3º	**Gol 16V**	**680**
4º	Palio	563
5º	Ka	443
6º	Corsa Wind	381
7º	**Corsa Super 16V**	**375**
8º	Fiesta	332
9º	**Corsa Sedan Super 16V**	**298**
10º	Uno Mille	281
11º	Palio Citymatic	239

Gol Turbo 1.0 16V

capa

Eles valem o show?

Como um Garrincha canhoto, Denilson entorta o Maraca. Edílson, endiabrado, é promessa de arte. Edmundo devolve a fantasia ao Santos. É bom ver nossos craques em ação. E a conta? Faz sentido os clubes gastarem o que não têm? **POR ARNALDO RIBEIRO E MARCELO COSTA I FOTOS EDUARDO MONTEIRO**

Pouca gente ousa discutir o talento de Edílson, Denilson e Edmundo, mas será que os astros que mais agitaram o mercado futebolístico brasileiro na virada deste semestre valem realmente o que pesam? Será que vale a pena pagar 13,5 milhões de reais pelo passe de Edílson e mais 210 mil por mês, sendo que ele tem 29 anos e não teria como ser repassado a outro clube por uma quantia maior? Será que não é exagero desembolsar 3,6 milhões de reais pelo empréstimo de um ano de Denilson, fora os 270 mil mensais de salário? E quanto a Edmundo? Ele compensa os 2 milhões de reais pelo empréstimo e o incrível ordenado de 415 mil mensais?

Bom, a resposta exata só pode ser dada, daqui a algum tempo, pelos torcedores e, sobretudo, pelos tesoureiros de Flamengo e Santos. No deficitário futebol brasileiro, a relação custo-benefício é bem particular. Se os três arrebentarem e ganharem títulos, pouca gente vai se lembrar que eles custaram tanto, mas estamos falando de operações de risco. Apesar da habilidade indiscutível, Edílson, Denilson, Edmundo e outros tantos "craques" supervalorizados do país estão longe da galeria dos mitos intocáveis.

Os três, por exemplo, ainda não conseguiram se firmar na Seleção, são polêmicos (Edmundo mais, Edílson menos e Denilson nem tanto) e não escondem o gosto pelos agitos noturnos. "Se não valesse tudo isso, o Flamengo não teria pago. Tive de ralar para chegar até aqui", diz Edílson. "Essa supervalorização acontece pela escassez de bons jogadores. Hoje, basta um garoto qualquer de 18 anos marcar dois gols para ele passar a valer mundos e fundos. Por isso, craques comprovados valem ainda mais."

O colega Denilson, que já foi o jogador mais caro do mundo — foi negociado por 30 milhões de dólares (cerca de 54 milhões de reais) do São Paulo para o Betis, em 1998 —, tem uma explicação ainda mais curiosa para continuar em alta, mesmo após duas decepcionantes temporadas na Espanha. "Talvez eu não valha tanto como profissional, mas como pessoa, sem dúvida alguma. Até mais do que o preço pelo qual me venderam", afirma. Segundo ele, o fiasco em gramados espanhóis deve-se à inexperiência. "Eu era um moleque e encontrei uma barra pesada, muita cobrança. Eu era o mais caro da Europa. A cidade ficava de olho em mim. Se eu espirrasse, todo mundo ficava sabendo."

Edílson estréia contra o River. A "engenharia financeira" do Flamengo provoca situações inusitadas. Gamarra e Denilson chegaram antes, mas demoraram mais de um mês para jogar porque não puderam ser inscritos. Motivo: dívidas antigas

A supervalorização acontece pela escassez de bons jogadores. Hoje basta um garoto qualquer de 18 anos marcar dois gols para ele valer mundos e fundos

EDÍLSON

"Muita gente deve achar, por exemplo, que pagar esse preço por um jogador de 29 anos, como o Edílson, seja uma loucura, mas eu vejo por um ângulo diferente. A ISL (a parceira do Flamengo), como empresa de marketing, precisa de ídolos, e não de retorno imediato, para a projeção da marca. A Nike (fornecedora de materia esportivo), que está entrando no mercado de clubes, também", diz Luiz Vianna, empresário tanto de Edílson como de Denilson.

Segundo ele, era também o momento de o futebol carioca aproveitar-se da letargia do paulista, que teve a saída da Parmalat, do Palmeiras, a redução dos investimentos por parte da Hicks Muse no Corinthians e a continuidade da política de contenção de gastos do São Paulo.

Fazer contratações milionárias e pagar salários polpudos é praxe no futebol europeu. A conta deles é simples: se as TVs, empresas de material esportivo e patrocinadores desembolsam milhões de dólares num campeonato e os clubes arrecadam fortunas com os royalties das vendas de seus produtos licenciados, nada mais natural do que dividir o bolo igualmente. Ganham os jogadores, os técnicos, os empresários e não se fala mais nisso. Por lá, ninguém tem tirado o pé do acelerador. O ano 2000 já provou ser uma era de muitos zeros. O português Figo saiu do Barcelona para o Real Madrid por 57 milhões de dólares (102 milhões de reais), o argentino Crespo transferiu-se do Parma para a Lazio por 54 milhões de dólares (97 milhões de reais). São os dois maiores negócios da história do futebol. E o brasileiro Rivaldo bateu outro recorde, agora na modalidade salário: renovou o seu contrato por 6 milhões de dólares/ano (quase 11 milhões de reais). Isso significa 500 mil dólares (900 mil reais) pingando na conta do pernambucano a cada mês.

EUGÊNIO SÁVIO

Com o fracasso na parceria, a contratação de craques como Edmundo parecia ser um sonho impossível para o Santos; até o presidente Marcelo Teixeira resolver colocar dinheiro do próprio bolso no clube

No Brasil, porém, a coisa é bem diferente. Os clubes ganham migalhas das emissoras de TV e cobram o que podem das empresas de material esportivo, que reclamam por pagarem valores acima do mercado. Não foi à toa que quatro dos doze maiores times do país passaram todo o primeiro semestre sem patrocinadores nas camisas. Ainda assim, pagam fortunas para os jogadores. Hoje, os salários estão claramente acima do que o futebol pode gerar de lucro no país.

Bye, bye, Brasil

A anunciada entrada avassaladora do capital estrangeiro no nosso futebol não passou de sonho de uma noite de verão. As mudanças na Lei Pelé (agora Lei 9981) afugentaram os investidores. Agora nenhuma empresa pode deter o controle acionário de um clube, nenhuma delas pode assumir o departamento de futebol (todos os documentos oficiais precisam ser assinados por um dirigente do próprio clube) e não é permitido também que uma empresa se associe a mais de um clube na primeira divisão.

"Esse quadro prenuncia uma tragédia a curto prazo. A lei afasta possíveis interessados e as empresas que estavam aqui vão colocar o pé no freio", diz Celso Grellet, da Pelé Sports e Marketing, para quem os investimentos do Flamengo representam a última loucura do futebol brasileiro. "Ninguém é louco de investir milhões num clube e entregar para um Eurico Miranda administrar", afirma J. Hawilla, da Traffic. Segundo ele, quem fechou parceria, fechou. Quem não fechou, vai ficar a ver navios.

"Em menos de dois anos, mudou a lei. O que o investidor vai pensar? Se mudou em dois anos, pode mudar de novo. Se mudar, posso me dar mal. Então...", diz Richard Law, da Hicks Muse, que patrocina Corinthians e Cruzeiro.

"As empresas estão receosas em investir também pela desorganização do futebol. Não dá para investir num campeonato em que a tabela muda a toda hora", afirma Alexandre Loures, da Consultoria Delloite & Touche.

Tirando da cartola

Respaldado pela parceria com a ISL, o Flamengo desafia o cenário sombrio. O clube é o que mais deve no Brasil —110 milhões reais de rombo, segundo o presidente Edmundo Santos Silva— e continua a ser o que mais contrata.

Entre os credores existem clubes do exterior, como o Sporting Lisboa e o Mallorca, ex-jogadores, como Sávio e Romário, e atuais jogadores, como Mozart, Lê, Rocha e Reinaldo. A verba da ISL para contratações nos dois primeiros anos de contrato — 20 milhões de dólares ou cerca de 36 milhões de reais — já estourou faz tempo e a empresa se recusa a dar qualquer ›

verba extra antes que as dívidas sejam quitadas.

Sem poder esperar, o clube trouxe Mozart, Denilson, Gamarra e Edílson por conta própria, pagando cerca de 35 milhões de reais. Com os reforços, a folha de pagamento saltou de 1 milhão de reais para 1,8 milhão mensais.

Edmundo Santos Silva, conhecido no mercado financeiro pela capacidade de recuperar empresas, classificou as negociações como "belas engenharias financeiras". Um exemplo seria a contratação de Edílson. O clube teve de vender o passe de Lúcio à Portuguesa para pagar a primeira das dez parcelas de 750 mil dólares (1,35 milhão de reais). Como garantia das outras nove ao Corinthians, colocou os passes das revelações Juan e Reinaldo.

Edílson acabou estreando antes de Gamarra e Denilson, que chegaram ao clube com cerca de um mês de antecedência. É que o Flamengo não pôde inscrever os dois antes de saldar dívidas antigas com o Mallorca (2,34 milhões de reais pela compra do passe do meia Palhinha) e Sporting Lisboa (9,9 milhões de reais por Leandro Machado). Uma exigência da Fifa.

Enquanto lutava para acertar a vida dos ilustres reforços, a diretoria procurava acertar os prêmios atrasados aos demais atletas e deparou-se na vexatória situação de o clube ter sido despejado do seu Centro de Treinamento, o Fla-Barra, por não ter concordado em pagar o preço estipulado pelo proprietário do imóvel.

É um paradoxo sem fim. "Contratam um monte de gente, mas não pagam o que nos devem", chegou a dizer o zagueiro Luiz Alberto, que, coincidência ou não, acabou negociado com o Saint-Etienne, da França. Alexandre Loures, da Consultoria Deloitte & Touche, entende que o problema do Flamengo é justamente ter o olho maior do que a boca. "Acho que uma média salarial de 50 mil reais está de bom tamanho para o Flamengo. Os fora-de-série têm de ganhar mais, mas não adianta prometer um salário de 150 mil e atrasar o pagamento em três meses. A motivação do atleta diminui e ele não rende a mesma coisa."

Tirando do próprio bolso

Se o Flamengo tem três dos seis maiores salários do futebol brasileiro (Gamarra, Denilson e Edílson), o Santos, que nem parceria possui, tem dois (Edmundo e Rincón). Quando assumiu o clube este ano, o presidente Marcelo Teixeira prometeu montar um supertime, respaldado por um acordo com a empresa Cie/Octagon, que acabou gorando. Resultado: Teixeira já colocou, do próprio bolso, 25 milhões de reais no clube, e isso é só o começo. É lógico que, algum dia, ele será ressarcido, aumentando, assim, o rombo do clube.

Santos, Flamengo e suas aparentes loucuras são exemplos raros na atual conjuntura brasileira, que passou a viver clara fase de retração após as mudanças na Lei Pelé. Clubes como o Palmeiras, que perdeu o patrocínio, e o Inter colocaram mais do que nunca os pés no chão. O São Paulo, que vendia pelo menos um jogador por temporada para cobrir o prejuízo, desta vez está se desfazendo de mais gente. O balanço anual do clube costuma apontar 40 milhões de reais de despesas para uma arrecadação de 30 ou 35 milhões. Nesta temporada, o déficit previsto é maior: 15 milhões. Daí a debandada de jogadores.

Até times com o suporte de uma parceria estão seguindo o mesmo caminho. A Hicks Muse Tate & Furst, que entrou provocando furor no Corinthians e Cruzeiro, já recuou. Sem pensar duas vezes, a empresa negociou Vampeta e Edílson. Motivo principal: o Corinthians fechou o semestre com o déficit de 6 milhões de reais. A estratégia da Hicks, mais do que nunca, será investir nas categorias de base.

Segundo o diretor Richard Law, a Hicks vai despejar 5,4 milhões de reais nas categorias de base do Corinthians e 3,6 milhões de reais nas do Cruzeiro. "Nosso objetivo é colocar o melhor time no campo de jogo, tanto no Cruzeiro como no Corinthians, mas isso não quer dizer trazer grandes figuras, grandes estrelas; um craque não faz um time e sim onze jogadores trabalhando em conjunto, se encaixando", diz Law.

Na visão dele, não há como competir com o mercado europeu e segurar os principais jogadores aqui. Law tem um levantamento que mostra que os cinco principais clubes ingleses arrecadam sete vezes mais que os cinco principais brasileiros em receitas de televisão e dez vezes mais em termos de bilheteria. "O quadro só irá se modificar quando passarmos a atrair o torcedor-consumidor em todos os sentidos. Aquele que tiver uma experiência positiva num estádio de futebol, por exemplo, vai voltar (e fazer o dinheiro girar). Por enquanto, isso não acontece."

Nesse ponto levantado por um norte-americano, Flamengo, Santos, Palmeiras, Inter, São Paulo, Corinthians, Cruzeiro, Vasco e qualquer outro clube, concordam: apenas esse torcedor-consumidor, sumido, desprezado, judiado, colocado em último plano, é quem pode tornar o futebol brasileiro viável, permitindo grandes contratações, a manutenção dos astros, a negociação das dívidas. O questão é como chegar até a ele, como reconquistá-lo? Até agora ninguém descobriu e pouca gente fez força para isso.

Denilson, no Maracanã, antes da estréia: "Talvez eu não valha tanto como profissional, mas, como pessoa, valho até mais que o preço que me venderam"

Ranking dos salários

PLACAR, na edição de maio, levantou os salários dos 50 jogadores mais bem pagos do país. Em quatro meses, Gamarra, Denilson e Edílson mudaram a lista e aumentaram os patamares

JOGADOR	SALÁRIO (em R$)
Romário	460 mil
Edmundo	415 mil
Gamarra	360 mil
Rincón	330 mil
Denilson	270 mil
Edílson	210 mil
Zinho	200 mil
Fábio Júnior	198 mil
Asprilla	180 mil
Petkovic	180 mil
Carlos Miguel	150 mil
Sorín	150 mil
Donizete	150 mil
Marques	140 mil
Guilherme	140 mil

Como o cap

eta gosta...

Edílson perdeu a companhia inseparável de Vampeta, mas ganhou a praia, as festas, o clima descontraído do Rio, que também cativou Denilson. A nova dupla do Fla está em casa e não tem desculpa para não arrebentar

POR ARNALDO RIBEIRO E MARCELO COSTA

Além do dinheiro, do clube de massa, da proximidade da Seleção, a cidade foi fundamental para atrair a dupla Edílson-Denilson ao Flamengo. Descontraídos, irreverentes, amantes da praia e da noite, não será por falta de adaptação que eles não triunfarão na Gávea. Em pouco mais de um mês de clube, eles já poderiam estar desfilando em seus carrões com os adesivos "We love Rio".

"Estou em casa. Aqui, tem tudo o que eu gosto", afirma o baiano Edílson. "Eu devia ter nascido aqui. Nas três primeiras semanas, descobri que sou carioca. O meu jeito de ser tem a ver com a cidade", diz o paulista Denilson.

Ele fez questão de morar em frente à praia, na avenida Sernambetiba (a da praia da Barra). Seu "point" predileto por enquanto é a Gameworks, loja de diversão de Steven Spielberg.

A violência da cidade não o assusta. "Para quem cresceu em Diadema..." Não tem seguranças e vai para os treinos dirigindo ora sua BMW M3, ano 1999, ora sua Cherokee zero.

Enquanto não pôde estrear no Flamengo, fez questão de marcar presença em tudo quanto é programa de televisão, pagodes e festinhas. "Nunca escondi que gosto de sair e me divertir. Tenho 23 anos, tenho que curtir a vida em algum momento. Se não fizer agora, farei quando?", diz. "Podem falar que viram o Denilson na festa tal, mas nunca que estava caindo de bêbado ou fumando. Eu só danço e me divirto e não vou deixar de produzir porque saí à noite."

Esse estilo de vida aproximou-o da música. Denilson é o empresário das bandas Soweto e Gana. Edílson, filho do músico Carlos Ferreira, por sua vez, é quem manda no grupo baiano Raça Pura. Apesar das inúmeras semelhanças, o ex-jogador do Corinthians promete levar uma vida mais sossegada que a do colega.

Edílson está comprando um apartamento num condomínio luxuoso, também na Barra, mas já avisou que vai trazer a família. "A minha mulher não quis sair de Salvador e morar em São Paulo. Agora, é diferente."

Segundo o atacante, ele só sente falta no Rio da companhia do amigo Vampeta, que foi jogar na Itália. "Nós vivíamos praticamente 24 horas por dia juntos. Só nos separávamos quando ele estava com alguém e eu com a minha esposa." No Corinthians, os dois dividiam o mesmo quarto na concentração, moravam no mesmo flat em São Paulo e iam sempre aos cinemas e aos karaokês da cidade.

"As maiores paixões dele são o Vampeta e nosso filho Matheus." A frase é de Ivana, mulher de Edílson, e está no site oficial do jogador: www.uol.com.br/edilson10. O melhor amigo dá a dica para o Capetinha ou Embaixador, como queiram, se dar bem no Flamengo. "Ele rende melhor com amigos por perto, cercado por um bom ambiente", afirma, lembrando-se do confronto com os torcedores do Corinthians, que acabou provocando a sua saída do clube. "Se isso não tivesse acontecido, ele estaria lá até hoje", diz.

Edílson, que cresceu trabalhando como contínuo num hospital de Salvador e não queria ser atacante de jeito nenhum por finalizar mal, gosta de estar entre as estrelas principais do time. Sentiu ciúmes na constelação do Palmeiras de Wanderley Luxemburgo e muitas vezes também no Corinthians. No Flamengo, não gostou nada, nada de saber que havia perdido a camisa 10 para Petkovic. Teve de engolir a 9.

Denilson, que tinha a mania de roubar picolés e lapiseiras em Diadema quando moleque e sentia inveja dos tênis novos nos pés dos colegas, se contenta e até prefere ser coadjuvante. "No São Paulo, eu era a estrela principal. Quando o Raí chegou, eu fiquei mais solto e rendi mais. Na Seleção, tinha Rivaldo, Ronaldo, Romário, e os adversários esqueciam de mim. No Flamengo, também há jogadores que chamam a atenção dos marcadores, como o Edílson. Posso ficar na minha, quietinho..."

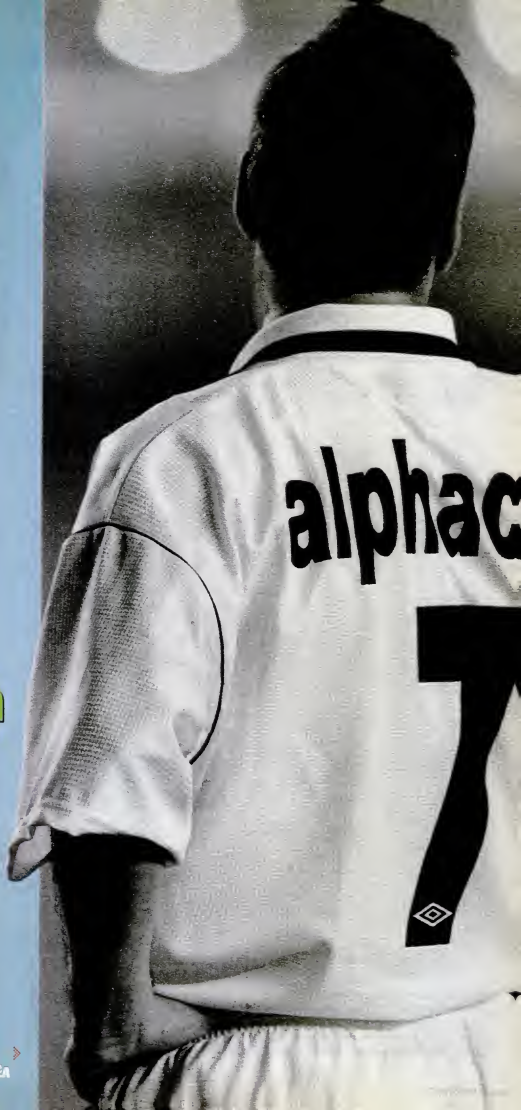
Os dois têm tudo para se encaixar e formar uma grande dupla, mas a pergunta que fica é: quem vai se dar melhor no Flamengo? Façam as suas apostas, pois os dois já começaram o duelo. Quem for aos treinos do time vai perceber que eles disputam acirradamente até inocentes chutes a gol — a 50 reais por sessão.

As vi… do an…

O mercado já não paga o que Edmundo vale — …
Santos, que um dia o craque julgou um time men…
casamento por interesse. O Santos precisa de u…
preto e branco, como nos anos 60. E Edmun…

sete
das
mal

a eu — e sua única opção foi o
Baixada, nasceu um perfeito
ulo para que o futebol viva em
nca precisou tanto de uma taça

: PAULO VINÍCIUS COELHO FOTOS RICARDO CORRÊA

"Tá, eu vou, sim."

A frase saiu da boca de Edmundo no escritório de seu procurador, Pedrinho Vicençote. O tom era quase resignado. Fazia dois meses que Edmundo não jogava, há oito não recebia os direitos de imagem que constavam em seu contrato com o Vasco. Mal sentava no banco e, pela primeira vez, o mercado não reagia com entusiasmo ao nome do atacante mais genial — nos dois sentidos — do país. Se nem o mais temido dos cartolas, Eurico Miranda, era capaz de evitar suas confusões , quem pagaria o preço de suas estrepulias?

"Tá, eu vou, sim."

Pedrinho Vicençote buscou essa resposta durante quase seis meses. Foi o tempo de maturação da transferência na cabeça de Edmundo, desde que a idéia apareceu pela primeira vez, no escritório do procurador, em janeiro. Foi em uma conversa de Vicençote com o presidente do Santos, Marcelo Teixeira, para fechar o acordo do goleiro Carlos Germano. Com o negócio de Germano resolvido, Vicençote começou o desabafo sobre Edmundo.

A situação estava difícil. Houve uma proposta do Napoli, que desistiu ao ouvir que o meia Juninho, do Vasco, teria passe livre no fim do ano e preferiu essa hipótese — mesmo que remota — a comprar uma bomba-relógio. Outra consulta da Fiorentina, do presidente Vittorio Cecchi Gori, que tanto sofreu com Edmundo há dois anos e ainda assim ligou pessoalmente para tê-lo de volta. Só que o técnico turco Fatih Terim preferiu montar outro ataque, com Nuno Gomes, Leandro e Chiesa — quem?

O mercado cantou com outras sondagens, nem tão concretas. O Milan, por exemplo: "Os caras me procuraram e foram muito sinceros. Perguntaram: mas você vai ficar conosco ou vai embora no meio do campeonato?", conta Edmundo. O atacante respondeu que ficaria até o fim. O Milan não acreditou. Ou o Chelsea, que só pedia, para cumprir a legislação britânica, que o atacante comprovasse participação em 75% dos jogos da Seleção nos últimos 12 meses. Edmundo, quem diria, não jogou tanto.

"Tá, eu quero, sim", respondeu Teixeira a Pedrinho, avisando que pagaria o mesmo salário de 55 mil reais, mais 200 mil dólares pelos direitos de imagem do jogador. O Santos, afinal, precisava de um craque, para se recolocar na rota internacional. "Precisamos ser respeitados como no passado e nada melhor do que Edmundo para isso", justifica o presidente Teixeira. Restava convencer o craque. Há três anos, o Santos procurou-o pela primeira vez. O técnico da época era Luxemburgo, o fato é que nas primeiras partidas pelo Santos, Edmundo marcou gols, mostrou que não está brincando. Edmundo não aceitou: "Naquele tempo, o Santos não me parecia um clube com a estrutura de, Palmeiras, Corinthians." E agora, é diferente?

Agora Edmundo e o Santos fazem um casamento perfeito. Não, o clube e o craque não são o par romântico dos sonhos de ninguém. Mas formam um casamento por interesse com uma chance incrível de dar certo. O Santos precisa de Edmundo para fazer o futebol voltar a ser jogado em preto e branco, como nos anos 60. Edmundo precisa do Santos vencedor para voltar à Seleção e a ser encarado como um grande negócio — a ele nunca se negou o rótulo de grande craque.

O aquário para prender o Tubarão

A receita é de Serginho Chulapa, que, como Edmundo, chegou a Santos com fama de problema. "A cidade é pequena. Ele vai gostar", diz Chulapa. "Eu chegava ao treino na hora certa. Só não sei como", diz, sobre a vida noturna da cidade. No tempo do Corinthians, Edmundo freqüentou a extinta danceteria Reggae Night. "Fui só uma vez", diz o craque, que agora jura preferir um bom livro. "Ele logo virá aqui, com outros craques", convida o DJ Cabral do Avelino's, do Guarujá. O Tubarão está a sós no aquário, mas alugará uma mansão no morro Santa Terezinha, um luxuoso condomínio fechado em Santos. Do Guarujá, ele está longe: "A balsa atrapalha."

A casa que Edmundo está alugando fica no Morro Santa Terezinha, bem perto da Vila Belmiro e do CT do Santos. Mas a vida pode reservar agitos para o Animal. Se quiser, ele pode pegar a balsa e ir aos bares do Guarujá. Ou a São Paulo, onde fica o "Fui", bar do amigo Eri Johnson.

Na estréia contra o São Paulo (*à dir*): "O Santos é uma grande chance para mim"

"Já ouvi dizer umas 20 vezes que eu estava tendo minha última chance. Agora, dizem o mesmo sobre minha passagem pelo Santos. Não é a última, claro que não. Mas é uma grande chance", admite Edmundo. "Se ele levasse o futebol a sério quando estava na Itália, seria o melhor jogador do mundo. Bastava uma boa temporada", diz Pedrinho Vicençote, aquele lateral-esquerdo do Vasco e Palmeiras nos anos 80 e velho amigo que andava estremecido com o atacante.

Edmundo não vê com bons olhos o fato de Pedrinho ter outros negócios, de não dedicar a ele tanto tempo quanto no seu início de carreira. Hoje em dia, o amigo do peito é outro procurador, Cláudio Guadagno, o ex-lateral Cláudio, do Palmeiras dos anos 90. Foi ele quem trouxe as propostas de Milan e Chelsea, que Pedrinho jura não serem reais. O fato é que os dois, Cláudio e Pedrinho, convenceram o jogador de que é hora de dar o pulo do gato. De novo. "Durante um tempo eu achava que minha vida pessoal era mais importante do que o lado profissional. Acho mesmo que aproveito o que ganho bem melhor do que o Ronaldo, que não tem vida pessoal desde que foi eleito o melhor do mundo. Mas sei que preciso dar um salto, ganhar um título pelo Santos, para voltar a meu momento", diz Edmundo.

O problema é que sua sétima vida começa aos 29 anos, já cansado de tantos leões que matou pela carreira afora. Quando retornou pela primeira vez ao Vasco, em 1996, era como chegar ao fundo do poço depois do acidente de carro da Lagoa Rodrigo de Freitas. Um ano depois, estava renascido, era o melhor jogador do país, talvez do mundo, embora a Europa mal tenha desconfiado disso. Foi para a Fiorentina e voltou ao Vasco, para novo recomeço. "Eu adoro jogar ›

Cercado de crianças, na entrada em campo. O Santos paga caro por um ídolo

"O Eurico me ligava todo dia em Florença. Dizia que no Rio estava 40 graus e eu naquele frio. Depois, disse que me afastou contra o Vitória. Eu é que não aceitava jogar sem receber"

bola. Mas o futebol é sujo. O Eurico me ligava todo dia em Florença. Dizia que no Rio estava 40 graus e eu naquele frio. Disse que ia pagar mais que os italianos e, no final, fiquei oito meses sem receber. Ainda disse que tinha me afastado nos jogos contra o Vitória, ano passado. Afastou nada! Eu é que não queria jogar sem receber."

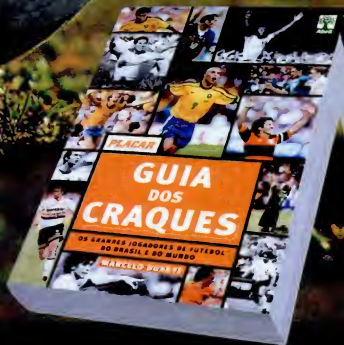
A volta por cima, desta vez, tem de ser rápida. Edmundo não tem mais tempo. Precisa de um título urgente, como o Santos. "Eu tive uma ótima oferta do Perugia, da Itália. Mas teria de jogar pra caramba para conseguir sair para um time médio. Depois, jogar pra caramba para ir a um clube grande. No Santos, é mais fácil. Se ganharmos um título, todo mundo vai saber."

Para o Santos, Edmundo é a cartada decisiva. O clube apostava todas as fichas na parceria com o consórcio CIE/Octagon, que furou quando a Lei Pelé proibiu a mesma empresa de assinar com dois ou mais clubes. O presidente Marcelo Teixeira já tirou 25 milhões de reais do próprio bolso. A estratégia é a mesma que deu ao Santos o seu último título paulista, em 1984. Na época, o presidente Mílton Teixeira, pai do atual manda-chuva, tirava dinheiro de seu império pessoal, que inclui uma universidade, uma emissora de rádio e outra de televisão. O destino do dinheiro era o Santos, presenteado com Serginho Chulapa, Paulo Isidoro, Rodolfo Rodríguez. "Depois do título, o time se desfez e o presidente, claro, recebeu o dinheiro de volta", lembra Serginho, que chegou ao Santos com fama de problema e aos 29 anos. Como Edmundo. "São mesmo situações parecidas", afirma Teixeira.

A dúvida é quanto tempo o clube agüenta pagar a conta para ter Rincón, Carlos Germano, Edmundo. Se o título vier, a torcida fica feliz, Marcelo Teixeira talvez veja seu dinheiro de volta, o Santos volta a ser grande, Edmundo vira gênio outra vez. O risco é o título não chegar e todo mundo ficar com o mico na mão. Só que o Animal tem sete vidas. Alguém paga para ver?

É ele explo Dill

Dill prefere a cautela: "Ainda estamos no começo do campeonato"

RENATO PIZZUTTO

Em quatro participações no Brasileiro, Dill havia feito dez gols. Este ano já fez mais dez e lidera a briga pela Bola de Ouro

Taffarel, Ricardo Rocha, Figueroa, Ancheta e Júnior; Cerezzo, Falcão e Zico; Renato Gaúcho, Careca e .... Dill. Dill? Sim, Elpídio Barbosa Conceição, o Dill, completa essa hipotética seleção dos craques da Bola de Ouro. Pelo menos no primeiro mês de Brasileirão 2000, o atacante do Goiás mostrou a que veio. Rápido e oportunista, ele marcou dez gols nos primeiros oito jogos e conquistou a liderança na primeira parcial. Ele parecia ser um jogador comum. Jogou quatro razoáveis temporadas pelo Goiás e, de repente, pintou como o Bola de Ouro. Dá para entender?

Dill estreou no final de 1995 no Brasileiro. Marcou seis gols no ano seguinte, três em 1997, um em 1998 e nove na Série B de 1999, sempre pelo Goiás. Não mudou de posição, não se converteu ao islamismo, mas, de repente, acertou o pé aos 26 anos. "É o melhor momento de minha carreira e devo isso ao Araújo e ao Fernandão que compõem o nosso ataque", diz, tentando explicar seu sucesso.

Talvez não exista explicação. Raí só não achou a consagração aos 26 anos? O alemão Bierhoff não tinha 28 anos quando explodiu na Eurocopa de 1996? O próprio Dill prefere a cautela. "Ainda estamos no começo do Campeonato e as boas atuações têm que ser constantes. Sei da importância desse prêmio, ganhá-lo seria maravilhoso", diz o jogador.

Os donos da Bola de Ouro*

ANO	JOGADOR	CLUBE
1973	Cejas e Ancheta	Santos e Grêmio
1974	Zico	Flamengo
1975	Valdir Peres	São Paulo
1976	Figueroa	Internacional
1977	Cerezzo	Atlético-MG
1978	Falcão	Internacional
1979	Falcão	Internacional
1980	Cerezzo	Atlético-MG
1981	Paulo Isidoro	Grêmio
1982	Zico	Flamengo
1983	Roberto Costa	Atlético-PR
1984	Roberto Costa	Vasco
1985	Marinho	Bangu
1986	Careca	São Paulo

ANO	JOGADOR	CLUBE
1987	Renato Gaúcho	Flamengo
1988	Taffarel	Internacional
1989	Ricardo Rocha	São Paulo
1990	César Sampaio	Santos
1991	Mauro Silva	Bragantino
1992	Júnior	Flamengo
1993	César Sampaio	Palmeiras
1994	Amoroso	Guarani
1995	Giovanni	Santos
1996	Djalminha	Palmeiras
1997	Edmundo	Vasco
1998	Edílson	Corinthians
1999	Marcelinho	Corinthians

* A Bola de Prata começou em 1970, mas o prêmio para o melhor jogador de toda a competição só foi criado em 1973

31º Bola de Prata

Allann Delon, do Vitória, é a única ameaça a Dill. É o segundo na briga pela Bola de Ouro e nas disputas pelas Bola de Prata de atacante e artilheiro. Nas outras posições, o destaque é o goleiro Hiran. O Inter está irregular? Pois ele segura as pontas na discreta defesa colorada

Bola de Ouro

1º Dill	Goiás	Atacante	7,06	9
2º Allann Delon	Vitória	Atacante	6,92	6
3º Petkovic	Flamengo	Atacante	6,86	7
4º Hiran	Internacional	Goleiro	6,83	6
5º Velloso	Atlético-MG	Goleiro	6,75	2
6º Agnaldo	Fluminense	Atacante	6,75	2
Ronaldinho	Grêmio	Atacante	6,75	2
Marcelo Moretto	Portuguesa	Goleiro	6,75	2
Henrique	América-MG	Atacante	6,75	2
10º Geovanni	Cruzeiro	Atacante	6,67	6

Hiran: segurança na instável defesa do Inter

GOLEIRO

Jogador	Clube	Média	Jogos
1º Hiran	Internacional	6,83	6
2º Velloso	Atlético-MG	6,75	2
Marcelo Moretto	Portuguesa	6,75	2
4º Kléber	Atlético-MG	6,67	3
5º Paulo Musse	Vitória	6,50	2
6º Rogério	São Paulo	6,40	5
7º Washington	Santa Cruz	6,38	4
Bosco	Sport	6,38	4
9º Pitarelli	Santos	6,33	6
10º Flávio	Atlético-PR	6,31	8

LATERAL-DIREITO

Jogador	Clube	Média	Jogos
1º Belletti	São Paulo	6,17	3
2º Paulo César	Fluminense	6,13	2
3º Luciano Baiano	Goiás	6,06	9
4º Daniel	Ponte Preta	5,88	4
5º Clébson	Vasco	5,80	5
Wilson	Vitória	5,80	5
7º Filipe Alvim	Bahia	5,64	7
8º Jorginho	Vasco	5,58	6
9º Luizinho Netto	Atlético-PR	5,50	4
Russo	Sport	5,50	4

ZAGUEIROS

Jogador	Clube	Média	Jogos
1º Lúcio	Internacional	6,60	5
2º Erlon	Sport	6,50	3
3º Edmílson	São Paulo	6,40	5
4º Célio Silva	Atlético-MG	6,25	2
5º Marco Aurélio	Juventude	6,20	5
6º Cris	Cruzeiro	6,17	6
7º César	Fluminense	6,14	7
8º Preto	Santos	6,13	4
9º Leonardo	Coritiba	6,10	5
10º Emerson	Atlético-PR	6,00	7

LATERAL-ESQUERDO

Jogador	Clube	Média	Jogos
1º João Marcelo	Juventude	6,50	2
2º Fábio Aurélio	São Paulo	6,17	3
3º Marquinhos	Goiás	6,00	9
Sorín	Cruzeiro	6,00	3
Gustavo Nery	São Paulo	6,00	2
Branco	Santa Cruz	6,00	2
J. Rodrigues	Sport	6,00	2
Rogério	Atlético-PR	6,00	1
9º Dênis	Internacional	5,83	6
10º Fabrício	América-MG	5,70	5

VOLANTES

Jogador	Clube	Média	Jogos
1º Edu	Corinthians	6,33	3
2º Vampeta	Corinthians	6,25	6
3º Ricardinho	Cruzeiro	6,17	6
4º Fábio Simplício	São Paulo	6,10	5
5º Rincón	Santos	6,07	7
6º Mozart	Flamengo	6,00	5
Gallo	Atlético-MG	6,00	4
Marcão	Fluminense	6,00	2
9º Túlio	Goiás	5,88	8
Jairo	Gama	5,88	8

MEIAS

Jogador	Clube	Média	Jogos
1º Kelly	Atlético-PR	6,50	7
Robert	Santos	6,50	7
Juninho Paulista	Vasco	6,50	5
Ricardinho	Corinthians	6,50	3
Luiz Fernando	Juventude	6,50	2
6º Souza	São Paulo	6,40	5
7º Fernandão	Goiás	6,38	8
8º Darci	Santa Cruz	6,33	3
Marabá	Goiás	6,33	3
10º Roger	Fluminense	6,25	6

ATACANTES

Jogador	Clube	Média	Jogos
1º Dill	Goiás	7,06	9
2º Allann Delon	Vitória	6,92	6
3º Petkovic	Flamengo	6,86	7
4º Agnaldo	Fluminense	6,75	2
Ronaldinho	Grêmio	6,75	2
Henrique	América-MG	6,75	2
7º Geovanni	Cruzeiro	6,67	6
8º Ewerthon	Corinthians	6,50	5
Sandro Gaúcho	Sport	6,50	2
10º Marques	Atlético-MG	6,40	5

O SOBE E DESCE

O lateral **João Marcelo**, do Juventude. Nos dois primeiros jogos, ele foi bem e lidera a disputa entre os laterais-esquerdos **Belletti** ganhou na meia, ano passado. Este ano, já está na ponta, só que como lateral-direito. Mas uma lesão atrapalha.

Caçapa ganhou a Bola de Prata como zagueiro em 1999. Em 2000, nem aparece na lista. O **Atlético-MG** levou cinco Bolas em 1999. Este ano, nenhum de seus jogadores lidera. E o **Corinthians** caiu de quatro para duas Bolas de Prata.

Os jornalistas da PLACAR assistem, sempre nos estádios, a todas as partidas do Brasileirão e atribuem notas de 0 a 10 aos jogadores. Os atletas dos times finalistas ganham 0,2 ponto de bonificação. Receberão a Bola de Prata os craques com melhor média em toda a competição, desde que tenham sido avaliados em pelo menos 30% dos jogos. Em caso de empate, leva o prêmio quem tiver o maior número de partidas. Ganhará a Bola de Ouro aquele que obtiver a melhor nota média, independentemente da sua posição.

Maldito
te
D.P.P.I.

Bebeto fracassou no Toros Neza, do México, e no Kashima Antlers, do Japão. De volta a Salvador, a torcida do Vitória não lhe dá a mínima. Como ele, boa parte da geração vitoriosa de 1994 resiste a dizer adeus

POR PAULO VINÍCIUS COELHO E ARNALDO RIBEIRO*

Bebeto já tinha 33 anos quando chegou a Salvador, em 1997, contratado pelo Vitória. Uma multidão foi buscá-lo no aeroporto e, nos braços da torcida, ele desfilou em carro aberto pelas ruas da cidade. Era um ídolo voltando para casa, de onde saíra em 1983 para se consagrar primeiro no Flamengo, depois na Seleção Brasileira e no futebol da Europa.

Bebeto está de volta, aos 36 anos. Contratado para ser o ídolo que faltava no Vitória, o craque tetracampeão do mundo, em 1994, fez o mesmo trajeto entre o aeroporto e o Barradão. A cidade reagiu em silêncio. Já faz um mês que o antigo ídolo retornou a Salvador e, no entanto, é como se nada tivesse acontecido.

FERNANDO VIVAS

HAROLDO ABRANTES

No carro de bombeiros, em 1997 *(no alto)*, e em 2000: frieza no retorno

Bebeto é o símbolo de uma geração que está chegando ao fim. Do time do tetra, em 1994, o lateral Branco, o goleiro Gilmar Rinaldi, o zagueiro Ricardo Rocha e, mais recentemente, o meia Raí penduraram as chuteiras. O zagueiro Aldair saiu execrado da Seleção de Luxemburgo, depois do jogo contra o Uruguai, e Márcio Santos não arruma clube e não tem lugar nem no banco de reservas do Santos. Ainda estão em forma o lateral Cafu, o goleiro Taffarel, o volante Mauro Silva, o atacante Romário e o meia Paulo Sérgio. Os outros, na maioria, estão na tênue linha que define o momento certo de parar. "Estão falando que a recepção foi fria para mim, aqui em Salvador. Não foi nada disso, não. A torcida me adora e me recebeu muito bem", despista Bebeto.

Do aeroporto, o atacante foi direto para o departamento médico rubro-negro, tratar de uma lesão por estresse no joelho direito. Por lá, passou mais de 15 dias. Para quem imaginava que esse era o início do fim, o baiano tratou ›

"No Japão, senti que eu não estava agradando. Preferi voltar para o Brasil, porque não adiantava ficar lá só para ganhar dinheiro. No México, o presidente era maluco"

No Toros Neza *(no alto)* e no Kashima Antlers. Nos dois clubes, os mesmos números: oito jogos, um gol. Pouco para um tetracampeão do mundo

de dizer que é isso mesmo. "Aqui é minha última parada. Quero fechar o ciclo no mesmo clube onde comecei a carreira", afirma, referindo-se aos primeiros tempos nos juniores do Vitória, no início dos anos 80. "Mas ainda pretendo continuar jogando mais uns dois anos", completa.

A rigor, ele parou faz tempo. Depois da Copa da França, Bebeto disputou 17 partidas pelo Botafogo e marcou oito gols no Campeonato Brasileiro de 1998. Foi seu último campeonato de alto nível. Na Copa do Brasil do ano seguinte, o Fogão chegou às finais, mas Bebeto passou quase despercebido. Daí, rumou para uma aventura no Toros Neza, uma pífia tentativa de La Coruña mexicano, que acabara de ser promovido à Série A prometendo furor. E que furor. O presidente Juan Antonio Hernández atrasou os salários dos jogadores, Bebeto ameaçou fazer greve e, como pagamento, também teve o seu salário de 900 mil dólares anuais atrasado. A briga continuou e os jogadores do Toros entraram em campo com camisas com letras garrafais estampando: "Bebeto, estamos com você." Bebeto foi embora depois de disputar oito partidas pelo Toros e marcar um único gol. "O presidente do clube era um louco", acusa o atacante brasileiro. "Ele prometeu montar um timaço, mas não contratou ninguém."

Na bagagem, levou uma dívida de 2 milhões de dólares que tenta receber até hoje, o respeito dos colegas pela solidariedade, mas a certeza da torcida de que o futebol mostrado nas oito vezes em que entrou em campo não era sombra dos tempos da Copa de 1994. Do Toros Neza, Bebeto foi para a Inglaterra. Não, não tinha proposta de nenhum clube britânico, mas se sujeitou a um estranho período de testes no Sunderland, que disputava apenas sua segunda temporada seguida na primeira divisão. O técnico Peter Reid observou Bebeto durante dez dias, antes de fazer uma proposta para que ficasse. Oferecia pouco para os padrões ingleses, pouco demais para um tetracampeão do mundo. E Bebeto se foi para o Japão, sem estrear no Campeonato Inglês.

Daí, seguiu o conselho do amigo Zico e acertou com o Kashima Antlers, do Japão. Estreou no dia 18 de março deste ano, contra o Frontale Kawasaki, marcou um único gol, na derrota por 3 x 2 para o Yokohama, e largou o clube oito jogos depois. Exatamente como no México: oito partidas, um gol. Em 1992, em seus primeiros oito jogos pelo La Coruña — sua única passagem vitoriosa pelo exterior — Bebeto marcou seis vezes, duas delas em um clássico contra o Real Madrid, outra num jogaço, contra o Barcelona.

O salário de 1 milhão de dólares anual foi pago proporcionalmente, mas Bebeto preferiu voltar ao Brasil a ficar enganando os japoneses com futebol de baixa qualidade e uma lesão no joelho direito. "No Japão, ficou a impressão de que ele não está bem", diz o jornalista Milton Sato, da revista *Soccer Digest*. "Tive uma lesão e senti que não estava agradando. Decidi voltar ao Brasil. Era melhor do que ficar lá só para ganhar dinheiro", diz o tetracampeão do mundo, honestamente.

Bebeto chegou a Salvador, comprou uma loja de moda feminina para sua mulher, Denise, e anunciou estar procurando uma casa para morar de vez na cidade, depois de pendurar as chuteiras. Isso significa que os jogos deste Campeonato Brasileiro podem ser os últimos de sua carreira. Mesmo assim, os baianos não se comovem. Guardam na memória o craque indo embora de Salvador, para jogar pelo Botafogo e ficar mais perto da Seleção Brasileira, às portas da Copa de 98. "O povo da Bahia diz que eu telefonei para Bebeto pedindo que deixasse o clube, porque não poderia convocar um jogador do Vitória para a Copa. Isso é uma bobagem", diz o técnico Zagallo, alvo das acusações dos baianos, como Bebeto. O risco para o craque não é ficar exposto à ira da torcida, mas à própria vaidade.

Branco e Ricardo Rocha, de tanto insistirem em jogar, deixaram uma imagem ruim do fim de carreira. O mesmo aconteceu com o goleiro Zetti, escorraçado do Fluminense depois de levar alguns frangos. "A maioria daqueles jogadores não consegue mais render", afirma o técnico da atual Seleção, Wanderley Luxemburgo. "É difícil você pensar que doou o seu corpo por 20 anos e agora isso está acabando", afirma o goleiro Zetti.

O desafio de Bebeto é realizar um campeonato que ninguém esqueça, o que parece difícil para quem acaba de passar por duas experiências difíceis. E depois parar. Por cima, como merece um tetracampeão do mundo. Quem o viu no auge torce para que seja assim.

O tempo não pára...

Aldair, 35 anos
Intocável na Roma, foi exposto a uma humilhação pública depois de falhar no jogo Brasil x Uruguai.

Jorginho, 36 anos
Diz que joga até os 40, mas só agora se livra das lesões no Vasco.

Mauro Silva, 32 anos
Ainda é amado em La Coruña, onde deverá encerrar a carreira.

Márcio Santos, 30 anos
Um dos mais novos, não tem lugar nem no banco de reservas do Santos. Nunca foi o mesmo depois do tetra.

Taffarel, 34 anos
Pegou pênaltis na decisão da Copa da Uefa, pelo Galatasaray. Está vivinho da silva.

Branco, 36 anos
Parou, abriu uma loja de material de construção e virou comentarista de rádio.

Mazinho, 34 anos
Até um ano atrás, era ídolo do Celta. Uma temporada ruim levou-o ao Elche, da segunda divisão da Espanha.

Romário, 34 anos
O melhor de todos, continua marcando gols, apesar de lutar contra várias lesões musculares.

Dunga, 36 anos
Ainda não anunciou o final, mas já acha difícil encontrar um clube. Saiu humilhado do Inter.

Bebeto, 36 anos
Depois do fiasco no Japão, voltou ao Vitória e foi recebido sem festa.

Zinho, 33 anos
O Palmeiras não quis renovar seu contrato. No Grêmio, ainda não mostrou a que veio.

... também para os reservas

Zetti, 35 anos
Saiu execrado do Fluminense. Não precisava.

Cafu, 30 anos
Sem a força da juventude, é condenado pela pouca técnica. Mas é titular da Seleção.

Ricardo Rocha, 38 anos
Não resistiu às lesões e virou empresário.

Ronaldão, 35 anos
Ainda esbanja vigor físico na Ponte Preta.

Leonardo, 31 anos
Com o excesso de craques do Milan, deve se contentar com o banco.

Paulo Sérgio, 31 anos
Continua em alta no Bayern de Munique.

Raí, 35 anos
O exemplo. Voltou a jogar bem e parou por cima.

Müller, 34 anos
Sabe tudo. Mas não consegue ser titular do Cruzeiro.

Ronaldo, 23 anos
O caçula da turma não resiste à maldição, nem às lesões seguidas. Mas ainda tem muito pela frente.

Viola, 31 anos
Ficou na reserva do Vasco durante quase um ano. Hoje, faz dupla com Romário e é finalmente titular.

Gilmar, 41 anos
Abandonou os campos, fracassou como superintendente do Flamengo e hoje é agente Fifa. Foi o primeiro do grupo a abandonar a carreira.

* COLABOROU FAUSTO PEREIRA

Engata

Do viaduto pode-se ver o acanhado estádio Figueira de Melo, e o "clássico" entre Barbarense e São Cristóvão (de branco)

ndo uma terceira

Durante dois dias, PLACAR acompanhou os preparativos de União Barbarense e São Cristóvão para um jogo pelo Módulo Branco da Copa JH. O resultado: muitas histórias engraçadas que mostram a dura realidade da Terceirona

TEXTO FABIO VOLPE | FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI E EDUARDO MONTEIRO

Não há terceira divisão no Campeonato Brasileiro. Pelo menos, no discurso dos cartolas do Clube dos 13. Na teoria, os 116 participantes da Copa João Havelange podem chegar ao título e, portanto, todos fazem parte de uma única divisão, organizada em subgrupos. Na prática, as 55 equipes dos Módulos Verde e Branco enfrentam as roubadas típicas de uma Terceirona, com direito a hotéis de categoria suspeita e estádios varzeanos.

Convidado para engrossar o caldo da competição, o União Barbarense aceitou de imediato. Em 86 anos de vida, o time do interior de São Paulo nunca havia deixado o estado para disputar um jogo oficial. O adversário na estréia "internacional" foi o São Cristovão, equipe tradicional da segunda divisão carioca, que recebeu os paulistas no acanhado estádio Figueira de Melo, no centro do Rio, no último dia 13 de agosto.

Por isso, livre da maratona rodoviária, eu e o fotógrafo de PLACAR Alexandre Battibugli fomos ao encontro da delegação do União Barbarense no aeroporto de Viracopos, em Campinas, cidade próxima a Santa Bárbara do Oeste, na véspera da partida. No saguão de embarque, enquanto nos apresentávamos, vi Amoroso seguir em nossa direção. Estava certo de que o atacante da Seleção Brasileira havia reconhecido algum jogador ou o técnico do Barbarense, Miguel Amaral. Gentilmente, ele cumprimentou a todos, mas puxou conversa mesmo com o fotógrafo. Nascido em Campinas, Alexandre Battibugli cobriu durante muito tempo a Ponte Preta e o Guarani. Foi nessa época que conheceu Amoroso, que pegaria o mesmo vôo que a gente para se apresentar à Seleção Brasileira no Rio. Foi o primeiro sinal da dura realidade da Terceirona: o nosso fotógrafo era o mais conhecido da turma.

1 Encontro inusitado: Amoroso, no ônibus do aeroporto de Viracopos, ao lado da delegação do Barbarense
2 Anderson, lateral da equipe paulista, estréia nas viagens aéreas com tranqüilidade

PLACAR acompanhou a viagem e os preparativos do União Barbarense e visitou a folclórica casa do São Cristóvão para revelar as curiosidades e os personagens exóticos que fazem da terceira divisão, mais do que um torneio modesto, um cenário para boas histórias.

Encontro de famosos a anônimos

A terceira divisão já viveu dias piores. Eu já estava preparando o espírito (e o traseiro) para encarar as quase 7 horas de ônibus que separam Santa Bárbara do Oeste, interior de São Paulo, do Rio de Janeiro, onde acompanharia a partida entre São Cristóvão e União Barbarense. Foi um alívio descobrir que, para atrair participantes para os módulos mais modestos da Copa João Havelange, o Clube dos 13 estava dando um apoio financeiro e — o mais importante — passagens aéreas *(não para a PLACAR, que não aceita cortesias)* para os times visitantes que precisassem encarar mais do que 400 km de viagem.

Passageiros de primeira viagem

Depois das apresentações, tratei de descobrir se alguém viajava de avião pela primeira vez. Pedi ajuda ao supervisor de futebol, Rodmi Parazi, e descobri que a tarefa seria mais fácil do que eu pensava: "Quase ninguém viajou de avião. Inclusive eu", entregou Parazi. Na conversa inicial com o técnico Miguel Amaral, fiquei sabendo que o lateral-direito da equipe, Anderson, de 16 anos, também era novato no assunto. Durante o vôo, puxei conversa. "Por enquanto, está tudo excelente. A sensação é boa", respondeu o lateral sem preocupação. Fora um ou outro momento de timidez na hora de aceitar o serviço de bordo, os passageiros de primeira viagem não demonstraram apreensão nem fizeram feio durante o vôo. O mais precavido nem era um iniciante nos céus. Antes de entrar e ao sair do avião, o experiente goleiro Vagner fez o sinal da cruz. "Não é superstição. A gente tem é um pouco de crença", explicou o arqueiro.

Hospedagem num hotel "família"

Não reparei se Vagner repetiu o sinal da cruz ao entrar no hotel Barão de Tefé, no centro do Rio. Mas confesso que quase fiz o gesto. Decorada com chapas prateadas e luzes coloridas, a recepção do hotel parecia uma pista de dança abandonada. No centro, um elevador antigo e suspeito. Enquanto distribuía as chaves dos quartos, o gerente soltou uma frase nada animadora: "Por favor pessoal, subam no máximo quatro no elevador." Aproveitei para bater um papo com ele. Perguntei se outros times já haviam se hospedado no hotel. Ele respondeu de primeira: "O Vasco." Tentei esconder a cara de descrédito. Não era possível que o Eurico Miranda andasse tão sovina. Mas, antes que eu duvidasse da resposta, o gerente continuou: "O Vasco do futsal. Trabalhamos muito com esportes amadores. Aqui é um hotel simples, mas muito família."

3 O volante Henrique acompanha Brasil x Chile na TV "verde" do hotel
4 Desalojados do clube a contragosto, o pessoal do São Cristóvão se concentrou num hotel do centro do Rio
5 O treinador de goleiros Ditinho, 1,50 m, e seus pupilos

EDUARDO MONTEIRO

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

O papo não durou nem dez minutos antes de ser interrompido pela primeira queixa. O volante Henrique apareceu na recepção: "Pô, a TV tá verde." Um funcionário prometeu trocar o aparelho, mas o jogador teve mesmo é que acompanhar o amistoso entre Brasil e Chile numa legítima peça de museu.

Depois do jantar, à base de macarrão à bolonhesa e bife à parmigiana, alguns atletas optaram por passar o tempo jogando baralho. No quarto onde iria rolar a cacheta, o zagueiro Toninho, casado, chegou irritado. Ao sair do restaurante do hotel, ele foi abordado por um sujeito que lhe ofereceu uma prostituta. Coisas de um hotel "família".

Os "sem-teto" do São Cristóvão

Não muito longe dali, a turma do São Cristóvão também já estava reunida, mas fora da sua concentração tradicional, da qual a equipe havia sido "despejada". A delegação trocou o alojamento dentro do próprio clube pelo hotel Bragança, no centro do Rio. Os quartos contavam até com frigobar — "luxo" inexistente no hotel do Barbarense — mas a maioria dos atletas não ficou muito satisfeita com a troca. Apesar de o alojamento se restringir a um amontoado de beliches, lá os jogadores têm mais opções de lazer, como bater papo no bar do clube ou matar o tempo no salão de jogos. O motivo da mudança foi inusitado: o cantor de forró Frank Aguiar fez um show no São Cristóvão no sábado à noite.

O pequeno grande treinador de goleiros

Ao final do primeiro dia de viagem, eu e o fotógrafo Battibugli chegamos a um consenso: entre todas as pessoas que conhecemos, ninguém superava em exotismo o treinador de goleiros do Barbarense, Ditinho. Para começar, ele nunca jogou na posição. Tentou ser um ponta-direita, mas não deu certo. Além disso, tem apenas 1,50 m de altura. Para superar esses obstáculos conta com uma arma: um chute venenoso para treinar seus pupilos. Confiante, Ditinho, não tem dúvidas de que ainda vai fazer muito sucesso na profissão: "Basta um goleiro meu chegar a um clube grande." Enquanto isso não ocorre, ele se vira com um salário de 400 reais e funciona também como um quebra-galho para o clube. Como as passagens para o Rio eram contadas, o time não levou roupeiro e Ditinho, na boa, assumiu a função.

O diretor de futebol do clube, Maurílio D'Elboux, encontrou outras formas inusitadas de adequar o orçamento às receitas da terceira divisão. Na Copa JH, a equipe não conta com um médico contratado. "Cada jogo, um amigo nosso acompanha o time", explica Maurílio. A solução na base da camaradagem já produziu situações curiosas. Na primeira partida no time no Brasileirão, um ginecologista foi o médico da equipe.

Caravana de táxi para ir ao estádio

Nos lados do São Cristóvão a criatividade também ajuda a economizar. Já no domingo, dia do jogo, a equipe deixou o hotel Bragança rumo ao estádio Figueira de Melo numa carreata de táxis. "Se você pedir um ônibus, paga 150, 200 reais. Como o hotel fica pertinho do estádio, gastamos com os táxis uns 50 reais", explicou o supervisor de futebol, Carlos Tozzi. No caminho para o jogo, valeu apelar até para uma carona no carro da reportagem de PLACAR, que levou o técnico Gilson Paulino.

O pessoal do União Barbarense preferiu pagar um ônibus. Na chegada ao estádio, coube ao massagista Zelão a tarefa de acomodar os 17 jogadores, as malas de todos eles, os equipamentos da equipe e mais uma imagem de Nossa Senhora da Aparecida num vestiário com menos de 4 m². Como a missão era claramente impossível, boa parte da bagagem acabou ficando do lado de fora mesmo.

convite. Mas o time provou que tem condições de disputar o torneio", afirma Paulo.

Porém, mesmo com as melhorias, o Figueira de Melo ainda é folclórico. As torres de iluminação do estádio não possuem um único holofote. Por isso, as partidas têm que começar às 15h, a tempo de terminar com luz natural. Atrás de uma das linhas de fundo existe um paredão enorme, que é o muro de uma antiga fábrica. Os atacantes precisam estar espertos o tempo todo. Quem encher o pé e errar o gol corre o sério risco de receber uma bolada na cara, e aquele que não conseguir frear uma corrida mais empolgada pode acabar metendo a testa na parede.

Terceirona nas ondas do rádio

Por incrível que pareça, a partida até que atraiu um bom número de jornalistas. Três rádios de Santa Bárbara do Oeste — Cultura FM, Rádio Brasil e Luzes da Ribalta —viajaram ao Rio

EDUARDO MONTEIRO

1 Transporte improvisado: o São Cristóvão vai para o estádio de táxi
2 Para economizar uma graninha, o técnico do clube carioca aproveita e pega uma carona com o carro da reportagem de PLACAR

Perigo: um paredão na linha de fundo

Mas os vestiários, assim como todo estádio do São Cristóvão, já viveram dias piores. "O estado do campo era deprimente", confessa o presidente da equipe, o deputado federal Paulo de Almeida (PPB-RJ), "aqui também não tinha bola, camisa e, juntando todas as categorias, o clube só possuía nove jogadores". O político assumiu o comando do São Cristóvão em fevereiro deste ano e realmente melhorou a situação. O gramado foi reformado, os velhos alambrados trocados e o time profissional voltou a disputar a segunda divisão carioca. Paulo de Almeida não esconde que usou sua influência para levantar dinheiro e ressuscitar o clube: "Vários amigos ajudaram, como o Ratinho, do SBT. O Ronaldinho também deu uma pequena ajuda." Outro fruto dos contatos do deputado foi a vaga no Brasileirão: "Meu prestígio junto ao Eurico Miranda foi importante para receber o

para cobrir o jogo. O número de jornalistas cariocas era menor: um repórter do jornal *Lance!* e outro da Rádio Grande Rio. A principal diferença na cobertura da imprensa na terceira divisão é que, com a falta de jogadores mais conhecidos, até jornalista vira celebridade, como pude comprovar ao ser requisitado para uma entrevista à rádio Cultura FM de Santa Bárbara.

Pouco antes do jogo começar, conversei com os radialistas que vieram de São Paulo. Natale Giacomini, narrador da Rádio Brasil, estava eufórico com a possibilidade de transmitir o primeiro jogo do Barbarense em outro estado: "Há 42 anos a emissora faz os jogos do time. Até hoje, não perdemos uma única partida." Foi só Natale terminar a frase para entrar na cabine um funcionário de uma empresa telefônica comunicando que as linhas para transmissão não haviam sido instaladas. Nenhuma rádio de Santa Bárbara apresentou a partida na íntegra.

Dois gols e 200 testemunhas

Enquanto os radialistas sofriam nas cabines, os técnicos davam as últimas instruções. Ou pelo menos se esforçavam. Quando perguntado sobre o adversário, Miguel Amaral, do Barbarense, tentou demonstrar conhecimento: "É uma equipe leve, que toca a bola, tem um atacante como destaque", respondeu, numa descrição que poderia ser aplicada a uma centena de outros times brasileiros. Já o técnico do São Cristóvão, Gilson Paulino, abriu logo o jogo: "Não sei nada sobre o Barbarense. Vou descobrir durante a partida."

Foi assim, no escuro, que os times entraram em campo. Cerca de 200 torcedores receberam o trio de arbitragem e os visitantes com um silêncio constrangedor. Não deu para ouvir nem um simples palavrão. A entrada do São Cristóvão, porém, com direito a uma bateria de rojões, animou a galera. Com o apoio da massa, a equipe da casa se deu melhor. Ainda no início do segundo tempo, já vencia por 2 x 0. A turma do Barbarense, que só chamava o juiz de "professor", começou a se irritar com a cera do adversário. A equipe, que já havia perdido um zagueiro expulso no primeiro tempo, ficou sem outro no finalzinho do jogo. Foi o bastante para todos no banco abandonarem a saudação acadêmica para o árbitro: "Safado, vagabundo. Vai apitar briga de galo." A poucos metros do banco dos visitantes, o "ex-professor" fazia de conta que não era com ele.

Com os ânimos exaltados, a polícia do Rio resolveu agir e dobrou o efetivo dentro do campo. O que não significou muita coisa: em vez de dois, quatro PMs. Mas o jogo acabou sem maiores confusões e em 2 x 0 mesmo. Os pontos ficaram com o São Cristóvão e os prejuízos também. Dos 200 torcedores presentes, apenas 15 pagaram ingressos, propiciando uma renda de 75 reais na bilheteria. Bom, pelo menos deu para o clube bancar a carreata de táxis.

3 O São Cristóvão entra em campo e, na ausência da torcida, se apresenta ao viaduto **4** O placar nada eletrônico, o banco do time da casa, e o Paredão na linha de fundo

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

Prejuízo de primeira e de terceira

Os clubes que estão na elite do futebol brasileiro e os que sobrevivem no Módulo Branco têm coisa em comum: todos andam levando prejuízo a cada rodada da Copa JH. A diferença é que na primeira divisão o rombo cresce nos jogos fora de casa, enquanto que na Terceirona a maior roubada é ser o mandante.

PREJUÍZOS DOS MANDANTES...

Despesas (em reais)	São Cristovão	Cruzeiro
Funcionários para o estádio**	350	11 000
Taxa de arbitragem	1 350	6 500
Concentração do time e traslados	900	não paga
Taxa de aluguel do estádio	não paga	4 500
Bicho	1 800	não pagou
Impostos sobre a renda	50	7 350
Receitas		
Bilheteria	75	21 350
TOTAL	- 4 375	- 8 000

... E DOS VISITANTES*

Despesas	União Barbarense	São Paulo
Traslados	400	1 200
Hospedagem e alimentação do time	1 200	3 500
Transporte	não paga***	8 900
Bicho	não paga	não pagou
Receitas		
Verba do Clube dos 13	2 mil	não recebe
TOTAL	+ 400	- 13 600

* Números relativos aos jogos São Cristovão 2 x 0 União Barbarense e Cruzeiro 2 x 2 São Paulo
**Bilheteiros, fiscais, seguranças
*** Os times dos módulos Amarelo, Verde e Branco recebem passagens aéreas do Clube dos 13

Quando decidi jogar, meu pai até me alertou. Mas eu rebati: "Deixa comigo, já andei pelas ruas do Bronx e estou preparado para tudo". Depois, fui perceber que a barra era pesada mesmo

ALEXANDRE BATTIBUGLI

quem está voando!

Não, não é um intruso campeão de motocross numa revista de futebol. Cansado da vida de boleiro e das pressões, Edinho, o filho de Pelé, trocou o gol pelas pistas **POR ARNALDO RIBEIRO**

Quando você adotou o motocross e o que papai achou disso?
Eu gostava do esporte desde pequeno, nos Estados Unidos. Acompanhava os campeonatos pela TV e tudo mais. Assim que eu parei de jogar futebol, a primeira coisa que fiz foi comprar uma motinho e começar a treinar. O meu pai me apóia. Ele é a favor do esporte em geral, ama todos eles.

O futebol sempre fez parte de sua vida. Mesmo em Nova York, não dava para esquecer de quem você era filho. Você se encheu de tudo? Foi por isso que parou?
Foi uma opção de vida. O futebol te deixa isolado, enquanto as coisas estão passando por aí. Depois de dez anos, eu achei que era o momento de parar. Antecipar o final de uma carreira significa armazenar energias para encarar a outra etapa da vida.

Você pelo menos se livrou das comparações com o seu pai?
A minha sorte no futebol foi começar sem ter a noção do que me esperava. Criado lá fora, nunca imaginei a repercussão que iria ter. Quando meus pais se separaram, eu tinha oito anos e passei a ver meu pai uma vez por mês, nos aniversários, nos Natais. Quando decidi jogar, ele até que me alertou. Mas eu rebati: "Deixa comigo, já andei pelas ruas do Bronx e estou preparado para tudo". Depois, fui perceber que a barra era pesada mesmo.

Você teve a vida facilitada no Santos por ser filho dele?
A minha trajetória prova que nunca fui favorecido. Tive de sair do Santos, passar pela Portuguesa Santista e pelo São Caetano para me afirmar. Saí, mostrei meu valor e retornei, como qualquer um. Treinava sempre mais que os outros. Os caras poderiam até falar: "Ele é uma porcaria, mas pelo menos se esforça."

Além da sombra de Pelé, quais foram as outras dificuldades?
Ter começado tarde. Nos Estados Unidos, jogava tudo, menos futebol. Até que, com 18 anos, conheci uns cariocas, que me convidaram para participar do time de várzea deles, o Flamenguinho. Descobri que meu negócio era o gol. Como jogava beisebol, basquete e futebol americano, tinha impulsão e habilidade com as mãos. Quando acabei o colegial, poderia fazer a faculdade ou me profissionalizar. Como meu sonho era ser atleta e nunca fui fã dos estudos, resolvi ir para o Brasil e encarar.

Por que seu reinado no Santos acabou tão rápido?
Fiquei três anos como titular, fiz até um gol de pênalti, mas, no final de 1996, rompi os ligamentos do joelho e fiquei um ano parado. Essa brecada foi fatal. Me recuperei, mas o tempo não perdoa. No futebol, se você der mole, um abraço. Aí, o Santos contratou o Zetti, eu fui para a Ponte e, no retorno, decidi parar.

Até onde você chegaria se tivesse 10 centímetros a mais?
A altura (1,78 m) era mais um fator para eu ser desacreditado. Mas se só tenho um braço, tenho que me virar com ele. Acho que não me atrapalhou tanto na carreira, mas não nego que um palmo a mais me ajudaria, e muito.

Você continua vendo futebol e os amigos antigos?
Acompanho pela TV. Quanto aos amigos, converso com o Anderson (*lateral do Grêmio*), o Caíco (*meia do Atlético-MG*)... Mas a distância faz a gente perder o contato. Os caras mal vêem as próprias famílias, muito menos os amigos.

E o Santos, será que agora vai? Tem sapo enterrado lá?
O Santos tem um bom time, jovem, com potencial. Se conseguir formar um bom conjunto, pode até chegar ao título. Um dos problemas é a pressão pelo que o clube fez no passado. A cobrança é injusta, mas existe. Eu era cobrado pelos 13 anos de fila do Santos, mas eu só joguei três anos lá. E os outros dez?

Seu pai não o pressiona para administrar os negócios dele?
Tive várias oportunidades para trabalhar nas empresas dele, mas, como no futebol, quero o meu espaço. Os nossos produtos são semelhantes, o marketing esportivo, mas fiz questão de abrir a minha empresa, que trabalha com esportes pouco tradicionais, como o motocross. Pode até ser que amanhã ou depois nossos caminhos se encontrem, mas não agora. Tenho 30 anos, quero fugir da sombra dele e superar as dificuldades sozinho.

Você já se encontrou alguma vez com a Sandra, que fez teste de DNA e provou ser sua irmã?
Não a conheço pessoalmente. Ela nunca me procurou, mas acompanho as notícias que a envolvem pela TV e pelos jornais.

Você acha que foi condenado naquele caso do racha em Santos só por ser é famoso (*Edinho foi condenado a seis anos de prisão em regime semi-aberto*)?
Acho. Não tive nada com o acidente. Estava num carro emprestado e parei para socorrer o motociclista que morreu. Quando confirmei que o socorro estava a caminho, fui embora. Isso num sábado. Na segunda, li uma nota no jornal, dizendo que havia participado de um racha e fugido. A primeira coisa que fiz foi ir à delegacia. Lá, disseram que a perícia havia relatado um acidente entre carro e moto, sem ter mencionado nada mais. Saí de lá aliviado, mas dei a cara para bater. O advogado da vítima elaborou uma história, conseguiu testemunhas não sei de onde. Por ser quem eu sou, acabei implicado no rolo. Mas tenho a consciência tranqüila. Estamos recorrendo.

Eu só reprovei o Dunga quando ele pegou o Bebeto pelo colarinho, na Copa de 98

ROSANE MARINHO

Eu xingo mesmo!

Antônio Carlos critica Dunga, mas diz que seu estilo é parecido com o do velho capitão: não alisa com quem erra em campo. Também não perdoa a imprensa **POR PAULO VINICIUS COELHO**

Como você define o seu estilo como capitão? É mais parecido com o Dunga, com o Simeone, da Argentina...

Eu só reprovei o Dunga quando ele pegou o Bebeto pelo colarinho, na Copa de 98. O Simeone? Eu nunca joguei com ele. Joguei contra ele e tivemos discussões em todas as vezes que nos encontramos. Até mesmo no último jogo Brasil x Argentina. Mas depois conversamos e ficou tudo bem. Acho que ele é um cara catimbeiro, como todo argentino. Que faz tudo para ganhar o jogo. Mas fora de campo não tem nada de mau, não.

O capitão é mesmo importante?

Olha, tem gente que acha que não precisa chamar a atenção quando um jogador erra. Mas, se um colega meu erra, tenho que chamar a atenção, sim. Vai elogiar? Tem que cobrar, pedir seriedade, para ver se o cara acerta na próxima. Antes do jogo contra a Argentina, eu ainda não era o capitão, mas já cobrava muito dos outros jogadores. Tem que xingar. Até os jogos contra o Uruguai e o Paraguai só um ou dois estavam cobrando. Faltava falar mais, o que começou a acontecer no jogo com a Argentina.

E isso mudou pela diferença do comando?

É. Isso é uma coisa de comando.

Nos tempos de Palmeiras, você era o capitão num time que tinha Cafu. Na Seleção, ele era o capitão. Como você encarava isso antes de virar capitão?

Era normal. Ele era o capitão na hora em que eu cheguei à Seleção Brasileira. Mas, na vida, a gente sempre traça objetivos. Eu queria ser jogador e aí pensava em chegar à Seleção. O passo seguinte era ser capitão. Dá uma certa autonomia. O capitão sempre pode opinar, ajudar mais.

O jogador não pode opinar se não for o capitão do time?

Pode, mas capitão é uma função de confiança, um jogador que o técnico quer que cobre. É um trabalho muito importante.

Você falhou em gols de adversários nas partidas contra o Chile e a Argentina? O que está acontecendo?

Contra o Chile, tentei rebater uma bola pelo lado esquerdo pegando de primeira, como se estivesse do outro lado, onde estou mais acostumado. Escorreguei e o Chile marcou. Errei e assumo isso. Contra a Argentina, fiz uma boa partida e escorreguei no lance do gol do Almeyda, mas a bola não era minha.

E de quem era a bola, então?

Isso não importa. É que a imprensa vê as jogadas de um modo muito diferente do que nós, jogadores e comissão técnica.

Em 1995, você teve um desentendimento com Roberto Carlos. Na seqüência, ele perdeu um pênalti na decisão paulista contra o Corinthians e você afirmou que jogador já negociado com a Europa não deveria jogar decisões (*Roberto Carlos estava vendido para a Internazionale*). Você ainda pensa assim?

Penso. Isso já faz muito tempo e depois conversei com o Roberto Carlos. Meu relacionamento com ele continua sendo muito bom. Mas eu acho isso mesmo. Se um jogador está vendido, a cabeça dele já está longe. O cara já está pensando no clube que vai defender. Não tem que continuar jogando.

Isso vale para um jogador que seja negociado para a Europa às vésperas da Copa do Mundo de 2002?

Não. Isso vale para clube. Para Seleção, não. Quando o jogador é convocado ele só quer saber da Seleção. Não pensa se vai comprometer a negociação ou não.

Recentemente, Aldair afirmou que a defesa da Seleção é tão criticada porque falta proteção a ela. Você concorda?

Você vê: nos tempos do Parreira, todo mundo criticava porque o time jogava com três volantes, era defensivo. Agora, temos volantes que saem para o jogo. O Vampeta desce, o Émerson joga como meia na Alemanha. Vai ter sempre um problema para a imprensa falar. Acho que a maneira como jogamos hoje aumenta a chance de fazer gols. Eu prefiro jogar assim. Mas, é claro, a defesa fica um pouco menos protegida.

Antes do jogo contra o Uruguai, o atacante Darío Silva afirmou que seria fácil pegar o Brasil porque a defesa da Roma era a mesma da Seleção e havia terminado o Campeonato Italiano como a mais vazada. Na verdade, a defesa da Roma foi a terceira menos vazada. Como você reagiu a essa crítica?

É, você está bem mais informado do que esse pessoal que andou escrevendo um monte de merda nos jornais. A imprensa deveria respeitar mais o jogador brasileiro. Teve uma pesquisa recente na PLACAR (*feita com jornalistas de todo o mundo*) em que eu tive quatro votos e o Ayala cinco, para saber quem era melhor. Pô, os caras não podem nem ver o Ayala no futebol italiano e eu sou considerado um dos melhores por lá. Eu não tenho que provar nada para a imprensa, ainda mais a brasileira. Também magoa ser criticado por ex-jogadores, como o Tostão. O cara vem dizer que só se quer saber de dinheiro, essas coisas.

Você diria que nunca será comentarista na vida?

Não sei. Não dá para dizer isso. Eu vou jogar mais uns cinco anos e depois pensar. Mas quero ficar no futebol.

Está na hora de quem esteve dentro de campo assumir o futebol. Tem muita gente que não conhece um vestiário comandando os clubes
EDISON VARA

Capitão deprê

Magoado com a maneira como foi tratado em sua saída do Internacional, Dunga viveu uma depressão pós-futebol e ficou 50 dias fora do ar **POR JOSÉ ALBERTO DE ANDRADE**

Você foi bem interpretando um "agroboy" num comercial de picape e comentando jogos do Gauchão. As novelas ou as transmissões esportivas estão ganhando um novo talento?
Como ator é pouco provável. Trabalhando em comunicação dentro do futebol me senti bem. Quem sabe...

Você encerrou a carreira de jogador?
Oficialmente não, mas vai ser difícil voltar a jogar profissionalmente. Estive quase acertado com o Metrostars, de Nova York, mas acabou não dando certo e agora vou mesmo é cuidar da minha vida aqui em Porto Alegre.

Por que sua ida para os Estados Unidos não deu certo?
Eu já havia combinado com minha família que não sairíamos mais de Porto Alegre, mas a possibilidade de morar em Nova York mexeu comigo e com eles. Quando eu estava me acertando com o Metrostars, a liga norte-americana quis interferir, abrindo apenas a possibilidade de eu jogar num time de Ohio. Como o que eu queria era Nova York, o negócio acabou.

Você não sente falta de dar uns carrinhos de vez em quando?
Claro que sinto falta, mas ando jogando partidas beneficentes fora do Brasil (*Dunga atuou no jogo Seleção da FIFA 1 x 5 França no dia 16 de agosto*). Essa saudade é uma resposta ao sacrifício da minha família. Eles percorreram o mundo comigo e tivemos pouco tempo de convivência. Agora é minha vez de ceder.

Com sinceridade, você está jogando quanto por cento do seu potencial?
Estou treinando, joguei 80 minutos no amistoso contra a França e teria condições de estar jogando regularmente.

Sair do centro das atenções e ter mais privacidade é bom?
Na verdade, eu só saí um pouco da mídia. O assédio é praticamente o mesmo. É gratificante ver que as pessoas têm admiração pela pessoa, independentemente de estar jogando num determinado clube. É uma idolatria diferente e envaidece a gente. Certa vez, na França, num shopping, chegou um senhor que gaguejava pelo simples fato de me conhecer. Isso emociona.

Seu sucessor na Seleção, Cafu, foi queimado por Luxemburgo após o jogo com o Paraguai. O que você achou da atitude do técnico, que dispensou o jogador e depois o criticou?
Não gosto de opinar muito sobre Seleção. É um mundo especial, onde só quem está lá sabe ao certo o que acontece. No caso do Cafu, me chamou a atenção a crítica depois da liberação. Se era para criticar, por que o técnico liberou? Parece falta de coerência.

O Cafu tem o perfil para ser o líder da Seleção?
Esse negócio de perfil é relativo. O Cafu tem qualidades para ser capitão. Tem bom caráter, é experiente e sempre foi importante no grupo.

Quem mais poderia assumir esse papel no time atual do Brasil?
Tem bastante gente, vários jogadores, como o Emerson, ou mesmo o Romário, que foi convocado agora.

Quando começa a sua carreira de técnico?
(*Risos*) Não, não... Técnico não. Quero trabalhar no futebol em outra função. Quem sabe como administrador de clube. Acho que está na hora de quem esteve dentro de campo assumir mais o futebol brasileiro. Tem muita gente que não conhece um vestiário comandando os nossos clubes.

Você gostaria de ser dirigente do Inter, para começar?
Não necessariamente. Eu tinha vontade de voltar a jogar no Inter. Agora é outra história.

Você ainda está magoado com o clube pela sua dispensa?
Me senti desrespeitado como ser humano. Fiz parte da história do futebol e não agi errado com o clube. Aí chegam pessoas que parecem desconhecer tudo isso e simplesmente nos descartam. Confesso que isso me abateu muito. Demorei 50 dias para voltar a ter contato com o futebol. Não via na televisão, não jogava com meus filhos. Abandonei a coisa de que mais gostei em toda a vida.

O que você aprendeu com essa "depressão"?
Muita coisa. Passei a ter certeza de que faltam pessoas que fizeram a vida no futebol para comandá-lo. É preciso ter gente do ramo. Passei inclusive a entender aqueles ex-jogadores que nos criticaram na Copa. Acho que eles até tinham razão em algumas críticas, pois sinto que elas não eram endereçadas aos jogadores, mas a um sistema que descarta gente que fez muito pelo futebol.

O futebol gaúcho tem solução ou é melhor mandar todo mundo embora e começar tudo de novo?
A solução está em não achar que está tudo errado, mas corrigir os erros cometidos. No caso do Grêmio, não adianta acumular jogadores consagrados sem dar o tempo necessário. Isso nunca funcionou de imediato. No caso do Internacional, há um plano traçado, mas não se pode esquecer que o futebol vive de resultados. Por vezes se tem que gastar dez agora para recuperar 20 lá adiante.

Existe uma certa discriminação, até mesmo da imprensa. Se você liga no Globo Esporte, vê pouquíssimas matérias sobre o Campeonato Pernambucano
LEO CALDAS/LUMIAR

Cara de conteúdo

Destaque do Sport e cobiçado por clubes do Sudeste, Nildo diz ser vítima da discriminação, a mesma que estaria prejudicando o seu antecessor Jackson **POR LEONARDO GUERREIRO**

Na decisão daquela Copa dos Campeões, o Palmeiras jogou com uma equipe desfigurada, com novatos que mal se conheciam. Não dá raiva perder para um time desses e desperdiçar a vaga na Taça Libertadores?

De maneira alguma. Futebol, como todo mundo diz, é "onze contra onze". Na teoria, era muito fácil falar que éramos os favoritos. Mas, na prática, todos nós sabíamos que o Palmeiras era um grande time e que estava sendo representado à altura por aqueles jogadores. A gente acreditava que seria um jogo difícil e foi isso o que aconteceu.

Mas vocês devem ter levado aquela bronca do Leão depois do jogo, não?

Pelo contrário. Ele reconheceu o esforço da equipe e viu que todo mundo estava querendo mais do que nunca vencer. Só que fizemos nossa pior partida na Copa dos Campeões.

O "professor" Leão é bravo mesmo ou é daqueles que late, mas não morde? Você já passou algum sufoco com ele?

Ele late e morde. É um cara exigente, muito profissional e isso tem ajudado muito na nossa carreira, dentro e fora de campo.

Foi o Leão quem não deixou você ir para o São Paulo, logo após a Copa dos Campeões?

Acredito que tenha sido a diretoria. Leão deu carta branca para me negociar, só que a diretoria achou que não deveria me liberar naquele momento. Tudo tem a sua hora.

Você jogou com o Jackson. Por que, na sua opinião, ele não conseguiu repetir até agora o futebol que jogava no Sport? É muito diferente jogar em São Paulo ou no Nordeste?

É diferente. Aqui, Jackson tinha o apoio moral da torcida, da imprensa e da diretoria do clube. Ou seja: ele jogava à vontade e por isso rendia um bom futebol. Nos outros times, os treinadores têm colocado o Jackson numa posição diferente da que ele atuava no Sport e exigido o mesmo grande futebol daquela época. Não estão dando a mesma liberdade para ele. Acredito que tenha sido isso o que mais atrapalhou.

Alguns jogadores que trocam o Nordeste pelo Sudeste culpam até a alimentação totalmente diferente pela dificuldade de adaptação. Tem tapioca ou alguma coisa muito especial no café da manhã de vocês?

É uma questão de gosto, que varia de jogador para jogador. Mas, com certeza, para que você renda um bom futebol é necessário uma alimentação adequada, independentemente de ela ser regional ou não.

Você sofreu esses problemas de adaptação no Fluminense? Por que não deu certo lá?

Eu dei certo lá. Se eu não tivesse dado certo, eles não tinham comprado meu passe. Vários fatores determinaram a minha saída do clube. A equipe toda estava mal, caindo para a segunda divisão, quando apareceu a proposta do Sport. Optei por sair, mesmo ainda tendo um ano de contrato para cumprir.

Como você encara declarações de colegas de profissão, como o Edmundo no episódio "Paraíba", preconceituosas em relação ao Nordeste? O jogador nordestino é mesmo discriminado no resto do país?

Eu, que fui para o Rio e passei um ano e meio lá, posso dizer que existe uma certa discriminação, até mesmo da imprensa. Se você liga no Globo Esporte, vê pouquíssimas matérias sobre o Campeonato Pernambucano. Fiz 14 gols no ano passado e 13 gols este ano. Mesmo assim, poucas vezes dei entrevistas na edição nacional do programa. Já no Fluminense, bastava um clássico no Maracanã para você se consagrar. Então, o tratamento com os clubes do Nordeste é diferente. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre são consideradas as vitrines.

Você não acha que já teria recebido uma chance na Seleção se jogasse em outro centro?

A Seleção está muito bem servida. A Copa João Havelange é uma oportunidade de mostrar o meu trabalho, se tenho ou não condições de estar lá. Só o tempo e a competição dirão se, realmente, tenho qualidades para ser convocado ou não.

Por ser habilidoso e prender bem a bola, você apanha um bocado. O Pelé aprendeu com o seu pai que, de vez em quando, é preciso entrar mais forte nos zagueiros para impor respeito. Você faz isso?

Todos costumam me marcar duro por eu ser atacante ou meia. Então, os volantes, sem especificar nomes, chegam junto mesmo. Procuro ser o mais honesto possível e, mesmo eles dando pancada, respondo com bom futebol, dribles e gols, que é a melhor "pancada" que se pode dar num adversário.

Na fraca campanha do Sport no Brasileiro do ano passado, o time tinha vários Atletas de Cristo, como você. A reza não foi suficiente?

Aprendi a separar as coisas. Em 1998, quando o time se classificou no Brasileiro, tinha quase dez Atletas de Cristo e ninguém me fez essa pergunta. Nem me disse que havíamos chegado pelas orações. Vou estar sempre orando e acreditando que Deus abençoa quem trabalha. Nunca terei Deus como injusto.

O dia em que

Foi em 1919, em um Rio de Janeiro inocente. O Brasil ganhou do bicho-papão Uruguai e sepultou o nosso complexo de inferioridade

POR MAX GEHRINGER

Há cem anos, os brasileiros viviam em um mundo que hoje a gente nem consegue imaginar como era. O cinema, o telefone e o automóvel não haviam chegado ao Brasil. Luxo era ter uma bicicleta. Rapagões e raparigas na flor de seus 20 anos se reuniam aos domingos para ler poesias parnasianas e se divertir com brincadeiras avançadíssimas, como o "passa-anel": os cavalheiros formavam uma fila, faziam uma concha com as mãos, e uma moçoila depositava um anel nas mãos de um deles. A brincadeira consistia em descobrir quem estava com o anel, mas isso era o que menos interessava: bom mesmo, era dar aquela pegadinha esperta nos dedos da moça. Até que um dia, um desses jovens da classe endinheirada paulistana, o estudante Charles Miller, apeou de um trem vindo de Santos, onde havia desembarcado de uma viagem de navio. Na bagagem, Miller trazia aquelas coisas de sempre: ceroulas, badulaques e remédio para o lumbago do pai. Mas, num cantinho do baú, tinha um estranho objeto de couro, que mudaria o Brasil: uma bola.

Em pouco tempo começaram os campeonatos organizados, e daí surgiram os combinados e as seleções. Foi quando os brasileiros perceberam que nosso incômodo vizinho, o Uruguai, levava vantagem sobre nós, porque lá a primeira bola tinha chegado bem antes do que aqui. Os pioneiros cronistas comentavam que nossos *footballers* (nome que se dava aos peladeiros de então) até que tinham alguma intimidade com a bola, mas insuficiente para encarar o Uruguai.

E o complexo de inferioridade ia crescendo a cada derrota: entre 1916 e 1918, o Brasil jogaria quatro vezes contra os uruguaios, e perderia três. A grande chance de mostrar que aqui se jogava futebol tão bem quanto em Montevidéu viria em 1919, quando o Brasil sediou o Campeonato Sul-Americano. Os jogos seriam no Rio de Janeiro no Estádio das Laranjeiras, o maior do Brasil, com capacidade para 18 mil pessoas.

Nos dois primeiros jogos, o Brasil vence o Chile por 6 x 0 e a Argentina por 3 x 1, mas o que todo mundo estava esperando era a final. Que, já se sabia desde antes de o campeonato começar, seria contra os uruguaios, que também passaram facilmente por seus adversários. Ao meio dia do domingo, 25 de maio, o Estádio das Laranjeiras está superlotado, com pelo menos 9 mil pessoas acima de sua capacidade, e a polícia até cogita suspender o jogo, temendo uma catástrofe (mesmo porque o cronista carioca João do Rio vinha notando a rápida mudança no comportamento dos torcedores, que haviam deixado de lado os "*polidos modos sociaes*" e deram de incentivar seus times "*ululando com ebriez*"). Mas, pontualmente às 3 da tarde, com ululações e tudo, começa o jogo.

E aí acontece o que os pessimistas previam e os realistas temiam: aos 5 minutos, o ponta uruguaio Gradín — que, além de jogador era também o recordista sul americano dos 200 metros, para mal dos pecados do lateral Píndaro — dispara pela direita e chuta no canto esquerdo do goleiro Marcos de Mendonça. Nem bem a torcida se recupera do golpe e o Uruguai

viramos o jogo

faz outro gol, numa cabeçada de Scarone. Com 8 minutos jogados e perdendo de 2 x 0 para um time tecnicamente superior, o Brasil tem poucas opções, e nenhuma delas parece muito boa. Sob uma chuvinha fina, o primeiro tempo vai chegando ao fim. Quando a torcida já começa a achar que nada vai acontecer, o meia Neco, mesmo marcado por dois zagueiros, consegue acertar um chute meio lotérico da intermediária, bem no ângulo direito do Uruguai.

No segundo tempo, o Brasil resolve apelar para o chuveirinho — então chamado de *cross*, aquela bola levantada na área e seja o que Deus quiser. Mas não adianta: mais altos que os atacantes brasileiros, os beques uruguaios cortam todas de cabeça. Percebendo isso, Neco sai da área na hora do cruzamento. A tática dá certo: numa bola rebatida pela defesa, a dez minutos do fim do jogo, Neco empata o jogo com um sem-pulo da meia-lua da área.

O inesperado 2 x 2 força uma partida extra, que é marcada para a quinta-feira seguinte, 29 de maio. O recém-eleito presidente da República, Epitácio Pessoa, determina que o dia seja feriado e o Estádio das Laranjeiras abarrota novamente: 30 mil pessoas espremidas. Só que dessa vez os gols não saem: o jogo acaba 0 x 0 e vai para a prorrogação. Mais 15 minutos, e nada. A segunda prorrogação também termina em branco. O regulamento prevê tantas prorrogações quanto fossem necessárias e a terceira delas começa quase às 6 da tarde. Agora, a preocupação passa a ser a luz: o sol já vai se pondo, e o estádio não tem iluminação artificial (o que não é nenhuma vergonha, já que nenhum no mundo tinha). Até que aos 12 minutos da terceira prorrogação, com todos no bagaço, Neco pega uma bola na intermediária do Uruguai, dribla até a linha de fundo e cruza. O meia Heitor cabeceia, o goleiro Saporiti espalma e na sobra Friedenreich, entre três becões, toca de leve no canto, à la Romário, e faz o gol do título.

As comemorações se prolongam semana afora, até o domingo. No retorno do Rio, os jogadores paulistas são recebidos na estação de trem, com direito a banda de música e discurso do governador. Mas aquilo era 1919 e fama não enchia barriga, nem mesmo de um craque reconhecido do Corinthians, como Neco. Terminada a cerimônia, Neco teve que ir a pé para casa, porque não tinha 200 réis para pagar o bonde. E, no dia seguinte, ao se apresentar na serraria do Bom Retiro onde trabalhava como marceneiro, recebeu os parabéns do patrão e em seguida foi comunicado que iria ser substituído por outro marceneiro que não jogasse futebol e não perdesse tantos dias de trabalho. Pois é. Nos últimos cem anos muita coisa mudou no Brasil, mas nem tudo: em 1913, o jornal carioca *A Época* chamava a atenção para o aumento do custo de vida e o aumento do desemprego: era a "Revolução pela Fome". Por isso, é natural que a primeira grande conquista de nosso futebol tenha saído justamente dos pés de quem saiu: Manuel Nunes, o Neco, brasileiro, operário, pobre e desempregado, igualzinho a tantos que hoje correm por aí, atrás de uma bola e da chance de mudar o destino.

O Brasil resolveu apelar para o chuveirinho, na época chamado de *cross*, e a tática resultou num gol de Neco, numa rebatida da defesa. O empate por 2 x 2 provocou uma partida extra e o presidente Epitácio Pessoa decretou feriado para o país inteiro assistir à decisão. As Laranjeiras lotaram de novo

REPRODUÇÃO DA REVISTA "CARETA"

O Palmeiras nas semifinais da Libertadores da América

Gostaria de saber se vocês podem enviar as fichas técnicas das partidas semifinais das Libertadores de 1961 e 1968, em que o Palmeiras esteve envolvido.

Alex Cereda, Londrina, PR

Em 1961, o Palmeiras jogou duas partidas contra o Independiente de Santa Fé, da Colômbia. Empatou fora de casa em 2 x 2 e venceu no Pacaembu por 4 x 1. Em 1968, foram dois jogos contra o Peñarol. Vitória no Pacaembu por 1 x 0 e nova vitória em Montevidéu: 2 x 1.

Djalma Santos: presente em 1961 e 1968

21/5/1961

INDEPENDIENTE-COL 2 x 2 PALMEIRAS

Local: El Campín (Bogotá); **Juiz:** João Etzel Filho (Brasil); **Público:** 35 mil; **Gols:** Perazzo, Castro (I), Gildo, Chinesinho (P)

INDEPENDIENTE: Bevilacqua (Pacheco), Aponte, Rodríguez, Milne e Tovar; Silva, Mottura, Castro e Panzutto (Bustamante); Perazzo e González

PALMEIRAS: Valdir de Moraes, Djalma Santos, Waldemar Carabina, Aldemar e Geraldo Scotto; Zequinha e Chinesinho; Julinho, Geraldo, Gildo e Romeiro. **Técnico:** Armando Renganeschi

28/5/1961

PALMEIRAS 4 x 1 INDEPENDIENTE-COL

Local: Pacaembu (São Paulo); **Juiz:** Ovidio Orrego (Colômbia); **Público:** 60 mil; **Gols:** Romeiro 2, Humberto 2 (P), Mortura (I)

PALMEIRAS: Valdir, Djalma Santos, Waldemar Carabina, Aldemar e Geraldo Scotto (Humberto); Zequinha e Chinesinho; Julinho, Gildo, Geraldo e Romeiro. **Técnico:** Armando Renganeschi

INDEPENDIENTE: Pacheco, Rodríguez, Milne, Aponte e Tovar; Silva e Móttura; Castro, Panzutto, Perazzo e González.

18/4/1968

PALMEIRAS 1 x 0 PENAROL-URU

Local: Pacaembu (São Paulo); **Juiz:** Claudio Vicuña (Chile); **Público:** 35 mil; **Gol:** Tupãzinho

PALMEIRAS: Valdir de Moraes, Djalma Santos, Baldocchi, Osmar e Ferrari; Dudu e Ademir da Guia; Suingue, Servílio, Tupãzinho e Rinaldo. **Técnico:** Alfredo González

PEÑAROL: Mazurkiewicz, Méndez, Figueroa, González e Caetano; Goncalvez e Cortés; Bertocchi (Abbadie), Pedro Rocha, Spencer e Joya

23/4/1968

PENAROL-URU 1 x 2 PALMEIRAS

Local: Centenário (Montevidéu); **Juiz:** Arturo Yamasaki (Peru); **Público:** 45 mil; **Gols:** Héctor Silva (Pe), Tupãzinho 2 (Pa)

PEÑAROL: Mazurkiewicz, Méndez, Figueroa, Tabaré González e Caetano; Goncalves (Gil) e Pedro Rocha; Abbadie, Jhéctor Silva, Spencer e Joya.

PALMEIRAS: Valdir de Moraes, Geraldo (Djalma Santos), Baldocchi, Osmar e Ferrari; Dudu e Ademir da Guia; Suingue, Servílio, Tupãzinho e Rinaldo. **Técnico:** Alfredo González

Os campeões da artilharia no Campeonato Carioca

Qual clube possuiu mais vezes o artilheiro em um Campeonato Carioca e quem é o maior goleador em uma mesma temporada?

Luís Alberto Souza Carvalho, Itagimirim, MG

Flamengo e Botafogo dividem o recorde de artilheiros do Campeoanto Estadual do Rio, Luís Alberto. Cada um deles teve o goleador em 27 oportunidades. O Botafogo teve a primazia até a chegada de Romário à Gávea. Até 1995, o Flamengo contabilizava em seu histórico 23 artilharias, contra 27 dos botafoguenses. Aí, Romário tomou conta do pedaço. Tornou-se goleador do Campeonato entre 1996 e 1999, pelo Flamengo, e de 2000, pelo Vasco. O Fluminense teve o goleador 20 vezes e o Vasco, 15. O maior goleador em uma única temporada é Sílvio Pirillo, do Flamengo, que anotou 39 gols no Campeonato Carioca de 1939.

Zagallo era do Flamengo, sim

Um amigo meu garante que o Brasil nunca ganhou uma Copa tendo um jogador do Flamengo como titular. Eu apostei que o Zagallo, em 1958, ainda era do Flamengo e foi vendido ao Botafogo após a Copa. E que o Brito, em 1970, era do Mengão. Ganhei ou perdi a aposta?

Ivan Dupuy, dupuy@ep-ba.petrobras.com.br

Você ganhou, Ivan. De fato, Zagallo só deixou o Flamengo, trocando-o pelo Botafogo, depois da Copa do Mundo da Suécia. Brito, por sua vez, estava na Gávea durante o período em que disputou a Copa de 70, no México. Em 1958, Joel e Moacir também eram rubro-negros, embora não fossem titulares. Joel perdeu a posição para Garrincha. E, em 1994, o terceiro goleiro da Seleção era Gilmar Rinaldi, outro flamenguista. Quer dizer: o rubro-negro esteve representado em três das quatro conquistas brasileiras.

Desta vez não deu para o Brasil

Gostaria que vocês publicassem a campanha e o elenco do Brasil no Campeonato Sul-Americano de juniores de 1997, no Chile.

Cristiano Machado, Presidente Prudente, SP

Em 1997, o Brasil foi vice-campeão sul-americano porque perdeu uma partida na fase final para a Argentina, a campeã. O Brasil realizou nove partidas, teve seis vitórias, dois empates e apenas essa fatídica derrota, fez 26 gols, sofreu dez e terminou a competição com 20 pontos ganhos. Os resultados foram os seguintes:

Brasil 10 x 2 Venezuela; Brasil 2 x 1 Equador; Brasil 2 x 0 Peru; Brasil 3 x 1 Chile; Brasil 3 x 0 Paraguai; Brasil 4 x 2 Chile; Brasil 0 x 2 Argentina; Brasil 2 x 2 Venezuela; Brasil 0 x 0 Uruguai

O técnico da Seleção Brasileira era Toninho Barroso, que levou 20 jogadores para o Chile, onde o torneio foi disputado. Confira a lista:

1. Marcelo	goleiro	Flamengo
2. Paulo César	lateral	Flamengo
3. Jean	zagueiro	Santos
4. Cris	zagueiro	Corinthians
5. Odair	volante	Internacional
6. Athirson	lateral	Flamengo
7. Fabiano	meia	São Paulo
8. Sídnei	volante	São Paulo
9. Jorginho	meia	Atlético-PR
10. Adaílton	atacante	Juventude
11. Alex	meia	Coritiba
12. João Gabriel	goleiro	Internacional
13. Álvaro	zagueiro	São Paulo
14. Alcir	lateral	Atlético-MG
15. Léo	meia	Cruzeiro
16. Kléber	atacante	Vitória
17. Marco Aurélio	atacante	Flamengo
18. Evando	meia	Vitória
19. Cleiton	meia	Paraná
20. Maucon	atacante	Grêmio

A Lazio venceu o Manchester

Vocês poderiam me informar quem foi o campeão da Supercopa Européia da temporada 1998/99?

Renato Kort, rkkrep@uol.com.br

A Lazio ganhou a decisão contra o Manchester United por 1 x 0, em jogo disputado em Monte Carlo, e ficou com a Supercopa Européia da temporada 1998/99, com gol de Marcelo Salas.

ESPECIAIS PLACAR Ligue para **(11) 3990 2200*** para receber em casa as edições especiais publicadas em 1999 e 2000. O custo é o preço de capa de cada revista mais as despesas postais

GRANDES CLUBES A história contada através dos principais títulos e heróis

Flamengo até morrer
julho 1999 R$ 4,90

Palmeiras, a eterna academia
setembro 1999 R$ 4,90

Vasco, o expresso da vitória
outubro 1999 R$ 4,50

São Paulo, a máquina de ganhar títulos
novembro 1999 R$ 4,50

Fluminense, tricolor de coração
fevereiro 2000 R$ 4,50

50 TIMES Os esquadrões da história dos grandes clubes

50 times do Corinthians
maio 1999 R$ 3,90

50 times do Palmeiras
julho 1999 R$ 3,90

50 times do Santos
outubro 1999 R$ 3,40

50 times do Flamengo
novembro 1999 R$ 3,40

50 times do Vasco
novembro 1999 R$ 3,40

ESPECIAIS Resultados, fichas completas dos principais campeonatos e estatísticas

Os 100 craques do século
novembro 1999 R$ 4,90
Perfis de Pelé, Maradona e outros 98 jogadores que escreveram a história do século.

1000 jogos da Seleção
fevereiro 2000 R$ 4,90
A lista das partidas do Brasil desde 1914, os heróis, os recordes e os artilheiros.

Tira-teima
maio 2000 R$ 3,90
Perguntas (e respostas) sobre os 50 maiores artilheiros do Brasil.

Quem é quem
junho 2000 R$ 3,90
Os 50 maiores jogadores da história dos principais clubes do país.

Guia do Brasileirão 2000
julho 2000 R$ 3,90
As fichas completas com fotos de 419 jogadores dos 25 clubes que disputam o Campeonato.

REVISTA PÔSTER Foto gigante do time, fichas dos heróis

Corinthians campeão mundial
janeiro 2000 R$ 1,90

Atlético bicampeão mineiro
junho 2000 R$ 2,00

Atlético campeão paranaense
junho 2000 R$ 2,00

Flamengo bicampeão carioca
junho 2000 R$ 2,00

São Paulo campeão paulista
junho 2000 R$ 2,00

* Fax, endereço e e-mail de EDIÇÕES ANTERIORES estão na página seguinte

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Diretor de Planejamento e Controle de Gestão: Maurício Dabul
Diretor de Publicidade: Paulo Cesar Araújo

PLACAR

Diretor Editorial: Paulo Nogueira

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Diretora de Arte: Cristina Veit
Redator-Chefe: André Fontenelle
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editor Sênior: Paulo Vinícius Coelho
Editores Especiais: Fábio Volpe e Arnaldo Ribeiro
Repórter: Manoel Coelho
Subeditor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Chefe de Arte: Fábio Bosquê Ruy
Diagramadores: André Koguti e Vanina Binda Batista
Atendimento ao Leitor: Silvana Ribeiro
Colaborou nesta Edição: Eduardo Cordeiro

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo. **Abril Press:** José Carlos Augusto. **Nova York:** Grace de Souza. **Paris:** Pedro de Souza; **Rio de Janeiro:** Débora Chaves

Diretor Superintendente: Nicolino Spina

Diretor de Núcleo de Revistas: João Alberto Bazzon

Publicidade
Diretora de Vendas: Eliani Prado

Executivos de Negócios: Nilo Bastos, Cristiane Tassoulas, Maria Isabel Mandia
Gerentes de Publicidade: Maria Angelica da Silva (SP), Leda Costa (RJ)
Executivos de Contas: Carla Alves de Gois, Fabio Santos, Leonardo Gomes Rodrigues (SP), Cristina Marto, Lúcia Angélica (RJ)
Gerente de Projetos Especiais: Ricardo Packness
Gerente de Marketing Publicitário: Elizabeth de Menezes Rocha

Circulação
Eduardo Guterman

Planejamento e Controle
Stefanie Stern

Processos
Andrea Giovanni Speita

Assinaturas
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos
Diretor de Vendas: William Pereira

Gerente Escritório Brasília: Angela Rehem de Azevedo
Diretor de Publicidade Regional: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões
Representante em Portugal: Manuel José Teixeira

Presidente e Editor: Roberto Civita
Gabinete da Presidência: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
Presidente Executivo: Ophir Toledo
Vice-Presidentes: Cesar Monterosso, Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

www.abril.com.br

O chato do Galvão

Sabe por que ninguém muda de canal, mesmo com o chato do Galvão? Porque a Globo tem a melhor imagem, as melhores câmeras e até exclusividade dos melhores torneios. Só assim pra agüentar Galvão Bueno e Arnaldo César Coelho (esse devia lembrar que é muito fácil falar que o juiz é fraco quando se tem os recursos da TV. Parece até que ele nunca foi juiz).

Hilário Patriota, Recife, PE

Achei um absurdo essa revista perder páginas tão preciosas com uma matéria a respeito do Galvão Bueno que, na minha opinião, não é o segundo melhor narrador do Brasil, e sim o pior. Acho uma injustiça colocar o Cléber Machado abaixo do Galvão na pesquisa. Quanto ao pior narrador, ainda gostaria de ressaltar a ruindade do Luís Roberto, da Globo... O cara é horrível!

Cássio Valério Barbosa da Silva, Paulista, PE

A Globo transmite a Fórmula 1, o Brasileirão, a Libertadores, a Mercosul, a Copa do Brasil, os principais estaduais do país, as lutas do Popó, comprou os jogos do Guga (sem transmitir em canal aberto), as Eliminatórias, a Copa do Mundo, os principais eventos esportivos do Brasil e do mundo, dá um show de imagem nas concorrentes. Ufa! E vocês não sabem ainda porquê temos que aturar esse mala sem alça do Galvão Bueno...

Ávilas Rocha, Aracajo, SE

Teoria da conspiração

Sou leitor assíduo de PLACAR e acompanho sempre os jogos da Seleção. Em conversas com amigos e outros torcedores surge sempre o papo de que o Brasil teria "vendido" (o que não concordo) a partida final contra a Seleção Francesa. Em razão disso, gostaria de saber qual a opinião da revista, seus colunistas e jogadores da Seleção a respeito deste fato. Apesar de muitos brasileiros questionarem isto, por que a imprensa evita emitir qualquer comentário sobre este assunto?

Luciano Pedra, lucianopedra@bol.com.br

Caro Luciano, PLACAR publicou em julho do ano passado uma capa intitulada "A Verdade", em que é contado, detalhe por detalhe, o dia da final da Copa de 98. Quem ler essa reportagem (está em edições anteriores no site www.placar.com.br) desvendará o mistério.

Bronca cruzeirense

Indignado. Foi assim que fiquei ao constatar as poucas linhas dedicadas a conquista mais impotante do primeiro semestre do futebol brasileiro pelo Cruzeiro. Se fosse o Corinthians na Libertadores seria até capa!

Paulo B. Alvarenga, paulob_a@yahoo.com

Sou um leitor da PLACAR e fiquei muito indignado! O Cruzeiro foi tricampeão da Copa do Brasil e, na edição do mês de agosto, não saiu nem uma matéria a respeito, somente pequenos lembretes. Será por que foi o mineiro o campeão? E se fosse um paulista ou um carioca?

Darcio Carlos Barros Gondim, Itapecerica, MG

De algum amigo da Foto

Adorei a matéria "Anônimos F.C.", publicada em agosto. Foi de uma criatividade que só grandes fotógrafos, como os de PLACAR, conseguem ter.

Renato de Jesus Alves, UniaoFialense@aol.com

Sete carecas e um destino

Parabéns pelo novo projeto gráfico. Escrevo também sobre a nota "Separados no nascimento" (página 25, agosto). Descobri que o correspondente da revista na Eurocopa 2000 se enganou ao afirmar que são seis os irmãos calvos; pois na verdade existe um sétimo irmão que está na página 11 da mesma edição. Brincadeira a parte, Alexandre Battibugli está de parabéns pela cobertura da Eurocopa 2000. Nenhuma outra revista trouxe tanta informação a respeito do evento.

Ricardo Berud Glasenapp, São Paulo, SP

Nova revista, velho leitor

Nem me lembrava da última vez em que tinha comprado uma PLACAR. Fiz isso este mês. Encontrei a revista que me fez gostar de futebol. Leve, divertida, informativa e séria. O perfil do Alex é uma das melhores coisas que li de esporte nos últimos tempos. Parabéns, vocês reconquistam um leitor.

Rodrigo Borges, rborges@sportsja.com

Torcedor canalha

Sobre o artigo "O torcedor canalha", publicado na edição de agosto, tenho os seguintes comentários. Como pode o torcedor ser chamado de canalha, uma vez que paga o seu ingresso para assistir algo que é vendido como o melhor produto? Jamais o torcedor será um canalha por aplaudir e vaiar de uma hora para outra, pois ele é quem faz o espetáculo.

Mauricio Silva, São Paulo, SP

Tenho 42 anos e costumo ir ao Mineirão com as minhas filhas. No Estádio, cantamos o hino do Galo, gritamos, xingamos, ou seja, fazemos tudo o que todo torcedor faz, sempre dentro da racionalidade e dos limites. Mas, quando um jogador nosso perde um pênalti, erra passes de um metro, não corre, o xingamos com toda a nossa força. Várias vezes xinguei meus ídolos para depois idolatrá-los e vice-versa. Torcedor que se preze é pura emoção e paixão. Pesquisei no Aurélio a definição de "canalha". Está escrito o seguinte: "Gente vil, infame, ralé, pessoa vil, que se compra por baixo, choldra, escória social, fezes, lixo, gentalha, nojento, asqueroso"... Não somos nada disso que está escrito acima. Sou formado em Administração de Empresas e Ciencias Contábeis. Entendo a crônica. Ela é generalista, mas não posso ficar calado. Continuarei agindo como sempre agi nos estádios, pois acho legal, me extravaso, me divirto e volto para casa leve como uma pluma. O torcedor tem o direito de roer as unhas, fazer caretas, xingar, gritar, pedir para o seu time dar olé ou gritar olé para o adversário quando o seu time não quer nada. Existem duas coisas certas na vida: uma é a morte e a outra é que o torcedor morrerá torcendo pelo seu time. Os excessos ficam por conta da polícia.

Marcelo Emílio D. de Barros, Timóteo, MG

Tortura para o ouvido

Na seção "Abrindo o jogo", a revista retratou a tortura que foi acompanhar o torneio de futebol feminino realizado nos Estados Unidos. Os comentários de Milene Domingues foram sofríveis. Mas, infelizmente, não são só privilégio da PSN esses absurdos. Outras redes de televisão também teimam em contratar ex-jogadores e ex-juízes para fazer comentários nas transmissões esportivas. Com raras exceções, é besteira atrás de besteira. O mais duro de tudo isso é que a senhora Ronaldinho ganhou 40 mil dólares para falar todas aquelas bobagens. Lamentavelmente tem jornalista que não ganha isto por ano.

Altair Gomes, São Paulo, SP

FALE COM A GENTE

NA INTERNET
www.placar.com.br

PARA FALAR COM A REDAÇÃO
placar.abril@atleitor.com.br
Fax: (11) 3037-5597
Tel: (11) 3037-5145, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 12h
Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar
CEP 05425-902, São Paulo, SP

ASSINATURAS
Para fazer ou renovar
Tel: 0800-78-2811 (demais localidades) e
3990-2121 (São Paulo) de 2ª a 6ª feira, das 8h às 22h
Fax: (11) 3361-5600
abril.assinaturas@abril.com.br

ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
Para mudar endereço, sanar dúvidas, fazer reclamações sobre assinaturas
Tel: 0800-78-2112 (demais localidades) e
3990-2112 (São Paulo) de 2ª a 6ª feira, das 8h às 20h
Fax: (11) 3361-5600
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, 4º andar
CEP 02909-900, São Paulo, SP
abrilsac@abril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail
abril.ea@abril.com.br
O preço será o da última edição em banca acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio, sempre que houver disponibilidade no estoque

OUTROS PRODUTOS
Para comprar CD-ROMs, Almanaques, CDs, Guias, Livros, Coleções de Vídeo e outros lançamentos:
Tel: 0800-11-9222, de 2ª a 6ª feira, das 8h às 20h
Fax: (11) 3661-5600

ABRIL PRODUTOS
Caixa Postal 14180, CEP 02799-970, São Paulo, SP

OUTRAS EMPRESAS DA ABRIL

MUSICLUB Fax: (11) 3037-2626
Caixa Postal 11029, CEP 05422-970, São Paulo, SP

TVA www.tva.com.br
Tel: (11) 3046-8400, todos os dias, das 6h às 24h

MTV www.mtv.com.br
mtv.responde@mtv.com.br
Tel: (11) 3871-7091 ou 3871-7156, de 2ª a 6ª feira, das 11h às 13h e das 14h às 18h

ERRATA

- Houve uma truncagem de dados no "Tira-Teima" de agosto (página 94). A numeração correta dos jogadores que atuaram na Copa de 1966 é esta:

1966 Inglaterra	
1. Gilmar	12. Manga
2. Djalma Santos	13. Denílson
3. Fidélis	14. Lima
4. Bellini	15. Zito
5. Brito	16. Garrincha
6. Altair	17. Jairzinho
7. Orlando	18. Alcindo
8. Paulo Henrique	19. Silva
9. Rildo	20. Tostão
10. Pelé	21. Paraná
11. Gérson	22. Edu

- **GUIA DO BRASILEIRÃO 2000**

No Guia do Brasileirão 2000 há os seguintes erros:

1) Na relação de títulos de Cruzeiro, faltam o estadual de 1926, o da Recopa Sul-Americana de 1998 e o de campeão da Copa Centro-Oeste de 1999. Para o Sport, falta o título da Copa Nordeste de 1994.

2) Marcelo Rosa, do Inter, saiu com a foto de Marcelo Santos na página 64. Eis a foto certa.

MARCELO ROSA

3) Os dados de Luís Fernando Martinez, do Guarani, estavam errados. Ele é estreante em Brasileiros. E o jogador Mauro, também do Guarani, não foi expulso em Brasileiros.

4) O América-MG não é arrendatário do estádio Independência, e sim comodatário.

5) No quadro "Grêmio versus"... (página 55), está errado o confronto contra a Ponte Preta. O certo é cinco vitórias, um empate, quatro derrotas, nove gols pró e dez contra.

PLACAR

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-5684, fax: (11) 3037-5597
Publicidade: av. Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5236, site: www.publiabril.com.br

Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil
Belo Horizonte: av. do Contorno, 5919 - 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003
Blumenau: r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191
Brasília: SCN - Q.1 Bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and, sl 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558
Campinas: r. Conceição, 233, 26.º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, tel.: (19) 233-7175, telefax: (19) 232-7975
Curitiba: r. Av Cândido de Abreu, .651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110
Florianópolis: r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl 107, Coml. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782
Fortaleza: av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 - Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Coml. Ltda, telefax: (85) 264-3939
Goiânia: r. 10 nº 250 lj 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda, tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158
Londrina: r. Manoel Barbosa da Fonseca Fº, 500 - Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Coml, telefax: (43) 325-9649
Porto Alegre: r. dos Andradas, 1001, sl 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 211-6744, fax: (51) 211-6908
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 15.º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 424-3210
Ribeirão Preto: r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233
Rio de Janeiro: Praia de Botafogo, 501, 1º and., Bl B - Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 546-8100, fax: (21) 546-8201
Salvador: av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996
Vitória: av. Mal. Mascarenhas de Moraes, 2562, 4.º and., sl. 408/409, Ed. Espaço Um, Bento Ferreira, CEP 29052-120, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda, tel.: (27) 325-3329, fax: (27) 325-9487

Escritórios no Exterior
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, suite 3403, New York, N.Y. 10165/3403, tels.: (001212) 557-5990/5993, fax: (001212) 983-0972, e-mail: abril@walrus.com
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abrilparis@wanadoo.fr
Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização: Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE
INFO EXAME • GUIA ABRIL DO ESTUDANTE • SAÚDE!
Economia e Negócios
EXAME • VOCÊ S.A.
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR
Masculinas
PLAYBOY • VIP EXAME
Femininas
CLAUDIA • ELLE • NOVA • NOVA BELEZA
MANEQUIM • PONTO CRUZ • FAÇA E VENDA
CAPRICHO • BOA FORMA • ANAMARIA
HORÓSCOPO • CARÍCIA • VIVA!MAIS
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
BONS FLUIDOS
Entretenimento
CONTIGO • MINHA NOVELA • REVISTA DA WEB

PLACAR 1167 (ISSN 0104-1762), ano 31/nº 09, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. Assinatura: sua satisfação é a sua garantia. Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 4º andar, Freguesia do Ó - CEP 02909-900 - São Paulo - SP. **Edições anteriores** (mediante disponibilidade no estoque): solicite através de seu jornaleiro ao preço da última edição em banca ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante:
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-78-2112

Para assinar:
Grande São Paulo: 3990-2121
Demais localidades: 0800-78-2811

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Bando de mercenários

ILUSTRAÇÃO CARVALL

Assim a galera qualifica os jogadores da Seleção Brasileira. Será? Acredite, muitos até pagam para jogar **POR ARNALDO RIBEIRO**

Eles foram uma nulidade nos fiascos contra o Paraguai e o Chile, certo? Certo. Eles ganham muito dinheiro, certo? Certo. Proporcionalmente mais do que craques imortais como Pelé, Rivelino e Zico, certo? Certo. Eles jogam bem menos do pensam, certo? Certo. Eles só pensam em grana e por isso não têm tanto interesse assim em defender a Seleção, certo? Errado.

Você pode chamar a geração de Rivaldo, Roberto Carlos e Antônio Carlos de cambada de pernas de pau, deslumbrados, supervalorizados, tudo isso. Menos de mercenários. Eles e outros colegas fazem questão e chegam a tirar dinheiro do próprio bolso para jogar no time de Wanderley Luxemburgo.

Não, não é exagero. Alguns trocam uma passagem aérea de classe executiva — oferecida pela CBF — por uma de primeira classe com o próprio dinheiro. Esbanjadores? Nada disso. Só para que eles possam descansar melhor durante a viagem e, consequentemente, chegar em condições físicas razoáveis, tanto na Seleção como no retorno ao clube.

A diferença entre as passagens —1 700 reais num vôo entre São Paulo e Roma, por exemplo — é maior do que o bicho por vitória pago pela CBF. "Se eles fossem mercenários, exigiriam que nós pagássemos a diferença. São patriotas", afirma Candinho, o auxiliar de Luxemburgo, num discurso ensaiado, que confunde amor à profissão com nacionalismo exacerbado (no lugar de amor à pátria, não bastaria ter dedicação extrema ao trabalho, fazer as coisas com gosto, com paixão, como qualquer mortal bem empregado? Mas isso é papo para outra hora...)

"Os caras têm que respeitar mais o jogador. A gente sai da Europa, pega um vôo de 12 horas, chega no Brasil, treina e joga. Às vezes, a coisa não sai como se quer. Daí a dizer que o jogador é mercenário, que o cara só quer Seleção como negócio...", reclama o zagueiro Antônio Carlos. . "O pessoal se esquece de que eu vendi picolé, pastel na feira, antes de chegar onde cheguei. Agora, se eu puder ter uma BMW, por que vou comprar um fusca? Sou mercenário por causa disso?", questiona o volante Vampeta.

Em cada convocação, a CBF fornece aos jogadores as passagens da classe executiva, o bicho por vitória e uma espécie de diária, que, segundo o atacante Élber, é simbólica. "Não dá para cobrir um bom hotel e as refeições, por exemplo. Financeiramente, não compensa deixar o clube e jogar pela Seleção, mas não é por isso que vamos deixá-la de lado."

Os argentinos ganham de cara 5 mil dólares por cada convocação para a seleção de lá e o prêmio por vitória é o dobro do brasileiro, que, por sua vez, é igual ao da Bósnia.

Além do aspecto econômico, os "europeus" têm que sacrificar as suas férias e os raros momentos de convívio com as famílias para atender aos chamados de Luxemburgo. Como se não bastasse, eles mesmo negociam com os clubes a liberação para os jogos da Seleção. Assim, se expondo e se desgastando, conseguem jogar mais do que as sete partidas limite que a Fifa determina por temporada. "Os dirigentes chegam até a oferecer presentes e regalias para o Cafu não se apresentar à Seleção, mas só assinei o contrato dele com a Roma quando ficou acordado que ele seria liberado para todos os jogos", conta Rafael del Pérsio, procurado do lateral-direito da Seleção.

O mega-star Rivaldo, por exemplo, atuou 12 vezes no ano passado em jogos não-oficiais, em todos os cantos do mundo. É lógico que 1 700 reais e algumas partidas a mais por mês para um jogador que recebe 900 mil reais a cada 30 dias, como ele, não significam nada. É lógico também que a Seleção abriu e continua abrindo as portas a esses jogadores, contribuiu e continua contribuindo para fazerem bons contratos e ainda renderá muitos dividendos a eles.

Mas, pelo jeito, teremos de arrumar outras justificativas para o próximo tropeço do time de Luxemburgo. Quem sabe, a humilde constatação de que o Brasil não tem há tempos o melhor futebol do mundo? Uma coisa é clara: excesso de dinheiro e falta de amor à camisa, não colam.

ARNALDO RIBEIRO É EDITOR DE PLACAR

"Foi só uma questão de tempo. Este ano eu mudei para um emprego com mais **segurança** e **estabilidade**. Meu **desempenho** na faculdade também mudou para melhor e eu estou bem mais **confortável** com a minha nova namorada. Estou até **economizando** mais a minha grana.
É... eu mudei. Mas continuo o mesmo cara legal de sempre.
Por isso, hoje eu vou dedicar um tempinho só para mim. Vou curtir um monte.
E com muito **orgulho de ter mudado** para o **desempenho** e **economia** de uma **Yamaha YBR 125 E.**
Só mesmo anos de estrada para a gente mudar para melhor."

YBR 125 E

A única moto 5 tempos.
4 tempos na moto
e 1 tempo só para você.

Use sempre o capacete.

CONSÓRCIO NACIONAL YAMAHA

1 ANO DE GARANTIA SEM LIMITE DE KM

YAMAHA
Mais tempo para o seu coração

AVALIAÇÃO DUAS RODAS

YBR 125		CG 125
8	Desempenho	6
7,5	Conforto	8
7	Estética	8
8	Mecânica	8
8	Estabilidade	6
9	Economia	8
7	Mercado	9
8	Manutenção	9
7,81	Média geral	7,75

Mude de banco e poupe mais.

Sentado numa **Yamaha YBR 125 E**, você ganha tempo e economiza dinheiro: só ela faz **47,50 km/litro**. Um rendimento que nenhum outro banco da categoria pode oferecer. Além disso, a **Yamaha YBR 125 E** possui o **melhor desempenho: velocidade máxima, aceleração, retomada, menor consumo e estabilidade**. É, os tempos mudaram. E mudaram para melhor. Mude você também para a única moto 5 tempos. 4 tempos na moto e 1 tempo só para você: viajar, namorar, trabalhar e se divertir.

Fonte: REVISTA DUAS RODAS, edição 299.

A única moto 5 tempos.
4 tempos na moto
e 1 tempo só para você.